

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 1970. N.º 17 147 ANO 50.º PREÇO 1\$50

Na pág. 16 pode encontrar uma ajuda... Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?

1x2
totoBOLA

HOJE! &
suplemento
Exclusivo
internacional

o MUNDO em nova dimensão

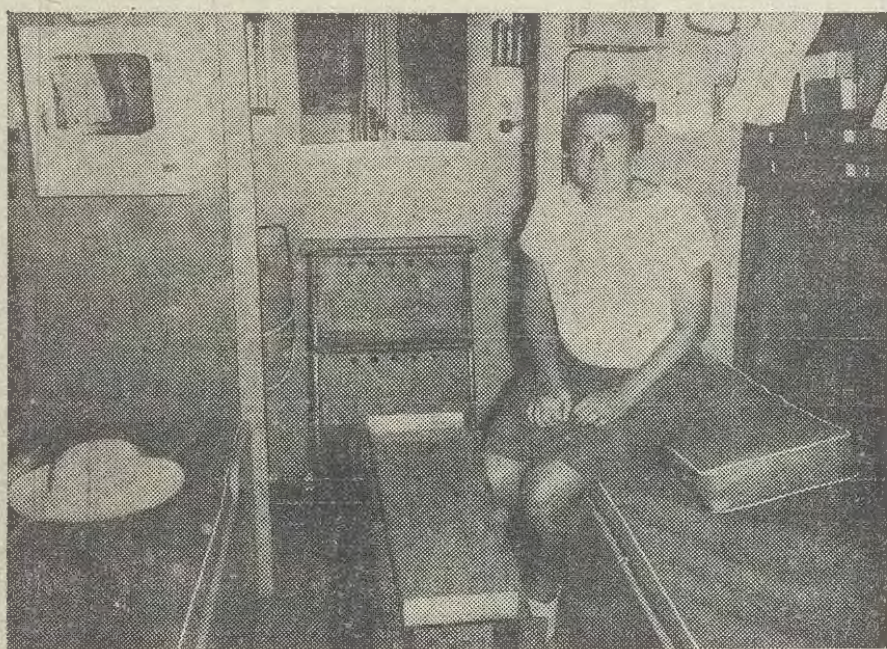
A PUBLICAÇÃO DO NOVO SUPLEMENTO «EXCLUSIVO» OBRIGA-NOS A INTERROMPER, A TERÇA-FEIRA, A HABITUAL EDIÇÃO DO «DIÁRIO DE LISBOA-JUVENIL», QUE SERÁ TODAVIA RETOMADA, EM NOVOS MOLDES, DENTRO DE POUCO TEMPO.

«Desmilitarização» do Vaticano

CIDADE DO VATICANO, 15 — (F. P.) — Numa carta ao cardeal Villot, Paulo VI anuncia a dissolução de todas as unidades militares pontificias, à excepção da antiquíssima guarda suíça. Os corpos suprimidos são

os de 140 gendarmes pontificios, dos 488 guardas palatinos e dos 60 guardas nobres. Assim neste mês do centenário da tomada de Roma pelos italianos, o Papa não conserva junto de si senão os seus fiéis guardas suíços.

(Continua na última página)



CIENTISTA-NAVEGADORA SÔZINHA NO ATLÂNTICO

A navegadora solitária dr.ª Elizabeth Leeson, cientista da Universidade de Oxford, a bordo do seu novo barco, construído na ilha da Madeira, com o qual irá proceder a investigações de biologia marítima em diversas zonas do Atlântico. (Ler, na página central, reportagem do nosso correspondente RUI CAMACHO).

Por má interpretação do Código da Contribuição Industrial

MERCEEIROS PAGAM CONTRIBUIÇÃO A MAIS

— afirma o respectivo Grémio

Muitas centenas de retalhistas de mercearia sofrem graves prejuízos todos os anos em virtude da diferença de critérios na fixação do montante dos lucros tributáveis para os três grupos de classificação previstos no Código da Contribuição Industrial.

Referindo-se ao problema, o Grémio dos Retalhistas de Mercearia do Norte, Centro e Sul afirma, no último número do Boletim: «Diversos agremiados nossos — muitas centenas e não umas dúzias somente mais de uma vez têm mostrado o grave prejuízo que sofrem todos os anos em consequência de certa discriminação de que se consideram vítimas e que constitui um peso a somar aos que dificultam o exercício da sua vida comercial. Essa discriminação é a que se verifica ao ser fixado o montante dos lucros tributáveis em relação aos retalhistas de mercearia



BOBBY MOORE, o duplamente famoso ás do futebol britânico — devido à arte com que trata o esférico e às acusações colombianas — enveredou por uma nova actividade: a publicidade. Aqui o vemos numa loja de Oxford Street, no centro de Londres, levantando nos braços o modelo Kate Howard. O anúncio é de meias-calças, como se pode imaginar

POR UM MILHÃO E SETECENTOS MIL CONTOS

A TAP VAI POSSUIR DOIS AVIÕES GIGANTES

A TAP encomendou dois aviões Boeing 747-B que deverão ser entregues em Fevereiro e Maio de 1972 para entrarem ao serviço em Abril e Junho desse ano, respectivamente — anunciou hoje aos jornalistas o presidente do conselho de administração da TAP, eng.º Vaz Pinto, no decorrer de uma conferência de Imprensa, no Hotel Ritz.

Falando para dezenas de representantes dos órgãos da Informação, entre os quais os jornalistas ultramarinos e das ilhas adjacentes que se encontram em Lisboa, a convite da TAP, o eng.º Vaz Pinto disse que a referida encomenda envolve um investimento da ordem de 1 milhão e 700 mil contos e obteve aprovação governamental em 24 de Agosto. Os dois aviões

(Continua na página seguinte)

ONU: A MAIOR REUNIÃO DE ESTADISTAS. (Ler na página 15)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — (Ler na pág. 2)

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

O CONSELHO DE MINISTROS REUNIU-SE PELA 1.ª VEZ DEPOIS DAS FÉRIAS

Após um período de férias que teve a duração de um mês, voltou a reunir-se hoje, como fora anunciado, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros, sob a presidência do sr. prof. dr. Marcello Caetano.

No período que decorreu de 15 de Agosto até hoje, todos os membros do Governo — ministros, secretários e sub-secretários de Estado — gozaram férias. Nem todos, porém, estiveram ausentes dos respectivos gabinetes durante 30 dias seguidos.

Dado que a máquina governativa não pode parar, todos os ministros, de uma ma-

neira geral, estiveram nos respectivos gabinetes dois ou três dias por semana.

No que diz respeito ao Presidente do Conselho verificou-se apenas uma diminuição de audiências concedidas ao seu gabinete de trabalho, em S. Bento.

Ontem, regressaram de férias os ministros do Interior e das Obras Públicas, o secretário de Estado da Agricultura e o sub-secretário de Estado da Juventude e Desporto, os quais aproveitaram o período de repouso para efectuar visitas a diversos serviços dos seus departamentos na província.

O Conselho de Ministros de hoje é o penúltimo a que presidirá o sr. prof. dr. Marcello Caetano antes de completar dois anos como Chefe do Governo, no dia 27 de corrente.

TERMINOU A VISITA DO CHEFE DO ESTADO AO DISTRITO DE AVEIRO

AROUCA, 15 — Terminou nesta vila a visita de três dias que o Chefe do Estado fez ao distrito de Aveiro.

O almirante Américo Thomaz chegou a Chão de Ave, limite do concelho, pelas 11 horas da manhã, vindo do vizinho concelho de Oliveira de Azeméis. Ali, na freguesia de Cesár, tinha visitado a União Industrial, na impossibilidade de observar todas as importantes unidades fabris da zona.

O almirante Américo Thomaz e comitiva, que incluía o sub-secretário de Estado da Administração Escolar, conselheiro Albino dos Reis e chefe do distrito, foram recebidos pelo presidente do Município oliveirense dr. Artur Barbosa, vereação e demais autoridades locais.

Já em Arouca, o Chefe do Estado chegou cerca das 11 e 30 a sede do concelho, sendo recebido por autoridades e povo. Estava igualmente presente o bispo auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão, natural deste concelho.

Visitou então, demoradamente, o velouto convento de Arouca, incluindo o seu museu de Arte Sacra. Foi-lhe depois oferecido um almoço, após o qual subiu ao monte da Senhora da Mo, cartaz turístico aroquense, a fim de admirar dali todo o ubérrimo vale do concelho.

O Chefe de Estado regressou ao fim da tarde a Lisboa.

Comissão de Turismo de Chaves

CHAVES, 15 — Em representação da Comissão Municipal de Turismo de Sintra, o sr. Almeida Torres entregou um guia à Comissão Regional de Turismo local, sendo-lhe oferecido um passeio pelo parque de campismo e outros locais de interesse.

Administração de Propriedades BANCO DO ALENTEJO



música nas férias

A melhor oportunidade, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, para comprar um Renault 10, 1300 c. c., já equipado com um rádio Voxson.

RENAULT 10

EM COLABORAÇÃO COM O AGENTE DISTRIAL MARIO GONZAGA RIBEIRO RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 15-C T. 767167

BOUTIQUE 007

SALDOS PARA O INVERNO AV. HESSANO GARCIA, 32-D

Será ainda hoje restabelecido o tráfego na linha do Sul

ODEMIRA, 15 — Deverá ser restabelecido hoje, ao fim da tarde, o tráfego na linha do Sul, obstruída numa extensão de cerca de 150 metros devido a um deslameamento — o quarto na mesma zona — entre as estações de Amoreiras e Odemira. Os trabalhos de desobstrução, um pouco demorados por dificuldades do terreno, iniciaram-se ainda ontem à noite.

O acidente foi causado por um elevado número de mortos e feridos. No entanto, apenas se registaram ferimentos ligeiros em alguns passageiros e contusões de maior gravidade em três ferroviários, os srs. Manuel Margarido, de 54 anos, maquinista do comboio sinistrado. Jorge Manuel Baptista, de 36 anos, condutor e António Fernando Rodrigues, guarda-freio.

O primeiro fio transportador para o Hospital de São José e os outros dois para o Hospital de Odemira.

DOIS BOEING 747-B ENCOMENDADOS PELA TAP

(Continuação da pág. anterior)

serão utilizados nas linhas Lisboa-Luanda e Lisboa-Nova York, prevendo-se no período de Abril a Junho daquele ano, três voos semanais na primeira e dois na segunda e, no período de Junho a Setembro, sete e quatro voos, respectivamente.

Por outro lado, o eng.º Vaz Pinto anunciou que a TAP encomendou também para a sua rede de médio curso, mas uma unidade Boeing 727-100, a ser entregue em 1971.

O investimento relativo à compra dos dois Boeing 747-B integra-se num conjunto de investimentos previsto para o período de 1970 a 1974 e que envolve outros aviões e investimentos conexos, num montante global de cerca de 4 milhões e 500 mil contos.

Na parte relativa a edifícios, destaca-se o novo hangar em construção no aeroporto de Lisboa, cujo custo se eleva a cerca de 220 mil contos. Segundo acentuou o eng.º Vaz Pinto, trata-se de um im-

vestimento que não deveria, em princípio, caber à Companhia. Acrescentou, no entanto, que tendo em vista o elevado montante dos investimentos próprios da Companhia, se espera que o Governo possa dar ao problema uma solução satisfatória para os interesses em presença.

Os novos aviões encomendados são do mais recente modelo do tipo Boeing, tendo um raio de acção para 7900 quilómetros e velocidade de cruzeiro de 950 km/h. A sua lotação é de 370 lugares, podendo ainda transportar 21 toneladas de carga e correio.

Na conferência de Imprensa, o eng.º Vaz Pinto anunciou, também, aumentos de capital, associados a emissões de obrigações, convertíveis ou não em acções, até aos limites legais. O primeiro aumento de capital (de 250 mil contos) está previsto para 1971. Ainda a propósito, manifestou o desejo de que o público do ultramar subscreva em maior percentagem essa nova emissão de acções.

ALLENDE PARECE DISPOSTO A NACIONALIZAR TAMBÉM AS INDÚSTRIAS ESTRATÉGICAS

SANTIAGO DO CHILE — Salvador Allende ganhou as eleições presidenciais com um programa socialista e com acusações feitas ao capitalismo e imperialismo, culpadas de todos os males do país. Mas vai herdar uma economia, uma sociedade, melhor dizendo, dominada pelo Estado, a um ponto inteiramente desonhoso dos outros países latino-americanos de tendência socialista.

Dado esse papel predominante do Estado, Allende terá poderes bastante extensos — que, em muitos casos, evitarão a necessidade de invocar o processo constitucional de consulta.

Além disso, o Governo é fortemente centralizado, e os poderes actuais do presidente são consideráveis, num país democrático.

Um inglês, que conhece bem o Chile, descreve esta situação, caracterizando-a com as seguintes palavras: — Allende, como nós, os socialistas a Inglaterra, quando chegar ao poder, vai descobrir que afinal já está tudo socializado.

Claro que não é bem assim, mas a verdade é que a maioria dos objectivos a nacionalizar se encontram já nas mãos do Estado: electricidade, petróleo, transportes, aço (com uma minoria de capital privado) e açúcar.

tem muitos bancos estrangeiros no Chile — o First National City Bank controla 1% do crédito comercial. O Banco do Estado, com os outros estabelecimentos governamentais de crédito e o Banco Central, garantem um monopólio virtual do Estado sobre a finança. Uma das primeiras medidas da «revolução na liberdade» de Frei foi o reforçar o seu «contrôle» sobre o mercado do dinheiro. Allende nacionalizará também, ao que parece, as indústrias estratégicas.

Grande parte da indústria — bastante pouco desenvolvida — do Chile encontra-se nominalmente nas mãos de empresas privadas chilenas. Mas a direcção destas unidades é de facto pertença da Corporação para o Desenvolvimento, organização de Estado, que fornece os créditos de investimento e circulação.

A indústria de aço pertence, em 55%, à Corporação para o Desenvolvimento. Produz 600 mil toneladas por ano, parte das quais para exportação. As necessidades internas são agora satisfeitas a preços que não excedem em muito as taxas internacionais, mas as indústrias de produção de aço pertencem a Bethlehem Steel, que é uma das poucas grandes sociedades que restam no Chile.

Em segundo lugar na lista das prioridades de Allende vêm os bancos. Exis-

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

SÃO AMPLOS OS PODERES DO PRESIDENTE

As opiniões divergem quanto a saber se as empresas de Estado são bem geridas. O Chile parece ter sido, em geral, mais eficaz que outros países da América Latina.

Frei viajou muito, para proceder a inaugurações das empresas do Estado. Muitas vezes foi acompanhado por um padre, que lhes lançava a bênção, muito embora o Estado fosse laico.

Um dos projectos prioritários de Frei, a criação de uma indústria de celulose, desenvolveu-se rapidamente e a exportação do papel é agora rentável. Mas o complemento necessário a esta indústria, o repovoamento florestal, parece estar num atraso de 80 por cento em relação aos objectivos fixados por Frei.

No domínio social, a maior parte das universidades dependem do Estado, mas gozam de certa autonomia. As escolas são muito politizadas e os marxistas gozam da maior audiência.

Das três cadeias de televisão, uma depende do Estado e ficará, portanto, sob «contrôle» de Allende, outra pertence à Universidade de Estado e é dominada pelos marxistas, a terceira está nas mãos da Universidade Católica e é controlada pelos democratas-cristãos (disidentes de extrema-esquerda que fazem parte da coligação de Allende).

Até aqui a imprensa era um quase-monopólio da família Edwards. Há vários outros jornais que se vendem (incluindo um jornal pertencente ao Estado e vários outros, controlados pelos comunistas e socialistas). Mas os jornais «Mercurio», de Agustín Edwards são os de maior circulação. Allende indicou

que velaria por que a cadeia Mercurio passasse para os sindicatos, como aconteceu no Peru. Edwards possui também um banco, um monopólio sobre a indústria da cerveja e consideráveis propriedades. Se fosse eliminado, desaparecería grande parte do sector privado.

Os domínios onde Allende não foi precedido de nacionalizações anteriores compreendem a distribuição, as importações e as comunicações. A International Telegraph and Telephone partilha a rede internacional telegráfica com outras companhias privadas e controla a companhia do telefone — nacionalização que Frei não completou.

Um dos projectos prioritários de Frei, a criação de uma indústria de celulose, desenvolveu-se rapidamente e a exportação do papel é agora rentável. Mas o complemento necessário a esta indústria, o repovoamento florestal, parece estar num atraso de 80 por cento em relação aos objectivos fixados por Frei.

Grande parte da indústria — bastante pouco desenvolvida — do Chile encontra-se nominalmente nas mãos de empresas privadas chilenas. Mas a direcção destas unidades é de facto pertença da Corporação para o Desenvolvimento, organização de Estado, que fornece os créditos de investimento e circulação.

A indústria de aço pertence, em 55%, à Corporação para o Desenvolvimento. Produz 600 mil toneladas por ano, parte das quais para exportação. As necessidades internas são agora satisfeitas a preços que não excedem em muito as taxas internacionais, mas as indústrias de produção de aço pertencem a Bethlehem Steel, que é uma das poucas grandes sociedades que restam no Chile.

PRIORIDADE AOS BRANCOS

A indústria dos nitratos está também em vias de nacionalização e as minas de ferro, de importância mínima, estão nas mãos dos chilenos. Os nitratos pertencem a Bethlehem Steel, que é uma das poucas grandes sociedades que restam no Chile.

O objectivo principal de Allende é o cobre, que representa 75 por cento dos rendimentos do país. Criada embora por companhias americanas, a indústria do cobre encontra-se agora, em grande parte, nas mãos do Governo, graças aos esforços de «chilenização» do presidente Frei. Nos termos de acordos actuais, a nacionalização do cobre deve ser feita por etapas, e não de uma só vez, como Allende prometeu.

Por seu turno a Liga para o Divórcio reclama um processo contra o episcopado toscano por ter denunciado o projecto de lei Fortuna-Basini instituinte o divórcio na Itália. O cardeal Michele Pellegrino, arcebispo de Turim, acabou de declarar publicamente que este projecto é dos piores que existem.

RECTANGULOS da VIDA ALGARVE VIA ALENTEJO

O que pensarão as gentes do Norte que desçam a Europa de carro em busca de sol, que por fim encontram — de sol, somos nós ricos, e também de águas tépidas e serenas — no extremo Sul da nossa terra, o que pensarão pois ao atravessar, durante horas, as desérticas estradas alentejanas? Falamos do estrangeiro como podíamos falar de português, só que o português já está habituado, nasceu nisto, ouviu sempre falar no celeiro de Portugal, na grande propriedade e por aí fora. Sabe que é assim e segue adiante. Infelizmente o Alentejo, tal como se nos apresenta quando vamos para o Algarve, serve só para seguir

adiante e todos desejamos atravessá-lo o mais depressa possível. O viajante pára às vezes, quando muito, em Santiago para almoçar na Pousada ou em um salto a Sines a fim de tomar um banho revitalizador. A pressa do viajante é, porém, compreensível. Ele quer deixar para trás esse nada ardente que é a estrada alentejana. É que há dezenas e dezenas de quilómetros de deserto cultivado, sem um modesto restaurante-bar na beira da estrada, um pequeno motel onde o viajante cansado possa ficar até ao dia seguinte, uma simples bomba de gasolina. De subito não estamos mais para o Algarve, serve só para seguir

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO



se e desértico. Ora para quem não viaja de avião (ainda uma minoria), nem de comboio, para o português médio ou o turista médio, em suma, a estrada alentejana é o caminho obrigatório.

Verdade seja que os algarvios não têm nada a ver com isso. Nem os alentejanos a quem no fundo não compete cuidar do turismo alheio. O problema cabe, parece-nos, ao turismo em geral. Porque a estrada alentejana é talvez o seu principal caminho automóvel.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

TRAGÉDIA NUM «BOEING»

FOI MORTO A TIRO UM HOMEM QUE QUERIA DESVIAR O APARELHO PARA A COREIA DO NORTE

NOVA YORK, 15 — (R.) — Um guarda armado matou a tiro um homem que tentou hoje assaltar um avião de passageiros da T. W. A. anuuiu a Agência Federal de Aviação.

O assaltante ameaçou o piloto do Boeing-707 que fazia uma carreira entre Los Angeles e San Francisco, intimando-o a seguir para a Coreia do Norte.

O piloto conseguiu aterrar em San Francisco e logo que o avião parou uma guarda a paisana que seguia a bordo alvejou o assaltante a tiro.

Um informador da companhia disse que o avião assaltado transportava 42 passageiros e 7 tripulantes, tendo partido de Nova York com destino a San Francisco e escala por Chicago e Los Angeles. Este foi o primeiro assalto a um avião americano desde que o presidente Nixon ordenou a colocação de guardas armados a bordo dos aviões das carreiras internacionais e de algumas carreiras internas.

O guarda alvejou o assaltante não se encontrava a bordo para proteger o avião, mas sim para tomar conta de uma carga valiosa pertencente a uma empresa particular.

O assaltante tinha ameaçado um tripulante com uma pistola e dissera: «Quero ir para a Coreia do Norte».

O DIVÓRCIO EM ITÁLIA

ROMA, 15 — (F. P.) — Um informador dos «divorziisti» (partidários do divórcio), o deputado socialista (P. S. I.) Alfredo Baldoni-Guerra, acabou de interpellar o Governo a propósito do escândalo Casati.

O parlamentar pergunta se é verdade que o marquês Casati-Stampa (que se suicidou no mês passado depois de ter morto a mulher e o amante desta) teria obtido a anulação dum primeiro casamento pagando uma importância elevada a um tribunal eclesiástico.

Por seu turno a Liga para o Divórcio reclama um processo contra o episcopado toscano por ter denunciado o projecto de lei Fortuna-Basini instituinte o divórcio na Itália. O cardeal Michele Pellegrino, arcebispo de Turim, acabou de declarar publicamente que este projecto é dos piores que existem.

CURSOS DE LÍNGUAS EM PORTUGAL

NA CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES (International House) encontram-se abertas as inscrições para os cursos de Inglês, Francês e Alemão, a começarem no próximo mês de Outubro.

Além do ensino da Língua Inglesa para principiantes até ao Proficiency da Universidade de Cambridge na Central School este ano funcionam também cursos de orientação comercial em inglês e de conversação para alunos adiantados.

A Secretaria está aberta todos os dias úteis das 9 h. às 21 h., os testes efectuam-se das 10 h. às 12 h. ou das 18 h. às 20.30 h. na Rua Marquês Sá da Bandeira, 16, em Lisboa.

Pe'a COMISSÃO ORGANIZADORA, Dr. Fernando Olego Gouveia da Veiga, Brigadeiro Silvino Gouveia Marques, Inspector Emilio Simões de Abreu, Comendador António Burity da Silva

Alberto de Lemos Junior, Dr. Raimundo Pelhares Troço, José Carlos Pinho Valente, Fernando da Silva Laíres

CASA DE ANGOLA

A todos os interessados na inscrição como sócios da CASA DE ANGOLA, a Comissão Organizadora informa que tem a sede, provisória, na RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, n.º 255, 1.ª, Dt.º (telefone 68 50 32), por amável deferência do Centro das Actividades Económicas de Angola, onde serão também prestadas todas as informações.

A referida sede encontra-se aberta todos os dias úteis das 10,30 às 12 h e das 15 às 18 horas.

Pe'a COMISSÃO ORGANIZADORA,

Dr. Fernando Olego Gouveia da Veiga, Brigadeiro Silvino Gouveia Marques, Inspector Emilio Simões de Abreu, Comendador António Burity da Silva

Alberto de Lemos Junior, Dr. Raimundo Pelhares Troço, José Carlos Pinho Valente, Fernando da Silva Laíres

NOTA diária

UMA «RENTREE» POLITICA

NAO VAI SUPOR-SE que a «rentree» politica aqui chamada é aquela que poderia sinalizar-se com a reunião do Conselho de Ministros marcada para hoje, a partir da qual é legítimo, para quem se interessa por estas coisas que são coisas de todos nós, começar a contar os dois meses que medeiam daqui até à abertura da próxima sessão da Assembleia Nacional. Era legítimo e não seria destituído de interesse. Mas onde falta a informação, a simples conjectura pode levar a jogos de suposto virtuosismo que só por acaso as realidades virão a confirmar. O jogo, de resto, está ao alcance de todos os amadores. Quem quiser que faça as suas apostas.

A «rentree» considerada é a do prof. Antunes Varela, que poucas ocasiões tem tido de se exprimir em público desde que se retirou da primeira fila da cena politica no posto de ministro da Justiça que ocupou durante alguns anos, Fê-lo, no domingo, com a oportunidade de tecer o elogio do seu companheiro de Governo, prof. Pinto Barbosa, a quem a Murtosa, sua terra natal, prestou homenagem e agradecimento. Tópicos principais do discurso: a serenidade do financista, o seu pendor para o social, a reforma fiscal, a ortodoxia, a acção quando, «no meio da perturbação que se apoderou de todos» (Angola, 1961) estabeleceu a divisão entre o supérfluo e o inadiável.

No plano social, sector que a si próprio pareceu grato tratar em algumas das declarações públicas que produziu como ministro, o prof. Varela lembrou que o prof. Pito Barbosa «procurou melhorar a situação do funcionalismo público» através da «críticas melhoria e revisão dos vencimentos levada a cabo em 1958». E lembrou também «ter sido pela mão inovadora do prof. Pinto Barbosa que o Estado introduziu através dos estatutos do Banco de Fomento o primeiro exemplo de participação dos empregados nos lucros da empresa». O que, tudo junto, no seu elogio, o orador considerou «medida precursora de novos rumos».

No domínio fiscal, disse considerar que o antigo ministro das Finanças e actual governador do Banco de Portugal foi «um dos mais operosos colaboradores de Salazar dentro das coordenadas clássicas do sistema definido pelo autor do ressurgimento financeiro do País». E ao louvar a reforma que empreendeu focou dois pontos: a lembrança coimbrã da ajuda técnica prestada pelo prof. Teixeira Ribeiro na sua elaboração e, mais tarde, «os desvios introduzidos por alguns diplomatas ulteriores», dos quais disse que lhe «prejudicaram a traça geral». Resumiu: progresso incontestável na justiça tributária.

Não ficaria o quadro completo sem que nele se inserisse o traço politico. Ai, o prof. Antunes Varela deu o seu esboço: «Se quiséssemos resumir numa síntese toda a sua actividade governativa, dir-se-ia que Pinto Barbosa foi, como era seu propósito, um renovador na continuidade», assim chamando à lembrança a fórmula lançada pelo prof. Marcello Caetano. Ao que acrescentou «que o homenageado não é, felizmente, na mea encosta da vida, uma personalidade realizada que a Murtosa e o País possa tranquilamente arquivar no museu das suas realidades históricas».

Na parte final do seu discurso, o prof. Antunes Varela referiu-se aos «homens da época que a morte de Salazar acaba definitivamente de encerrar entre nós». A essa época encerrada sucede-se outra, que é do mundo de hoje com as suas crises ou, melhor, a sua crise plurimoda, com as suas dúvidas que «acabaram por assaltar a própria Igreja» e se verificam, como enumerou, dentro da família, na escola, na empresa, no âmbito das relações internacionais (crítica viva). A tudo isto que se opõe? Não se sabe. Mas acentuou que «a crise da época actual é de tal modo grave e complexa que todos não somos de mais, na vida pública ou nas próprias actividades privadas, para ajudar o País a acertar os seus rumos do futuro».

Operações de Bolsa BANCO DO ALENTEJO

abc

Uma produção de
JOSÉ MIGUEL

poema de
Paulo da Fonseca
César de Oliveira
Rogério Bracinho

Música de
João Nobre
João de Vasconcelos

Direção de montagem de
prof. Manuel Lima

Direção coreográfica
Barry Seray

Cenografia
José Manuel e Rebocho

Encenação
Camilo de Oliveira

Figurinos de
Juan Soutullo

executados sob direcção de
Josefina Soares
nos Ateliers Paiva



APOLONI: uma estatua viva!

HOJE Abriu a bilheteira para
a sensacional
ESTREIA NA QUINTA-FEIRA
DA REVISTA

ALTO LÁ COM ELAS

COM OS FABULOSOS ACTORES

CAMILO E IVONE

A BELEZA ESTRANHA DE

IO APOLONI

A VOZ DE OURO DE

TONY DE MATOS

A PLÁSTICA DE

LINDA SILVA

ORLANDO FERNANDES

VITOR ESPADINHA

(no «compêns»)

a atracção nacional

CONJUNTO SEM NOME

as jovens actrizes

Maria Tavares — Nina Flores — Mariña Gama — Lina Morgado (prémio «BEATRIZ COSTA») e Maria do Céu

Bailarinas e bailarinos internacionais

A REVISTA DO ANO!

TAUROMAQUIA

UM CARTAZ DE EXCEPÇÃO PARA UMA OBRA DE EXCEPCIONAL FILANTROPIA — A SOPA DOS POBRES DE MONTE-MOR-O-NOVO

Volta a realizar-se este ano, conforme se vai já tornando tradição, o festival tauromáquico a favor da Sopa dos Pobres de São João de Deus de Montemor-o-Novo.

Organizado, como desde há anos, pelo jornalista e crítico tauromáquico Leopoldo Nunes, o festival realiza-se na quinta-feira, à noite, na Praça do Campo Pequeno, gentilmente cedida pela empresa arrendatária.

Também gentilmente acederam ao apelo daquele nosso prezado colega de imprensa para participarem no espectáculo os artistas e os ganadeiros que compõem o cartaz. E só desta forma foi possível juntar numa só noite nomes tão prestigiosos e de tão grande projecção no mundo da tauromaquia.

Com efeito, o cartaz para quinta-feira à noite é dos que ficam na memória dos aficionados, não apenas pela qualidade de cada artista, mas pela harmonia espectacular que o seu conjunto proporciona. Vejamos: na lide apuada à espanhola participam Manuel dos Santos e António Chenel, «Antofietes», representantes de uma das mais brilhantes épocas do toureio em todos os tempos, e os espadas Amadeu dos Anjos e José Falcão, dois dos mais creditados matadores portugueses da actualidade, o último dos quais, há semanas, conquistou o troféu da Feira de Mérida, ao lado de Puerta de Córdoba; na lide equestre à portuguesa admiraremos os prestigiados cavaleiros José Mestre Baptista, Luís Miguel da Veiga e Frederico Cunha; das pernas incumbem-se os Forcados Amadores de Montemor, chefiados pelo valente Joaquim José Capoulas; e o curro é constituído por três novilhos-touros do marqués de Rio Maior, para cavalo, e quatro de Cabral de Ascensão, para os espadas.

Não faltam, pois, motivos de agrado para fazerem afluír o público à primeira praça do País. Mas acresce ainda, como motivo de atracção, o fim altamente benemerente para que reverte o produto do festival. É que, na verdade, a Sopa dos Pobres de São João de Deus de Montemor-o-Novo é uma obra do mais vasto alcance social e humanitário, a todos os títulos digna de aplauso e, mais ainda, do apoio das pessoas bem formadas. Fundada em 1915, esta instituição de assistência particular, que não tem receitas próprias, ampara 104 pobres de ambos os sexos, inválidos ou idosos, fornecendo-lhes alimentos, roupas e dinheiro. Logo de início, a Sopa dos Pobres foi instalada num edifício mandado construir para esse fim pela saudosa e benemerente montemorense sr.ª D. Maria Eduarda da Costa Praça Cunha. A quase permanente situação deficitária, porém, não permitiu, durante largos anos, que se realizassem as in-

dispensáveis obras de reparação, as quais só no ano passado puderam ser levadas a cabo graças ao produto do festival organizado também pelo infatigável e dedicado montemorense que é o nosso colega Leopoldo Nunes, grande amparo daquela prestimosa instituição. Este ano os dirigentes contam com a verba que se apurará para poderem continuar, e até melhorar, uma obra a que se entregam com desvelada devoção e que procura minorar a sorte adversa daqueles que mais não têm do que a boa vontade e o auxílio que os outros lhes quiserem oferecer.



AQUELE MENINO DE MONTE-MOR — Luís Miguel da Veiga, aquele menino de Montemor, vai encontrar-se com o seu colega José Mestre Baptista no grande festival da próxima quinta-feira, no Campo Pequeno, a favor da Sopa dos Pobres de Montemor, em que toma parte também o clássico Frederico da Cunha e os «espadas» Manuel dos Santos, «Antofietes», Amadeu dos Anjos e José Falcão. Pegam os amadores de Montemor, de que é cabo Capoulas

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

VIVEM-SE NA
FEIRA POPULAR
DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

OS MOMENTOS MAIS AGRADEÁVEIS
DIVERTIMENTOS E ATRAÇÕES DE TODOS OS GÉNEROS — PAVILHÕES DA EXPOSIÇÃO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA — RESTAURANTES — RETIROS — ESPANADAS — CERVEJARIAS — CAFÉS — BONS PETISCOS — SORTEIOS, ETC.
O PRAZER, O RECREIO DO POVO ESTÁ TODAS AS NOITES E TODOS OS MOMENTOS NO PARQUE DE ENTRECAMPUS
ABERTURA AS 19 HORAS — ENTRADA 2 ESCUDOS

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS
R. DA ESCOLA POLITÉCNICA, 259
Iambrella
VENDAS - SERVIÇO - PEÇAS



NO S. JORGE

TÍTULO: «Que há de novo, Gatinha?» («What's New, Pussycat?»)
REALIZAÇÃO: Clive Donner, 1965 (Inglaterra)
ARGUMENTO: Woody Allen
FOTOGRAFIA: Jean Badal (Tecnicolor)
MÚSICA: Burt Bacharach
MONTAGEM: Fergus McDonnell e Monique Bonnot
GENÉRICO: Richard Williams
INTERPRETES: Peter Sellers, Peter O'Toole, Romy Schneider, Capucine, Paula Prentiss, Ursula Andrews, Woody Allen, Edna Gale, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Rank Filmes.

Com cinco anos de atraso chegamos agora «Que há de novo, gatinha». Filme de Clive Donner que em 1965 teve grande êxito em quase todo o mundo e promete tê-lo igualmente entre nós em 1970. Clive Donner veio para o cinema depois de ter passado pela televisão — o seu primeiro filme (importante, já que anteriormente parece ter dirigido quatro ou cinco títulos que ninguém conhece) é «The Caretakers», sob argumento de Harold Pinter (filme que permanece inédito entre nós). A seguir vêm «A única ambição» (64), esta «Gatinha» (65), «Lupa-me desta mulher» (67) e «Alfred, o Grande» (69). Excepcionalmente o último título (obra tremendamente ambivalente e medíocre), em todos os outros Donner é um realizador interessante, por vezes de um humor negro clássico no seu espírito melancólico («A única ambição»), outras de uma modernidade barbaquea a que só falta um pouco mais de profundidade satírica para resultar em cheio (caso da «Gatinha» presente).

Com um argumentista esplêndido de imaginação (Woody Allen, que iremos ver proximamente num filme sensacional de que é argumentista, realizado pelo actor: «Take the Money and Run»), um conjunto de actores de primeira classe e uma realização suficientemente inventiva para não faltar os truques, Clive Donner faz de «What's new, pussycat» uma comédia divertida, irreverente, louca, que parece ter por fim satirizar o universo sazonal da sociedade moderna. Obedecendo às regras do vaudeville tradicional e acatando as suas imposições, Donner critica por excesso aquilo que, por exemplo, Feydeau tem «Ho-

tel Paradiso» pintava com aqiescência e bonomia. Em Paris-1920 os tempos são loucos. Toulouse-Lautrec e Van Gogh tomam café nas esplanadas e toda a gente tem uma obsessão: o sexo. Daí as intermináveis perseguições com Freud e Jung à mistura. Daí os equívocos das situações e as alusões dos diálogos. Daí toda a loucura de «Chateau Chantelle», pacato refúgio para amantes que a frivolidade dos tempos transforma numa montanha russa do quiproquó. Os ingredientes são vários: Peter Sellers é psicanalista, tem por mulher uma valquíria wagneriana, e tem uma doente (Capucine) que é toda a sua obsessão. Peter O'Toole tem noiva (Romy Schneider) e entretém-se a esgotar os seus belos tempos de juventude. Exalta um não sei qual fadado que domina as mulheres. O'Toole limita-se a aproveitar o tal que que ele também desconhecido, até que cansado (mas não rendido) procura o psiquiatra para saber do quê. Este não sabe, mas Capucine sente-se fascinada. Bem assim como Paula Prentiss, a sublimada Paula Prentiss, deve acentuar-se... «strut-in-se» apaixonada — mas não pode ser contrariada sob pena de... suicídio. Há ainda Woody Allen, notável... E Ursula Andrews, que cal de náda-queias no carro de O'Toole e adormece ter duas obsessões na vida: o náda-queísmo e o amor. No fim a Françoise Hardy escreve um casamento que não parece ter muito futuro e a gatinha acaba.

Duas ou três sequências notáveis (entre elas a tentativa de suicídio de Peter Sellers envolto na bandeira norueguesa), um diálogo brilhante de trocadilhos (que faz lembrar — também — os irmãos Marx), situações barbaqueas bem desenvolvidas e outras assim- assim (todo o filme) e um conjunto de actores invulgar — eis o conjunto final. A que se junta uma certa frustração de promissões que nos leva a dizer: que pena Clive Donner e Woody Allen terem sido tão pouco ambiciosos na sua crítica e tão superficiais nas intenções. A embalagem merecia outro conteúdo. Recentemente o José Vaz Pereira, ao criticar «Chicago, Chicago», dizia que «O bife, e não o soufflé», comanda a acção. Ora aqui parecemos accontentar o contrário: o «soufflé» está presente e o bife nunca mais vem. Decididamente, em gastronomia ninguém se entende.

LAURO ANTÓNIO

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ESTUDANTES

Ensino liceal, Dactilografia e Curso de Correspondente e/ Diploma. Tarefas pouco numerosas. Preços acessíveis. Abertas as inscrições nas SALAS DE ESTUDO LABOR Av. Guerra Junqueiro, 15-1.º Telef. 729773

Limpeza e Restauro de Carpetes

Consulte os serviços especializados da FABRICA DE TAPETES CARIAS SULIÃO. Pedidos e escritórios: Rua Conde Redondo, 4 2.º. Dir. — Telef. 59288. Orçamentos grátis.

Festival do Filme Turístico

Termina no sábado o prazo de inscrição do II Festival Internacional do Filme Turístico, que o jornal «Público» organiza no Palácio Foz, de 26 a 30 de Outubro, com a colaboração da Direcção-Geral do Turismo, da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos e da Câmara Municipal de Lisboa.

NOTÍCIAS DE TEATRO

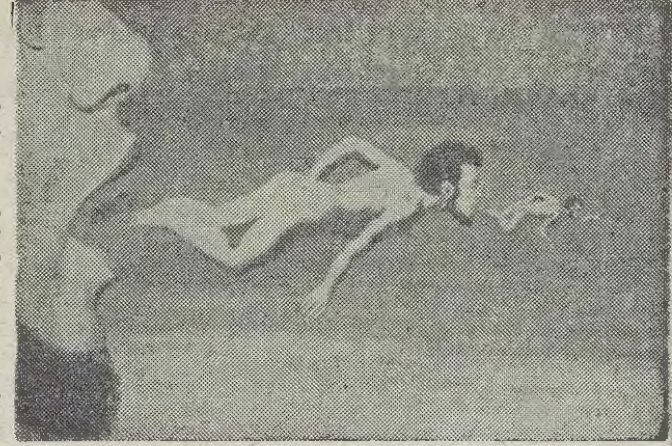
• O Teatro de Saint-Maur, nos arredores de Paris, reabriu as suas portas com a peça «Fim de Festa», de Samuel Beckett. A interpretação está a cargo da Comédie des Alpes e a encenação é de René Lesage.

• Entretanto, está prevista para 30 de Outubro, no Teatro Gérard Philippe, de Saint Denis, a estreia de «La Locandiera», de Goldoni, encenada por José Valverde.

contando ainda, com o apoio da Cinemateca Nacional e da União de Grêmios de Espectáculos.

Há numerosos filmes inscritos nesta manifestação por diferentes países: África do Sul, Itália, Canadá, Japão, Suíça, Espanha, Austrália, Líbano, Bélgica, Estados Unidos, Inglaterra, França, etc. Far-se-ão representar no festival várias companhias de aviação, tendo já acedido ao pedido de inscrição a South African Airways, BOAC, Alltalia, TWA e Iberia. Também a Mobil se encontrará presente com dois filmes: «Uma Fábula» e «Construção de uma Refinaria».

Um dos filmes belgas a exibir intitula-se «Gand», dirigido por Roland Verhavert, cineasta desconhecido em Portugal mas que é um dos mais reputados realizadores belgas. «Gand» é a imagem de uma bela cidade que une a actividade cultural à grandeza histórica do passado.

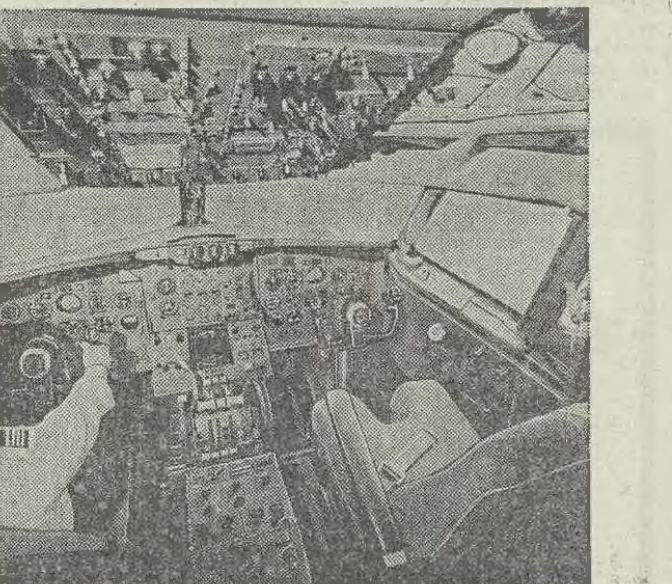


Arrabal, artista (pânico)

UMA PORTUGUESA ENCENA ARRABAL NO RIO

A actriz e encenadora portuguesa Ruth Escobar, nascida no Porto e radicada em São Paulo, trouxe agora ao Rio de Janeiro a peça «Cemitério de automóveis», do espanhol Arrabal, interpretada por Sténo Garcia, Margarida Rei, Selma Caronezzi e Cecil Thires.

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!



Quem lhe diz que não? Leia e responda a este anúncio para ter a sua certeza e a certeza de encontrar uma profissão moderna, cheia de dinamismo, responsável e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável e prestigiada e asseguramos-lhe uma formação e um treino ao mais elevado nível.

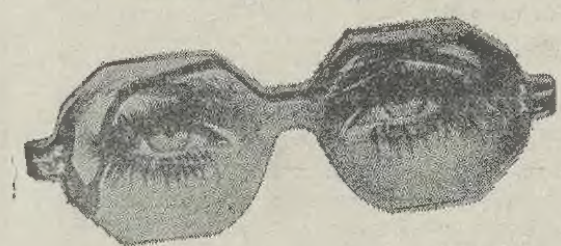
Nós somos uma Companhia em pleno crescimento e permanentemente actualizada: ampliamos e aperfeiçamos os nossos serviços, aumentamos o número das nossas escalas e a nossa frota. **PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!** Estes terão menos de 32 anos, frequência de um curso superior (ou equivalente) e a situação militar regularizada. **UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ.** Decida-se desde já: responda a este anúncio, dirigindo-se à Divisão do Pessoal Navegante da TAP, Edifício n.º 25 - 2.º andar, Aeroporto de Lisboa. Inscrições permanentes. Cursos periódicos.



Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

agora
VOCÊ DEVE IR VER



OVISON
VOADOR
no
CAPITÚLIO
TODAS AS NOITES ÀS 21,45 HORAS ADULTOS
TELEFONE 32 74 93



RAUL SOLNADO
MARIA PAULA • FERNANDA BORSATTI • YOLA MARIA LAURENT • GEORGINA CORREIO • MARIA ARTUR SEMEDO • VASCO DE LIMA COUTO DAVID SILVA • ROLANDO ALVES

e o fim da gargalhada!

Teatro TEL. 717017
Maria Matos
TODAS AS NOITES ÀS 21,45 HORAS
Sábados e Domingos também às 16 horas

EM 8.º MÊS
e apenas a 28 dias do período para o
FESTIVAL DE MADRID
a divertidíssima sátira
A RELÍQUIA
ÇA DE QUEIROZ
(Maiores de 17 anos)
AR REFRIGERADO

TEATRO
LAURA ALVES
Tel. 864756
HOJE às 21,45 horas (Maiores de 17 anos)
VASCO MORGADO apresenta o obra-prima de ARTHUR MILLER
O PREÇO
magnificamente interpretado por: Jacinto Ramos, Varela Silva, Glória de Matos e, em reparação José Gámbao
Encenação de Jacinto Ramos
Cenário de João Vieira
Tradução de Mário Casals Ribeiro
Domingos, à tarde, às 16 h.

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

Centro de Psicologia

Aplicada à Educação

Foram adiadas para datas a designar os cursos de Pedagogia das Línguas Vivas, de Inglês e Francês, organizados pelo Centro de Psicologia Aplicada à Educação, que se deviam iniciar respectivamente hoje e no próximo dia 21. Adiado foi também o curso de Metodologia, que igualmente deveria principiar hoje.

Entretanto o Centro de Psicologia Aplicada à Educação organiza de 21 a 25 do corrente um curso de Tecnologia Educacional e Orientação Escolar, que será orientado pelos profs. André Ribeiro e Paul Frankard, e de 28 a 30 outro curso, sobre Pedagogia da Educação Sexual, que será orientado pelo dr. João A. Nabais, com a colaboração de D. Maria Palmira Duarte, do I. S. C. S. P. U. e pelo dr. Nuno Medeiros, médico endocrinologista.

Ricardo Covões

Passa amanhã o 89.º aniversário do nascimento do benemérito Ricardo Covões. Para comemorar a data, a direcção dos Inválidos do Comércio promove, às 12 horas, uma romagem de saudade ao seu túmulo, no cemitério do Lumiar.

Seguir-se-á, na Casa de Repouso da instituição, um almoço em que participam representantes da família do homenageado, cerca de 500 internados e os dirigentes de Inválidos do Comércio.

Como de costume, as refeições servidas amanhã na Casa de Repouso de Inválidos do Comércio serão custeadas pela família Covões.

SERVIÇO TELEFÓNICO AUTOMÁTICO PARA A GUARDA E COVILHÃ

Os CTT — CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL — comunicam que a partir do dia 15 do corrente às 0 (zero) horas os Senhores Assinantes com acesso ao serviço interurbano automático do grupo de redes de LISBOA (TLP) e dos grupos de redes do PORTO (TLP), AVEIRO, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, COIMBRA, COVILHÃ, FIGUEIRA DA FOZ, IDANHA-A-NOVA, LEIRIA, MEALHADA, PENAFIEL, POMBAL, SANTARÉM, S. JOÃO DA MADEIRA, SETÚBAL, TORRES NOVAS, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA FRANCA DE XIRA, VILA NOVA DE FAMALICÃO e VISEU passaram a obter directamente os assinantes das redes automatizadas do grupo de redes da GUARDA para o que devem marcar:

do grupo de redes de LISBOA 0051
dos RESTANTES 051

Para obterem a rede manual do GUARDA devem marcar os indicativos a seguir indicados e pedir à telefonista o número pretendido:

do grupo de redes de LISBOA 00512
dos RESTANTES 0512

Informa-se ainda que a partir da mesma data são também alterados os indicativos interurbanos para obter o grupo de redes da COVILHÃ:

Grupo de redes de LISBOA de 005 para 0059
RESTANTES de 05 para 059

J. PIMENTA, SARL

Não há que hesitar. A empresa que lhe convém para comprar propriedades é J. Pimenta, SARL — a única que projecta, constrói, decora, vende e administra as suas propriedades.

J. Pimenta constrói em moldes diferentes do normal, mas com garantia absoluta. A GARANTIA, J. PIMENTA É MESMO GARANTIA.

Em Paço de Arcos, Cascais, Amadora, Lisboa e Luanda pode adquirir um dos já famosos Apartamentos Mobilados, um andar ou um estabelecimento comercial, DESDE 100 CONTOS, E FICARÁ EXCELENTEMENTE SERVIDO.

J. PIMENTA, SARL tem para si Moradias, Andares de 2 a 10 divisões assoalhadas, Apartamentos Mobilados, para habitação ou aluguer, Estabelecimentos Comerciais e Armazéns de 20 metros quadrados a 200 metros quadrados. PREÇOS DESDE 85 CONTOS.

INFORMAÇÕES E APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º

Telefa. 4 58 43 / 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 / 22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Mattias

Telefa. 243 35 11

CASCAIS: Rua Regimento Infanteria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75

Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88



“ACEITE O NOSSO CONVITE”

MILHARES DE LEITORES PARTICIPARAM ENTUSIASTICAMENTE NO 16.º SORTEIO

Milhares de leitores estão a participar entusiasticamente no concurso «Aceite o nosso convite». Mais uma vez o facto se verificou no 16.º sorteio, ontem realizado nos serviços administrativos do «Diário de Lisboa», que teve a presença do sr. Afonso Valente, chefe do departamento de promoção

e venda do nosso Jornal, e foi dirigido pela sr. D. Maria dos Santos Chamorro Mesquita, oficial do Registo Civil. Encarregou-se da extração do sorteador da coleção de cupões a concorrente Maria José Valério, que assim, gentilmente, colaborou na nossa iniciativa.

Os concorrentes premiados

Ficou constituída, como segue, a relação dos premiados efectivos e dos estabelecimentos que lhes couberam em sorte:

1.º — Eudália de Fátima das Neves Cabrita Peres, Travessa do Gestal, 4, 5.º, dt.º, Lisboa (Adagio); 2.º — Miguel Fernando Moniz Moreira, Escadinhas da Saúde, 4, 3.º, eq.º, Lisboa (Adega Machado); 3.º — Justina Lopes Ferreira Oliveira, Rua Correia Teles, 25, 4.º, eq.º, Lisboa (Arábica de Alfama); 4.º — António Conceição Santos Lopes, Rua Felizardo de Lima, 43, r/c, Vila Nova de Gaia (Archot Club); 5.º — Mário Rui Nunes Bernardo, Rua Guadalupe, 104, n.º 5, Lisboa (Baluca); 6.º — Ivo dos Santos Loto, Rua Marques Sá da Badelara, 114, 4.º, Lisboa (Bonaparte Bar); 7.º — António Paiva de Castro, Avenida da República, lote 4, r/c, dt.º, Parede (Casino Estoril); 8.º — José Eduardo de Macedo Totta de Oliveira, Rua Cidade de Nova Lisboa, lote 220, 8.º-B, Olivais Sul, Lisboa (Policore); 9.º — Luís José de Sousa Cruz e Castro, Rua Dr. Eusebio Leão, 4, 2.º, frente, Barreiro (Forte Velho); 10.º — Emília Gueifão Oliveira Barros, Rua Dr. Teófilo Braga, 5, 2.º, eq.º, Olivais (Galeria Real); 11.º — Maria Dulce Gonçalves, Rua da Junqueira, 464, 3.º, Lisboa (Hippopotamo); 12.º — Wenceslau Florindo da Costa, Rua Newton, 22, 2.º, dt.º, Lisboa (Kaverna); 13.º — Rui Fernando Sarrão Assis dos Santos, Centro de Estudos Psicotécnicos do Exército, Casas (Lar Português); 14.º — Julieta Lisboa Rodrigues, Rua de Campolide, 68, 2.º, Lisboa

(Lord); 15.º — Manuel Gomes Pinha, Fraceta Dionísio Matias, 3, r/c, eq.º, P. de Arcos (Máximo); 16.º — Maria Otília Lima, Rua Cidade de Malaga, lote 152, 7.º-D, Olivais Sul, Lisboa (Mil e Um); 17.º — Manuel Rodrigues Barbosa, Rua de Oliveira, 52, 6.º-C, Moscavide (O Forcado); 18.º — Lucio de Campos Martins, Rua David de Sousa, 31, 3.º-Esq.º, Lisboa (Parreirinha de Alfama); 19.º — Horácio da Silva Pinto, Rua Tenente Ferreira Durão, 4, r/c-D, Lisboa (Pop-Fado); 20.º — Elísio Octávio Mendes Barbosa Vicente, R.

sa Senhora da Oliveira, Samora Correia (Terrace das Beirutas); 21.º — Carlos Artur da Silva Gonçalves, Rua da Calçada, Figueiró dos Vinhos (Fragata Real); 22.º — António Manuel Mora Mestre — Monte Gordo — Algarve (Severa); 23.º — Manuel Maurício Bravo Ferreira, Avenida de Roma, 36, 3.º, dt.º, Lisboa (Guitarra da Madragoa); 24.º — Fernando José de Almeida, Rua Capitão Rê, 69, 2.º, dt.º, Lisboa (Solar do Minho); 25.º — Alda do Patrocínio Teixeira, Avenida Marechal Carmona 145, 1.º, dt.º, Amadora (Sanzala);



Maria José Valério colaborou no sorteio realizado ontem, encarregando-se da extração das coleções de cupões premiados

Tenente Ferreira Durão, 68, 2.º-Esq.º, Lisboa (Solar da Madragoa); 21.º — Jorge Manuel Martins Ferreira, Campo Grande, 190, 1.º, dt.º, Lisboa (Snob); 22.º — Maria Manuela Castro da Silva Novais dos Santos, Praça Rainha Santa, 5, 2.º, dt.º, Lisboa (Tágide); 23.º — Francisco dos Santos Januário, Rua Prior do Crato, 8, 1.º, Santarém (Taverna do Embuçado); 24.º — Lídia Gomes Fernandes, Caracol da Graça, 3, caveir, Lisboa (Timpanas); 25.º — Manuel Marques Roque, Bairro Nos-

VISITA DO SR. ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ ÀS MODERNAS INSTALAÇÕES DE AMORIM & IRMÃOS, LDA.

— ORGANIZAÇÃO INTEGRADA NO MAIOR COMPLEXO INDUSTRIAL DE CORTIÇAS DO MUNDO

● Presença, também, do Chefe do Estado num dos bairros que a Organização Amorim está a erguer para os seus colaboradores e donativos de 100 contos para a Fundação Salazar

SANTA MARIA DE LAMAS — Para terminar o programa de visitas que ontem efectuou, no concelho da Felra, o sr. almirante Américo Thomaz, acompanhado de sua esposa e de todas as altas individualidades que com ele iniciaram esta visita ao distrito de Aveiro, esteve nas modernas e vastas instalações de Amorim & Irmãos, Lda., em Santa Maria de Lamas, empresa integrada num grupo de organizações que, sob a mesma direcção de uma das mais prestigiosas famílias da região, constituem o maior complexo industrial de cortiças do Mundo.

O Chefe do Estado foi recebido naquela unidade industrial, fundada há cerca de meio século, e constituindo, actualmente, uma das mais progressivas empresas nortenhãs, ali trabalhando cerca de 450 operários, pelos sócios fundadores da Organização Amorim, sr. comendador Henrique Alves de Amorim e D. Rosa Alves de Amorim que representava sua irmã D. Ana Pinto de Amorim, bem como pelos srs. Armando Gomes da Mota, D. Albertina Ferreira Amorim, José Ferreira Amorim, D. Maria Fernanda Vasconcelos Alves de Sousa Amorim, António Ferreira Amorim, D. Margarida Ferreira Amorim, Américo Ferreira Amorim, D. Maria Fernanda Oliveira Ramos Amorim, Joaquim Ferreira Amorim, D. Margarida Ferreira Amorim, Manuel Martins Ferreira da Silva, D. Luzia Ferreira Amorim,

Marcelino José Nunes Coelho, D. Isaura Ferreira Amorim e Victorino Relvas Coelho.

Em seguida, a descerrar uma placa comemorativa desta visita a Amorim & Irmãos, Lda., o sr. Presidente da República recebeu do sr. comendador Henrique Alves de Amorim um cheque de cem mil escudos destinado à Fundação Salazar, sendo entregue também por D. Rosa Alves de Amorim a Senhora de Américo Thomaz um cheque para obras sociais e de beneficência, bem como um artístico trabalho de cortiça.

Depois, o Chefe do Estado e as individualidades que o acompanhavam assistiram ao Livro de Honra da empresa, após o que, na companhia dos dirigentes da Organização Amorim, visitou pormenorizadamente as modernas instalações desta unidade industrial, as quais ocupam uma área de 48 000 m² com uma superfície coberta de 28 000 m².

Quatro organizações a trabalhar em plano excepcional para o desenvolvimento económico do País

Esta empresa de Santa Maria de Lamas, como já referimos, é uma das primeiras de um vasto complexo industrial, coadunado, actualmente, com o de maiores proporções e possibilidades que em todo o Mundo se dedica à indústria corticeira, sendo, de

facto, extraordinariamente valioso o contributo que, há já muito tempo e sempre em progresso, tem vindo a dar ao desenvolvimento económico do País.

Amorim & Irmãos, Lda., dedicando-se à transformação da cortiça simples, tem, no entanto, um optimo continuador para a sua actividade na Corticeira Amorim, Lda., uma das empresas desta grande organização, a qual, desde 1982, mercê da adopção dos métodos tecnológicos, mais complexos, e por isso mesmo, mais eficientes, vem a dedicar-se à industrialização da cortiça ao mais elevado nível, de molde a poder corresponder às exigências dos maiores mercados mundiais.

Realmente, mercê do esclarecimento e do espírito sempre actualizado dos seus actuais sócios-gestores, srs. José Ferreira Amorim, António Ferreira Amorim, Américo Ferreira Amorim e Joaquim Ferreira Amorim, lindos continuadores de uma dinastia de grandes industriais, a quem a actividade corticeira portuguesa e o próprio País devem inestimáveis serviços, a Corticeira Amorim, Lda., surgiu para preencher importante lacuna neste valioso sector da vida nacional, sendo, presentemente, até, a única empresa que manipula e industrializa no Norte estes produtos.

Dispondo de uma área de 60 000 m² e 24 000 m² de superfície coberta, e situada a dois quilómetros de Amorim & Irmãos, Lda., a Corticeira Amorim, Lda., onde trabalham cerca de 75 operários, o que testemunha claramente o seu elevado nível tecnológico, vem a corresponder da melhor maneira às directrizes que lhe foram impostas aquando da sua fundação pelos seus jovens e dinâmicos dirigentes, integrando-se, plenamente, no ambicioso plano de constante superação que preside, desde os seus primeiros passos, a toda a Organização Amorim.

No entanto, deverá referir-se, para que se possa ficar com uma ideia bem clara sobre as possibilidades deste valioso complexo industrial e sobre a sua importância no panorama económico português, que a Organização Amorim dispõe, também, de uma fábrica de compra e transformação de matéria-prima em Rossio ao Sul do Tejo, com uma área de 15 000 m², dos quais 4 000



Na companhia do comendador Henrique de Amorim e dos sócios-gestores da Amorim & Irmãos, Lda., o sr. Presidente da República visita as modernas instalações daquela importante organização de Santa Maria de Lamas

são cobertos, e onde trabalham cerca de 50 operários, bem como de outra unidade fabril em Silves, a qual dispõe de uma área de 123 000 m², dos quais são cobertos 14 800, onde trabalham 53 operários, em regime de 24 horas. Esta unidade criada recentemente no Algarve é, aliás, mais uma prova inofusável do esclarecimento e da integração dos activos responsáveis da organização nas necessidades económicas do País, já que visa a ampliação no fabrico de novos produtos na actividade corticeira: a indústria de isolamento de cortiça. E também aqui, tal como acontece nos outros ramos desta frondosa árvore industrial, o nível de industrialização é altamente elevado, de modo a que seja possível corresponder às constantes solicitações que permanentemente lhe chegam dos maiores e mais exigentes mercados estrangeiros.

250 milhões de escudos volume total de vendas anuais da Organização Amorim, o que representa 15 % da exportação total da cortiça portuguesa

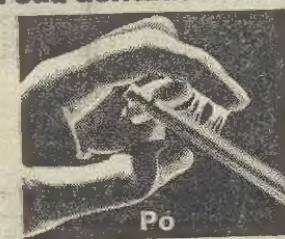
Mais claramente do que todas as palavras que se possam utilizar para definir a grandeza desta organização, constituindo só por si fiel testemunho do saber, actualização e desejo de bem-servir a economia do País dos quatro irmãos que estão presentemente a gerir os destinos da Organização Amorim, quatro jovens industriais cujo lema poderia ser sintetizado em «trabalhar mais para serem mais úteis», melhor do que quaisquer palavras, diziamos, são os números que este grupo de empresas de Santa Maria de Lamas pode orgulhosamente apresentar para credenciar a

sua frutuosa actividade: presentemente, o volume de vendas anuais de Amorim & Irmãos, Lda., é ligeiramente superior a 140 milhões de escudos, enquanto a Corticeira Amorim, Lda., atinge os 110 milhões. Assim, sendo quase todas estas vendas feitas para o estrangeiro, temos, que os 250 milhões de escudos que constituem o volume anual da Organização Amorim representam 15 % da exportação total da cortiça portuguesa e a escala nacional, 1,2 da exportação total do País.

E justo é que se acentue, até como mais uma demonstração inofusável da projecção no estrangeiro da Organização Amorim, em cujos escritórios trabalham cerca de 70 pessoas de ambos os sexos, que os seus dirigentes, para poderem corresponder da melhor maneira às so-

(Continua na 18.ª página)

Um simples lápis pode provar que: POLI-GRIP—creme fixativo—consegue fixar a sua dentadura melhor do que qualquer pó!

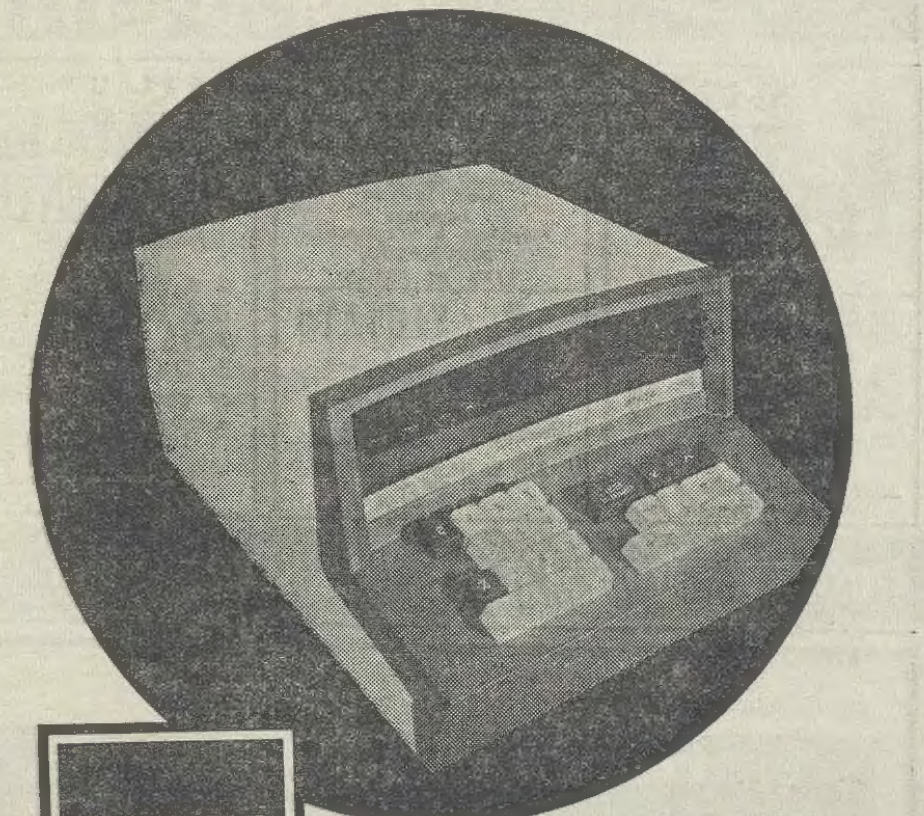


Pó
Pegue num lápis, humedeca-o e espalhe por cima um pó fixativo. Com um dedo exercia pressão sobre o lápis. Agitando a mão, verificará que o dedo se desprende do lápis. Esta é uma das maneiras de comparar e provar como alguns fixativos o podem desluzir, porque não aderem completamente.



Poli-Grip
Faça o mesmo com Poli-Grip. O lápis não se desprenderá do dedo. Não acontece com o lápis e não acontecerá com a sua dentadura. Poli-Grip é três vezes melhor do que qualquer pó, porque é um creme homogêneo que adere na totalidade — é confortável e macio. Poli-Grip conserva fixa a sua dentadura.

POLI-GRIP
3 vezes melhor do que qualquer pó.



ANITA
SÉRIE
1000

A NOVA CALCULADORA ELECTRÓNICA PARA ESCRITÓRIO, QUE UTILIZA CIRCUITOS INTEGRADOS.

EM EXPOSIÇÃO NO HOTEL RITZ DE 15 A 17 DE SETEMBRO.

MODERN OFFICE, LDA.
Rua Joaquim António de Aguiar, 41-22.d., telef. 563718, teleg. office, lisboa



Uns momentos de descanso, à sombra das árvores do Jardim 9 de Abril

JARDINS de LISBOA

6

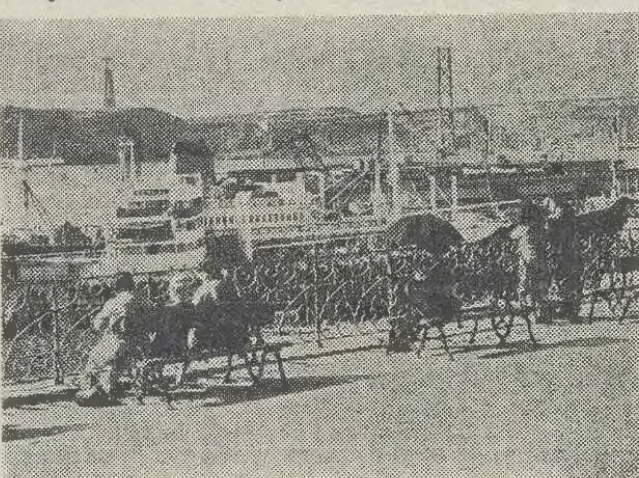
CHAPÉU-DE-CHUVA EM DIA DE SOL

Um jardim de aspecto pacífico, com abundância de sombras e um recanto dos mais belos (feijadilho verdejante, local de reunião de tribo) assinala uma batida da guerra de 1914-1918. Trata-se do Jardim 9 de Abril, que perpetua os feitos das armas portuguesas na batalha de La Lys. Onde a violência foi gerar paz...

Com um apanágio cheia de cor — a Rocha do Conde de Óbidos, a doca de Alcântara, navios que chegam, navios que partem — entalado entre os edifícios do Museu Nacional de Arte Antiga e da Cruz Vermelha, o jardim 9 de Abril surge como um oásis, num suave contraste.

Dois camionetas de turismo esperam, à saída do museu, pelos passageiros. Depois de observado o pa-

trimónio artístico, a zona do porto, em plena laboração. Navios que chegam,



Navios que partem, navios que chegam...

BOM APETITE

CERVEJARIA E RESTAURANTE
R. do Sol, 9
(Junta ao Parque Mayer)
Aberto até às 3.30 h
ESPECIALIDADES DIARIAS
AR CONDICIONADO
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Tel. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE TATU
Campo Grande, 80
Tel. 76 91 81
AMANHÃ
PEIXOADA À BRASILEIRA
QUINTA-FEIRA
PATO NO Forno
VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rue Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h)
Telefone 53 07 58

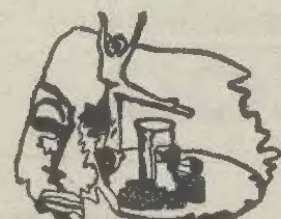
RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790 211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Premiado pelo S. N. 1

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

18.ª COLEÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 15 de Setembro de 1970



ESTÁ NO TEJO O «AUTRALIS» COM 1475 PASSAGEIROS

Com 1475 excursionistas a bordo, chegou hoje ao porto de Lisboa o paquete «Australis», da Chandos Lines. O navio, que regularmente visita a capital portuguesa, em viagens de cruzeiro, levantará ferro, às 2 horas da próxima madrugada, com rumo a Southampton. A maioria dos passageiros do «Australis» é inglesa.

Manhã na praça MUITOS FREGUESES SIGNIFICAM NEGÓCIO...

Apesar de situada num bairro onde existem supermercados em número apreciável, a praça de Campo de Ourique tem bastante movimento. Mesmo a meio da manhã, ainda ali se vê muita gente a fazer as compras do dia e, no recinto das bancas de peixe, mal se pode romper. Géneros não parecem faltar.

Porquê preferir a praça ao supermercado? Serão diferentes os preços? Bem, assentemos que o supermercado é, digamos, mais ordenado, mais prático, os preços estão marcados, não há que discutir. Mas, no que toca a géneros frescos, os supermercados não têm ainda tanto por onde se escolher como os mercados não-super. Além de que há ainda toda uma questão de mentalização, pois muito boa gente considera que os primeiros constituem um luxo.

Um pormenor que não passa despercebido a quem visita o mercado de Campo de Ourique, actualmente, e o fez há alguns anos atrás, respecta ao tipo de frequência. Dantes, com efeito, viam-se muitas servidas, algumas acompanhando os respectivos patrões. Hoje, a bem do progresso, a maior parte dos clientes compra para si, veste com desconhecimento e abandona o aparelho de superioridade com que se costumava dirigir às vendas. Conclusão: num bairro cheio de carácterístico, um mercado movimentado bem abastecido, onde não faltam flores de muitas espécies, a dar mais uma alicha ao já colorido conjunto de pessoas, coisas e palavras.

PREÇOS DOS PRODUTOS

O quilo das cebolas estava a 2800; das batatas, a 1870; das cenouras, a 3850; do tomate, a 2350 e 3800; do feijão-verde, a 2850 e 4800; da azeitona, a 8800; dos alhos, a 304; do pepino, a 4800; dos pimentos, a 4800. O molho de espinafres vendia-se a 9800; das nabes, a 7800; e alface, a 1800.

PEIXE

Víamos o quilo das lulas a 38800; do carapau, a 8800; do peixe-espada,

a 11800; da marmota negra, a 22800; da corvina, a 25800; da garupa, a 18800; da pescada branca, a 45800.

FRUTA

Observámos o quilo das maçãs a 6800; das peras, a 9800; dos pêssegos, a 11800; das uvas, a 8800 e 12800; do melão, a 10800 e 12800; das bananas, a 8800.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia de ovos estava a 9800, 11870 e 14800. O quilo do frango «limpo» vendia-se a 22800.

DONNA DE CASA

PAPEL DA JUVENTUDE NA COMPREENSÃO MUNDIAL — TEMA TRATADO NA REUNIÃO DO ROTARY

No Hotel Tivoli efectuou-se hoje, mais uma reunião do Rotary Clube de Lisboa. A sessão, presidida pelo dr. Ruy Pires Branco, foi dedicada à Semana da Compreensão Mundial.

Desempenhou o serviço de protocolo o eng.º Xavier de

Quadros, tendo a secretária estado a cargo do prof. Erasmo Chaves.

A palestra regulamentar foi proferida pelo eng.º Guimarães Ferreira, que falou do «Papel da Juventude na Compreensão Mundial». O orador começou por referir o Conselho Mundial de Cartazes relativos à Paz Mundial organizado pelo Rotary Internacional destinado à juventude. Teceu várias considerações acerca do papel decisivo da Compreensão Mundial no estabelecimento definitivo da Paz ao nível mundial e terminou exaltando a figura notável do padre Dominique Pècaud, lembrando as suas sempre tão actuais afirmações: «A Paz é algo mais do que o silêncio dos canhões! Creio firmemente que a sorte dos homens está, mais do que nunca, na mão dos próprios homens. A Guerra ou a Paz dependem de cada um de nós. Que cada qual, desde o mais poderoso ao mais humilde disso tome consciência».

Seguidamente projectou uma série de diapositivos relativos ao referido concurso de cartazes.

Tomaram-se assim as precauções necessárias para prevenir um possível surto de raiva.

Cabeça de macaco em análise no Instituto Câmara Pestana

O estudo e análises, a efectuar pelo Instituto Câmara Pestana, é a cabeça do macaco que ontem foi abatido a tiro de arma caçadeira, no Beato, levando ainda muitos dias, informaram-nos dali esta manhã. Aquelas análises têm por objectivo verificar se o símio estava ou não infectado.

O macaco apareceu ontem na Rua José do Patrocínio, ao Beato, saltando de um para outro beato e atacando quantos dele se aproximavam.

Após várias tentativas infrutíferas para capturar vivo o animal, o comando da 2.ª Divisão da P. S. P. autorizou o sr. Baltazar Pinto, a abate-lo com uma arma caçadeira.

OLINDA DE SOUSA vai cantar fados por aí fora

Olinda de Sousa canta o fado há alguns anos. Tem actuado em diversas casas típicas e também já participou em muitos espectáculos no continente. Agora prepara as malas para (no próximo mês) ir até à Madeira e a Angola exhibir-se na interpretação de fado clássico.



HISA VALLI — OUTRO ADEUS

Hisa Valli esteve em Lisboa por poucos dias. Depois de ter cumprido um contrato de dois meses no restaurante típico «O Fado» (de Madrid), passou pelo cariz de alguns espectáculos de variedades efectuados nas proximidades da nossa capital mas já voltou a Espanha, exactamente por ter revalidado (por mais quatro meses) o seu compromisso para com o empresário Manuel Patrício.

KLIO DENARDOU: PARAGEM EM LISBOA

Klio Denardou, a melhor intérprete da edição-1969 das «Olimpiadas da Canção», esteve já no nosso País, como convidada para o «show» internacional da «Grande Prémia TV», que se realizou a 22 de Maio, no Cinema Monu-

mental. Agora, designada como intérprete da melodia grega que vai concorrer ao «V. P. L. C.» (Quinto Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro) aproveita a viagem para nova paragem em Portugal, onde a coligação de

empresários Takis Cambas — Artur Pereira, lhe proporciona duas estíves. Além, Klio desloca-se com Takis Cambas ao Brasil; o prestigiado «homem-espectácu-

lo» de Atenas é um dos membros do júri que, no Maracanãzinho, vai apreciar as qualidades de canções de 48 países, entre os quais Portugal.

RONY VALY: ATRACÇÃO NO «MARIA VITÓRIA»

Depois de ter actuado em Angola e Moçambique, a cancionista brasileira Rony Valy vem ao Parque Mayer para ser atracção internacional da revista «Pimenta na Língua» que

vai subir à cena do Maria Vitória. Rony (lvoque de seu nome próprio) começou a carreira como cantora, mas já há 6 anos que apareceu a cantar. Tem 1 e 56 m. de altura, é morena e pesa 47 quilos.



* aceite o nosso CONVITE *

Aumenta dia a dia entre os leitores do «Diário de Lisboa» o interesse por «Aceite o nosso convite», iniciativa que proporciona — sem o menor dispêndio — o ensejo de cantar, ouvir e fado, dançar ou presenciar belos shows nos melhores restaurantes típicos e «bolões» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Algumas horas no ambiente acolhedor de restaurantes típicos e «bolões», horas muito agradáveis são oferecidas a várias dezenas de concorrentes.

Com efeito, semanalmente, realizamos um sorteio entre todos os concorrentes (e são milhares de participantes) onde se designam os premiados. Estes, com um acompanhante (parente ou amigo) terão ao seu dispor uma noite verdadeiramente inesquecível em qualquer dos seguintes estabelecimentos: Adágio, Adega Macha-

do, Arabita de Alfama, Archote Club, Baifca, Bonaparte Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hipopótamo, Kaverna, Lar Português, Lord, Maxime, Márcia Condessa, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snot, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fraga- ta Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho, Saznala, Lugo e Guitarra de Alfama.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Jure Pires, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Rua da Esperança, 174 e Tel. 661915 e Cons. min. 50800

SOLAR DO MINHO

cantam: Indauro Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Ant. das Santos Tocam: Hemenegildo Lopes e José Manuel e Rua do Vigário, 60 e Tel. 566811.

TAVAZINHA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosamundo e António de Melo-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leão e Encerra aos domingos e Cons. min. 90800 e Beato das Cortinas, 10 e Tel. 560816.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martins, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria. Tocam: Alberto Vitor e António Pires e Rua da Alegria, 58 e Tel. 367993 e Encerra à segunda-feira.

GUIARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emilia, Ana Madalena e José Teixeira Tocam: António Parreira e José Inácio e Rua da Esperança, 174 e Tel. 661915 e Cons. min. 50800

SOLAR DO MINHO

cantam: Indauro Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Ant. das Santos Tocam: Hemenegildo Lopes e José Manuel e Rua do Vigário, 60 e Tel. 566811.

FOLCLORE

Elenco: Amândio Vitor, Fernando Guerra, Luís Braga, Lúcia Ribeiro, Maria Rosa, Américo Lima, António Chaim, Fernando Ribeiro, José Maria Nobre Costa, António Rodrigues, Fernando Matos e Grupo de baile constituído por 15 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves e Cons. min. 120800 e Taxas incluídas e Rua Nova da Trindade, 22-A e Tel. 35007-323406 e Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Ilir, Odemira, Alípio de Carvalho, Emília Real, Luís Braga e Benedito Cruz. Tocam: Amândio da Ferreira e Fernando Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Jure Boreiro e Cons. min. 61850 (taxas incl.) e Rua Gilberto Rolz 24 e Tel. 66555-67341

A SEVERA

cantam: Flávia Maria, Maria Amália, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Corvalhinho e Pais e Avenida de Portugal e Rua das Góndas, 37 e Tel. 34006 e Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelo, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriano Pires, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Leão António Gonçalves. Tocam: Hemenegildo Lopes e Joaquim Pinto e Cons. min. 91861 e Encerra à quinta-feira.

Cons. min. 40800 e Travessa da Espera, 8 e Telefone 35456 e Encerra às 5 da madrugada.

LUGO

Elenco: Tristão da Silva, Fernando Pinto, Glória Maria, Augusto Almeida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Pedro Caldeira Cabral (guitarral), Fernando Alvim (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha e Trav. da Quelma, 10-16 e Tel. 562889-328503

FRAGATA REAL

cantam: Celso Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Mourão e Francisco Martins. Tocam: João Alberto e Manuel Martins e Cons. min. 50800 e Travessa de S. Miguel, 22 e Alfama e Telefone 368552

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares. Tocam: Domingos Camarinho e Joaquim do Vale e Cons. min. 50800 e R. das Taipas, 14 e Tel. 327256.

A KAVERNA

cantam: Tina Santos e Celeste Maria. Tocam: Amândio Maia e José Maria Corvalhinho e Cons. min. 90800 e Travessa do Rês de Deus, 37 e Tel. 35593

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Amândio Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Res e Cons. min. 50800 e Rua da Barroca, 133 e Tel. 36960 e 30532 e Encerra às tardes-feiras

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sotres Correia e Apolinário Dias e Cons. min. 30800 e Rua das Trinas, 67 e Tel. 669857 e Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Emelinda Amadea, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José

Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Melodia. Fundação pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva e Cons. min. 70800 e Rua de Martim, 91 e Tel. 30095-325713 e Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

Encerra aos domingos e Cons. min. 40800 e Rua da Adiga, 9 e Tel. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariano Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobrinho. Tocam: António Gomes e Miguel Silva e Cons. min. 40800 e Rua da Rosa, 219 e Tel. 368579.

GUIARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Pires. Tocam: António Bessa e Fernando Res — Encerra ao domingo e Cons. min. 35800. Largo da Penitência, 7 (Alfama) e Tel. 868505

RESTAURANTES, BARES — «BOITES» E «DANCINGS»

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 9-A. Tel. 48354 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerra aos domingos

ARCHOTE-CLUB

Danças e Rua do Filipe de Vilhena.

POP-FADO

R. Ferreira Lopes, 88-D-5. Tel. 561949

MAXIME

Conjunto 6 e Recepção e Maxime e «Show» turlético e Varie-

dades internacionais e Praça de Alegria, 58 e Tel. 53366.

ARCHOTE-CLUB

Danças e Rua do Filipe de Vilhena.

TERRA DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAXADOR)

Conjunto Manuel Vargas e Avenida Duque de Loulé, 38 e Tel. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 e Campo Grande e Tel. 790177 e Encerra às 3.30

BAIUCA

R. da Barroca, 86 e Tel. 34706

LORD

Rua Victor Carden, 14-A e Tel. 423098

GALERIA REAL

Encerra à meia-noite.

BONAPARTE CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. e R. de S. Miguel, 70 (Alfama) e Tel. 372761-6-D

FLOR DE LIS

Bar M/17, Rua da Atelate, 18 (Baile Alto) e Tel. 367136 e Encerra às 3 horas.

TAGIDE

Variedades internacionais e Largo

de Biblioteca, 18-22 e Aberto ao domingo.

SNOB

Rua do «O Século», 178 e Tel. 33713

TAMILA

Morla e a/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69-Tel. 534177 e Matinees todos os dias e Encerra aos domingos.

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Caros Portugal no seu novo re-

partido e Ocasos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil e Rua Carlos Fial, 51-A e Tel. 775695

CASINO DO ESTORIL

Logo autorizado e variedades internacionais e Telef. 264521-264526 264596 264621-264946

FORTE VELHO

Paga 3. João de Estrela e Tel. 261337

UMA MULHER SÓZINHA PELOS CAMINHOS DO ATLÂNTICO

ELIZABETH LEESON

—cientista e navegadora

FUNCHAL, Setembro — Foi há três anos que um barquinho branco, vindo de terras distantes, se chegou ao porto. Olhos experientes o viram e logo os velhos marinheiros, enclachados em praias e falésias, disseram seguros: «Um solitário». Mas os corpos cansados estendidos ao sol ergueram-se, vieram meninos descalços correndo pelo cais e olhos enrugados pelos ventos fortes do mar abriram-se de espanto, quando viram que no barquinho chegado de longe havia apenas uma mulher.

A dr.^a Elizabeth Leeson, cientista da Universidade de Oxford, começou por dedicar-se ao estudo da actividade sísmica e vulcânica nas regiões submarinas e das correntes de profundidade. A relação destes fenómenos físicos com a movimentação migatória e outros aspectos da vida das espécies animais que povoam os mares despertaram-lhe também o interesse pela biologia e o desejo de proceder a investigações pessoais nesse campo.

Correu durante três anos uma escola de navegação e realizou várias viagens ao longo das costas de Inglaterra, nas quais a sua pela se curtiu e o seu corpo ganhou o vigor e os jeitos masculinos de um verdadeiro marinheiro.

Luta com a tempestade num iate de plástico

Quando Elizabeth Leeson chegou a esta ilha, em 1967, havia quem já tivesse lido em jornais estrangeiros o seu projecto de cruzar o Atlântico, nas rotas migratórias de várias espécies de fauna marinha. Havia até quem, muitas semanas depois da sua saída de Southampton, rumo à Madeira, a julgasse já perdida.

— Isso de uma mulher andar sózinha pelo mar — diziam — é uma autêntica loucura.

Não foi, na verdade, sem grandes dificuldades que a navegadora realizou a longa viagem até ao Funchal. O seu primeiro barco — o «Wee Monarch», um fazelinho de plástico apenas com seis metros de comprimento — revelou-se incapaz de suportar as agitações da travessia, pois que as tempestades que o atingiram no Golfo da Biscaia provocaram fendas no casco, por oito das quais a água entrava com certa abundância.

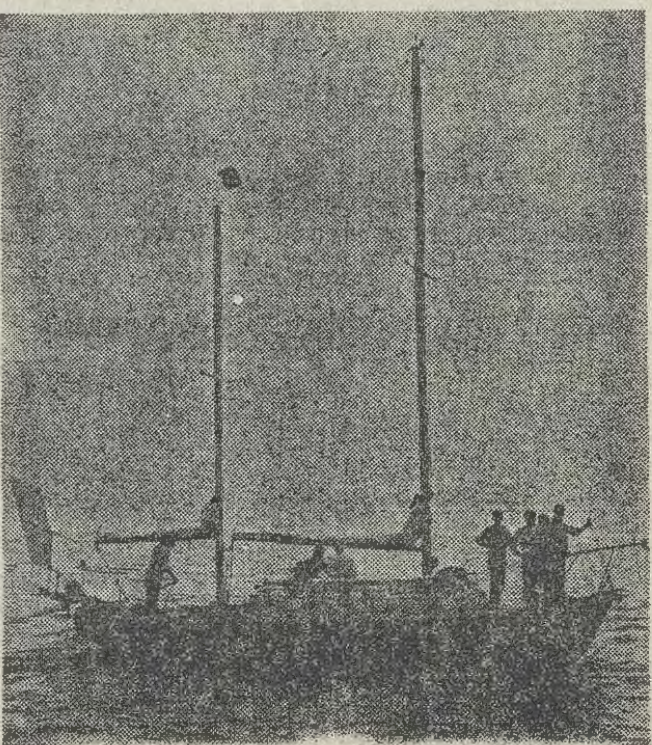
Apesar das reparações feitas aqui, Elizabeth Leeson viu-se impossibilitada de prosseguir viagem, quando, meses mais tarde, o vento fez.

Foi a resolução de adquirir um barco maior e mais resistente que originou a tão longa permanência da cientista-navegadora inglesa

na Madeira, onde reside agora oficialmente.

O recomeço da viagem num barco de construção madeirense

O novo barco de Elizabeth Leeson está pronto a



O «Mount Carmel», construído na Ilha da Madeira, momentos depois de ali ter sido lançado à água.

largar para o recomeço da viagem, rumo a Cabo Verde. Desenhado pelo arquitecto naval inglês Richard Primrose, o «Mount Carmel» foi construído em estaleiros do Funchal. O casco é de madeira e tem nove metros de comprimento. Além de dois mastros, está equipado com um motor que o pode levar, sem bastecimento, à distância de 1600 milhas. Possui receptor de rádio, luma automática e outros instrumentos de navegação, assim como variado equipamento científico, que inclui sondas, medidores de correntes submarinas, depósitos rebocáveis para animais vivos, etc. — equipamento que, em parte, foi também construído na Madeira.

— A minha próxima viagem tem por objectivo o estudo do movimento migratório das ilhas, animais de aspecto semelhante às medusas, alforrecas ou «água vivas», mas cientificamente distintos.

Elizabeth Leeson, que se exprime num português muito aceitável resultante dos seus três anos de con-



Alexei Kossyguine — apenas o compromisso da «inviolabilidade» das fronteiras

O tratado de não recurso à força, assinado a 12 de Agosto de 1970, em Moscovo, pelo chanceler Willy Brandt e pelo primeiro-ministro soviético, Kossyguine, parece ter marcado uma «viragem na História da Europa». Do lado alemão, sobretudo, foi referido com verdadeira euforia. Brandt declarou: «Com este tratado, abre-se novo capítulo na História». Foi ele ainda quem disse, logo que assinou o tratado: «Começou uma era nova». O seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Scheel, que rubricou o tratado e que o assinou depois também, declarou, ao regressar a Bonn: «Nada se opõe agora à unificação da Europa». Chegou-se mesmo a comparar o tratado germano-soviético com os tratados que a R. F. Alemã assinou com as potências ocidentais. Daí a dizer-se que as relações da R. F. A. com a U. R. S. se tinham colocado no mesmo plano que as de Bonn com aquelas potências, a um passo, que não tardou a ser dado.

Esta maneira de apresentar a «nova situação» faz crer que alguma coisa se modificou de verdade radicalmente em Bonn. O que, ao mesmo tempo, põe em evidência que tudo quanto até à data se tem feito não foi um incitamento à paz e que todas as acusações lançadas pelo Leste contra a política federal (e repudiadas pelo Ocidente) eram, afinal, fundadas.

TÁBUA RASA DO PASSADO

Ora, esta maneira de apresentar a «nova situação» faz crer que alguma coisa se modificou de verdade radicalmente em Bonn. O que, ao mesmo tempo, põe em evidência que tudo quanto até à data se tem feito não foi um incitamento à paz e que todas as acusações lançadas pelo Leste contra a política federal (e repudiadas pelo Ocidente) eram, afinal, fundadas.

A verdade é que, com esta imagem, se fez tábuas raso de todo esse passado, que remonta à criação da R. F. Alemã, e de tudo quanto representa o problema alemão, esse problema, que, desde o berço, se colocou no coração da Europa e da paz como uma bomba a retardador. É impossível avaliar na sua justa medida, o grande acontecimento de Moscovo, sem ter em conta quer as circunstâncias em que a R. F. Alemã viu a luz do dia, quer o desenrolar da política federal (que acabou por dominar praticamente toda a política europeia do pós-guerra).

É preciso ter um modo muito singular de apreciar as questões políticas para pensar que um passado tão sobrecarregado pode ser destruído e que a política federal pode mudar, por



Willy Brandt — uma «viragem na História da Europa»

milagre. Devemos ter uma ideia exacta das razões por que o problema alemão pesa para a paz, e fim de compreendermos os motivos por que esse problema não pode desaparecer com a assinatura do tratado de Moscovo e porque continuará a ser da mesma importância e da mesma gravidade de sempre.

Para que houvesse uma mudança real da política federal, teria sido necessário passar um risco sobre o problema alemão. Por outras palavras: teria sido necessário cortar o mal pe-

la raiz — reconhecer a derrota do «Reich» hitleriano na segunda guerra mundial e abandonar os «tabus» da política federal, correntes desde o tempo de Adenauer. Só então o tratado de Moscovo teria o sentido que geralmente se lhe atribui; só então o problema alemão deixaria de sobreviver. Mas o problema continua de pé, depois do tratado. Ao «virar a página da História», já se encontra o mesmo problema na página seguinte.

A primeira coisa que se salientou em Bonn acerca do tratado de Moscovo foi este facto, triunfalmente proclamado, nas fileiras governamentais: «O problema alemão continua em aberto».



Willy Brandt — uma «viragem na História da Europa»

Isto quer dizer que efectivamente nada mudou, que o futuro está de reserva, enquanto não chegar o dia considerado oportuno para lutar pela solução do problema alemão, tal como ela se concebe em Bonn.

BONN NÃO RENUNCIOU

Não se trata de uma simples interpretação tendenciosa do tratado de Moscovo, feita por Bonn. Trata-se do sentido profundo do tratado que o chanceler

Por ATTICUS

Brandt logo se esforçou por proclamar solenemente ao assinar o documento de Moscovo. O tratado tem uma espécie de anexo, uma carta que Brandt dirigiu a Kossyguine, onde se diz textualmente:

«O Governo da R. F. Alemã constata que o tratado não está em oposição com os objectivos políticos da República Federal, a qual visa a paz na Europa e age nesse mesmo sentido».

Este texto diz exactamente o que pretende dizer. Ao assinar o tratado de Moscovo, o chanceler federal afirmou que o seu Governo não renunciou aos objectivos da mesma política federal que desde sempre conhecemos. Estes objectivos, reconhecidos como intangíveis, são: alteração do «status quo europeu», revisão das fronteiras alemãs a leste, reunificação da Alemanha, a maneira de Bonn isto é, precisamente as questões supostamente reguladas pelo tratado de Moscovo. Em suma, Brandt tirou com uma das mãos — a carta a Kossyguine — aquilo que deu com a outra — o tratado por ele subscrito. A política federal continua, pois, a ser reivindicativa e revisionista, apesar dos «compromissos» assumidos pelo chanceler Brandt, ao assinar o tratado de Moscovo referente às fronteiras da Alemanha de Leste. O verdadeiro compromisso assumido foi apenas o da «inviolabilidade» dessas fronteiras, isto é, o de não utilizar a força. Mas a revisão delas continua em aberto, não se pôs, de modo nenhum, a questão da sua «intangibilidade», como o jornal «Le Monde» não deixou de assinalar.

Alguns dias depois da assinatura do tratado de Moscovo, o Governo federal propôs à oposição um exame conjunto das negociações germano-polacas a reabrir em Setembro. A questão a examinar seria — especificava-se — a da linha Oder-Neisse.

Para Bonn, esta questão ainda pode ser discutida. A camarilha das organizações de refugiados de Leste continua também inspirada, no mesmo estado de espírito. Um dos «cadernos» desta camarilha, Lorenz, falando em Munique, no dia 30 de Agosto, fez uma observação que era de esperar: o não recurso à força não exclui a revisão das fronteiras.

PRÓXIMO ARTIGO: «A paciência é a arma dos vencidos»

O TRATADO GERMANO-SOVIÉTICO E O PROBLEMA ALEMÃO—1

«INVIOLABILIDADE E INTANGIBILIDADE» DAS FRONTEIRAS

Em três linhas

Vai entrar em circulação uma emissão extraordinária de selos comemorativos da Exposição Internacional de Osaka (1970, 3350, 5000 e 6550).

O Governo da Bulgária depositou o seu instrumento de ratificação do Protocolo referente à emenda do artigo 45.º da Convenção Relativa à Aviação Civil Internacional, assinado em Montreal a 14 de Junho de 1954.

Foi autorizado o reforço de uma verba inscrita no orça-

mento privativo da Administração-Geral do Porto de Lisboa (14 000 000\$00).

As Casas de Reclamação das I e II Regiões Militares e do Governo Militar de Lisboa passam a designar-se respectivamente, Casas de Reclamação da Região Militar do Porto, da Região Militar de Coimbra e da Região Militar de Lisboa.

Uma portaria do Ministério

da Economia dá nova redacção aos n.ºs 2.º, 3.º e 7.º da Portaria n.º 14 456, que fixa as condições em que a Junta Nacional das Frutas poderá aceitar o depósito de concentrado de tomate em regime de armazéns gerais.

O sr. eng. agrônomo António Queirós Vasconcelos e Lencastre, director-adjunto do Instituto do Vinho do Porto, foi nomeado vogal do

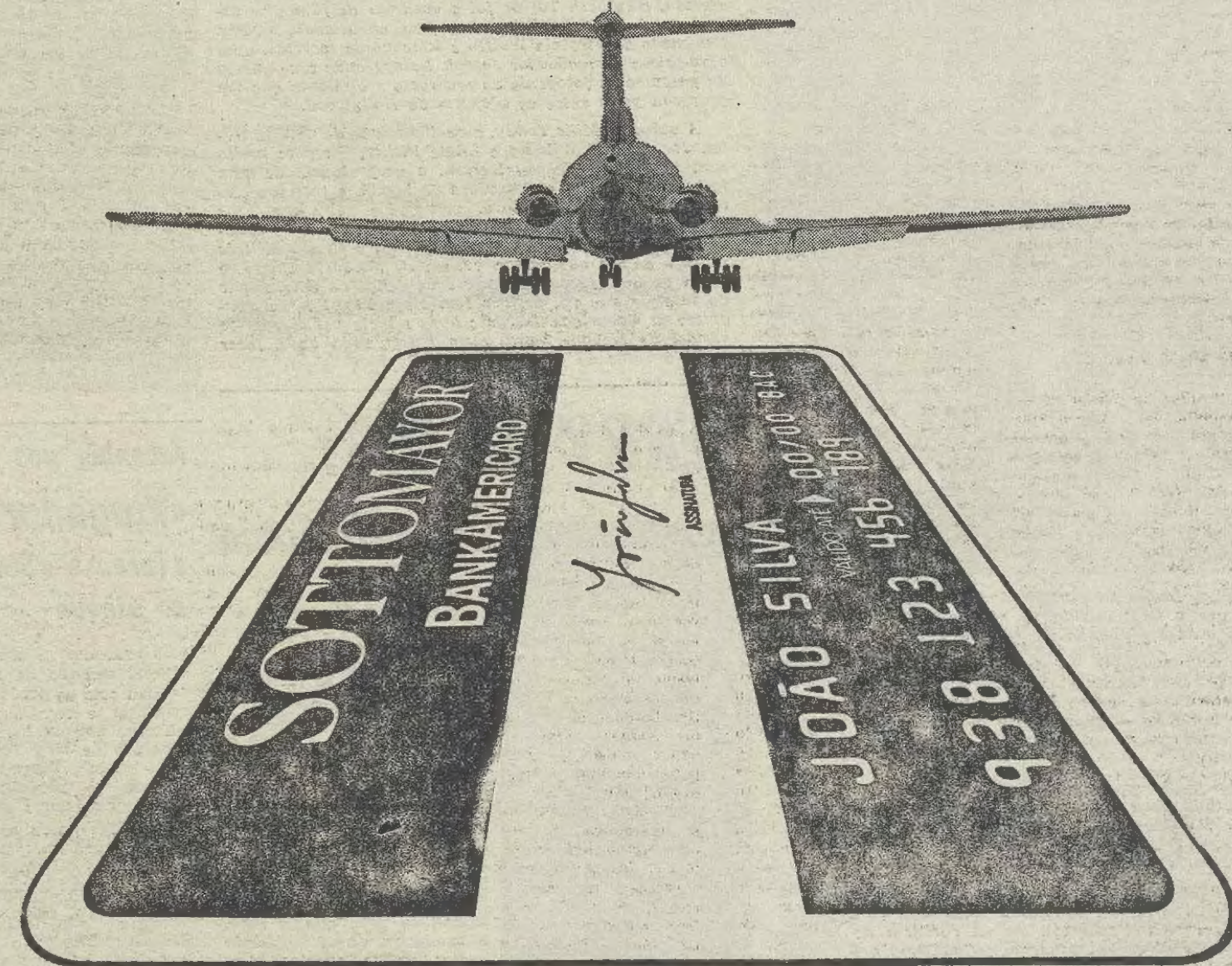
conselho do Centro Nacional de Estudos Vitivinícolas, como representante do Instituto do Vinho do Porto e em substituição do sr. eng. João de Brito e Cunha.

Está aberto concurso para professor adjunto da 45.ª cadeira (Tiro de Artilharia) da Academia Militar, ao qual só podem concorrer oficiais do quadro permanente que satisficam as condições prescritas na lei.

O sr. dr. Henrique Ribeiro foi contratado para o lugar

de segundo-assistente da cadeira de Entomologia e Helminologia do ramo de medicina tropical da Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical.

Estão patentes na Secretaria-Geral do Ministério do Interior as listas de antiguidade de pessoal, do quadro da Secretaria-Geral e do pessoal menor dos quadros do Gabinete do Ministro da Secretaria-Geral e da Direcção-Geral de Administração Política e Civil referidas a 31 de Dezembro de 1969.



VIAGE NA TAP

COM O CARTÃO SOTTOMAYOR
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Cofres de aluguel
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

O muito é feito de pouco.
Ganhando menos consue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 237

FAQUEIROS DE PRATA
TODOS OS ESTILOS
FABRICO ESPECIALIZADO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255 — LISBOA

RUI CAMACHO
(Continuação de 12.ª página)

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«LIZ» TAYLOR: PROFESSORA DE DANÇA NA «NOITE DE CINEMA» DE HOJE



Stanley Donen foi o realizador de «O melhor é casar», filme que a RTP incluiu na série «Encontro com Hollywood» e hoje é exibido no pequeno ecrã.

Na origem (U. S. A.) esta película foi intitulada de «Love is better than ever» e inclui intérpretes populares: Elizabeth Taylor, Larry Parks, Josephine Hutchinson e Elinor Donohue — quarteto em que se destaca a actual «Mrs. Burton», veterana de cinema já distinguida com o «Oscar».

«Liz Taylor apareceu nas telas em 1939, num pequeno papel do filme «There one more minute». Mas foi apenas cinco anos mais tarde (pela mão de Fred Wilcox, em «Lassie») que começou a verdadeira escalada até à popularidade mundial.

Em 1947, Elizabeth Taylor continuou a aproveitar a série de histórias da cadela amestrada para ganhar dólares e fama. Participou em «A coragem de Lassie», desempenhando um personagem («Cynthia») que a impeliu até Spencer Tracy com quem filmaria «O pai da noiva», um grande êxito de bilheteira.

Intercalando a sua actividade em Hollywood com pe-

riodo de repouso a que os médicos a obrigavam, dados os seus muitos achaques e a sua frágil constituição física, «Liz» conseguiu desempenhar «O Gigante» e, mais tarde, «Gata em telhado de zinco quente», segundo a peça de Tennessee Williams.

«Bruscamente, no Verão passado», tornou-se pedra lapidada na carreira de Elizabeth Taylor, que impressionava (também) celulosides inferiores, como foi o caso de «Uma mulher marcada», em que Eddie Fisher — seu marido na época — desempenhava o principal papel masculino e cantava «uma canção».

Há 7 anos, «Liz» foi «Cleópatra»: e conheceu Richard Burton. Cobrou o «cachet» máximo até então pago a qualquer actriz de cinema: um milhão de dólares (cerca de 29 000 contos). E apaixonou-se por Burton: que se tornou, a breve trecho, o quinto marido da «estrela».

Com uma vida pessoal perturbada por constantes incidentes, sempre de saúde abalada, permanentemente apaixonada, Elizabeth Taylor foi a «vedeta» de filmes de espectacular nível artístico («A fera amansada», «Quem tem medo de Virginia Woolf» e «Cerimónia secreta», uma obra-prima do realizador Joseph Losey) onde teve ensejo de patentear a fotogenia do seu rosto e o talento que lhe granjeou pólos entre os «adules» de Hollywood.

A viúva de Mike Todd, a ex-divorciada de Conrad Hilton Jr., Michel Wilding e Eddie Fisher, a esposa muito considerada de Richard Burton, a usufrutuária de uma fortuna colossal, a «devoradora de homens» (sempre atacada pelas tipas «Pró-Moral» maneja as matronas «clanques»), a proprietária de joias, peles, quadros, «cristais» e automóveis que valem milhões, a mãe de três filhos e de um adoptivo, vive, em «O melhor é casar», o papel de uma jovem professora de dança de uma cidade do interior que vai assistir (em Nova York) a um congresso de bailarinos. Durante hora e meia vai chamar-se «Anastasia McCoy». Para quem quiser vê-la basta fazer rodar o botão do primeiro «canal».

JERRY LEWIS: beneficência via-TV



O actor cómico norte-americano Jerry Lewis repantou, num dos últimos

finis-de-semana, cinco milhões de dólares (cerca de 143 mil contos) que foram oferecidos à Associação de Enfermidades Musculares dos E. U. A.

Foi através do seu programa de televisão, denominado «Telethon», durante 20 horas de transmissão directa, que Jerry Lewis apelou para que toda a gente contribuisse com doações para aquela obra, tarefa em que foi ajudado por outros artistas, desportistas populares e várias «figuras» apreciadas pelos «clanques».

PROGRAMA DE HOJE

1 Programa — As 19: Reabertura e série infantil — «Bela Família»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «O homem na Lua»; 20 e 5: Conheça o Portugal Desconhecido; 20 e 5: Homens e aviação; 21: Recital de piano por Sérgio Varella; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Noite de cinema — «O melhor é casar»; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: «Dick Powell» show, com Polly Bergen, John Larkin, Gloria Vanderbilt; 22 e 50: Carta de Espanha; 23 e 5: Convergência; e 23 e 55: Fecho.

SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — I Programa — 12 e 45: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: «Júlio»; 13 e 45: Telejornal; 14: «Um dia com...»; 14 e 15: Lago à noite; 14 e 20: Convide para jantar; 19: Nos bastidores do cinema; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Crónica; 20 e 15: Vamos jogar no Totobola; 20 e 30: Concerto para jovens; 22: Estúdio C; 22 e 25: «Os Vingadores»; 23 e 30: Marcha do mundo, meditação e fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: «Curto Circuitos».

TUDOR

pilhas para força motriz

D. D. EM «ESTÚDIO C»

Amanhã, o compositor-intérprete Dani Delmin aparece em mais um «Estúdio C», em que existe o rosto e a voz gravada em «play-back».

Cantões que trouxe de França, devidamente entoados: «Si les violons», «Le sable de rio», «Les mers et le vent», «J'en ai des pas sans toi», «Le coup de cœur» e «Immortal blues».

O realizador Félix Ferreira dirigiu a estomada de «vistos» e D. D. TV.

Amanhã, nos «Vingadores» «Tara» e «Steed» ao ataque



arreacadado pela exibição destes episódios ditos «clássicos».

Amanhã teremos mais um número: Tara e Steed vão «despachar» os adversários enquanto o diabo esfrega um olho.



Os Peanuts

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 15 de Setembro publicava:

«NOVA YORK, 15 — Os correspondentes dos jornais norte-americanos em Londres informam que noventa por cento das bombas lançadas pelas aviões alemães, nos ataques contra a capital britânica, caem em objectivos não-militares».

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5657

HORIZONTAIS: 1 — Leitos. Conclui. 2 — Guarnição de arames. Espelhar. 3 — Voz masculina mais alta que a do barítono. Venera. 4 — O mesmo que éris. Figura que simboliza o povo americano. 5 — Dez em inglês. Oitocentos. 6 — Aperfeiçoar. Violar um direito. 7 — Em partes iguais. Entinno. Alternativa. 8 — Encolherizaram. 9 — Bon-dados. Conjugal. Ruína. 10 — Toma doce. Lista. 11 — Móveis sobre os quais se come. Laxais.

VERTICAIS: 1 — Pesquisa. Passam a língua sobre qualquer coisa. 2 — Medida de superfície. Irmd da mãe. Composição poética. 3 — Conservam. Aniversário. 4 — Torno rápido. Tiro de fígado temperado e frito. 5 — Cure. Oceano. Compeço. 6 — Antigo definido. Origem. 7 — Gastos muito de Ver. Barro (s. p.). 8 — Provação de categoria superior à de vila. Gostar muito de. 9 — Perfumes. Manifestar medo da América Austral. 10 — Botiquim. Saudável. Canção do Sul. 11 — Terra nova e amatejada de fresco. Da Rússia (pl.).

Resolva completamente este problema? Resolva agora, em segundo passatempo e provebto leito inscrito.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5656

HORIZONTAIS: 1 — Estar. Prega. 2 — Salda. Parar. 3 — Cais. Anime. 4 — Ua. Agira. Ag. 5 — O. Ama. 6 — Alto. Ando. 7 — Aero. Aros. 8 — Alroas. 9 — C. V. Acado. Be. 10 — Col. Dom. BOM. 11 — VINHO. Amaia.

VERTICAIS: 1 — ESCUSA. Medida. 2 — Saia. To. Val. 3 — Tia. Orpa. Im. 4 — Adia. Onó. 5 — Raspa. Arado. 6 — Imo. Aro. 7 — Apaia. Adama. 8 — Gará. Arão. 9 — Era. Anos. Ba. 10 — Ramo. As. Bol. 11 — PREGAO. Tema.

(Proverbio: O BOM VINHO ESCUSA PREGAO.)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9499

HORIZONTAIS: 1 — Rumor. Gosta. 2 — Anú. Baru. 3 — MDI. Ova. Lar. 4 — Al. Acaba. Ne. 5 — Laca. Araca. 6 — Mós. Ruga. 7 — Ir. Al. 8 — Dar. Col. Asa. 9 — Im. Sori. Or. 10 — Tor. Amola. 11 — Aroma. Ramos.

VERTICAIS: 1 — Romal. Adita. 2 — Urdiam. Amor. 3 — Mui. Sair. Mú. 4 — Ao. Agor. Som. 5 — Ocas. Cara. 6 — Ivá. Bar. 7 — Abor. Iror. 8 — Ab. Atua. Imá. 9 — Sol. Agia. Om. 10 — Trança. Solo. 11 — Áurea. Caros.

adapt. CANAL 1

Pelikan para o Estudante

desenhar, pintar, safar, escrever e colar

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 5: Conhecimentos; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Gráfica da Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 5: Orquestra Ligeira; 18 e 25: Conjuntos mistos; 19 e 45: Rádio rural — Música; 20 e 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um século... Uma orquestra; 20 e 40: 10.º Episódio da folhetim «A Pedra de David»; 21 e 5: Espectáculo: Magazine de cinema, por Amândio Videla; 21 e 25: Conhecimentos; 22: Tempo de jazz, por Raul Colado; 22 e 30: Fados, por

Ada de Castro; 22 e 50: Música; 22 e 50: Música; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 17: Discos raros; 17 e 30: Perspectivas do abto de composições suíças; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditoria Juvenil); 19: Tempo literário; 19 e 25: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 45: Tiro em sol maior (Peyrel) para flauta, clarinete e acordeão respectivamente; 20: Jean-Pierre Rampal; 20 e 45: Honore; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O violonista Steven Shostak; 20 e 30: A dança «D. Paqueta» de Donizetti, comentada por Maria Helena de Freitas; 22 e 41: Prelúdio e

Fuga em sol maior (Bach); Piano: Emile Gileles; 22 e 58: Fecho.

3.º Período Cultural — 455 m — 665 kc/s — As 23: Música portuguesa; 23 e 43: Música antónica; 0 h: Conhecimentos de Broome, pelo soprano Anneliese Rotherberg; 0 e 12: Círculo «A Sonata» — A Sonata «Moderna»; 45: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Hít Parais; 19 e 30: Radioclassica; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 250,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C.D.C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Orquestra; 18

e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Radioclassica; 20 e 15: Portugal além do Buro; 20 e 30: Semano 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 3: Tercer-feira à noite; 21 e 32: Impulso; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 5: Novas de alegria; 23 e 22: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 7: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talmid. Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 4: Programa C.D.C. 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em árbitria; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa da G.O.G.; 0 e 2: Em árbitria; 1 e 2: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — As 16 e 4: Programa C.D.C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matiné teatral; 19 e 3: Miscelâneo; 19 e 20: Robbiolac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 5: Letura; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestra; 21 e 45: Mundo rádio; 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Momentos de melodia; 22 e 30: Carrossel; 23 e 4: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 726 kc/s — As 16: Radiodrama; 18: A orquestra de Joaquim Luís Gomes; 18 e 30: Tercer e bânção da basílica das Mártires; 19 e 5: Grande Piano;

19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Aguarda mexicana; 21 e 15: Bob Dylan; 21 e 30: Música de França; 21 e 45: Ouvi-se as guitarras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Penitência; 22 e 45: Música variada; 23: A 23: Jara e fecho.

NOTA INTERNACIONAL

Autocrítica cubana

A democratização progressiva da revolução cubana foi anunciada por Fidel Castro, num discurso pronunciado no princípio do mês.

Depois de criticar os processos burocráticos de administração, que entravam a sociedade socialista, o primeiro-ministro de Cuba lembrou que, mesmo sem capitalismo, pode haver «exploradores», isto é, os que pretendem gozar de situações privilegiadas. E Fidel Castro acrescentou que é necessário «enviar os ministros para os centros de trabalho, a fim de que se tornem conscientes de questões concretas».

As declarações do primeiro-ministro constituem uma autocrítica da revolução cubana, após o relativo malogro da colheita de dez milhões de toneladas de açúcar. Já em fins de Julho, o dirigente de Havana trazara um quadro realista do estado em que se encontra a economia da ilha, submetida a um cerco norte-americano rigoroso, que a torna inteiramente dependente da União Soviética. Contudo, no seu último discurso, Fidel Cas-

tro foi mais longe e denunciou o perigo de a revolução falhar pura e simplesmente, devido à emergência de uma casta pseudo-revolucionária, uma «nova classe», reconhecendo o ciclo da exploração, embora sem capitalismo. Dois tipos de socialismo divergem, assim, um de outro. Um, de tipo democrático, é preconizado pelo primeiro-ministro cubano: «Se a sociedade socialista não se apoiar nas massas, fracassará». O outro, de tipo anti-democrático, baseia-se na conquista do Poder por uma «élite», única detentora da verdade revolucionária. O malogro da «Primeira Primavera» constitui o resultado de um confronto entre os dois tipos de socialismo, em que o primeiro não levou a melhor, devido à intervenção da URSS, muito mais próxima do segundo.

A fronteira da situação em Cuba reside no facto da União Soviética ter de apoiar Fidel Castro, facilitando ali uma evolução que não consentiu na Checoslováquia.

NUNO VIEIRA

«Pirata do ar» condenado a 50 anos de prisão

PECOS (TEXAS), 15 — Jura desta cidade condenou hoje a 50 anos de prisão o americano Joseph Crawford por ter desviado um avião para Cuba em Julho do ano passado.

Crawford foi um dos seis assaltantes de aviões americanos que regressaram aos Estados Unidos, vindos de Cuba recentemente. Nos termos da lei ame-

ricana os assaltos a aviões são punidos com o mínimo de 20 anos de prisão.

BOM NEGÓCIO

PARIS, 15 — (A.N.I.) — A marcação de passageiros nos navios «Queen Elizabeth II» e «France» quadruplicou, a seguir à série de desvios de aviões pelos terroristas árabes, anuncia um informador da Companhia.

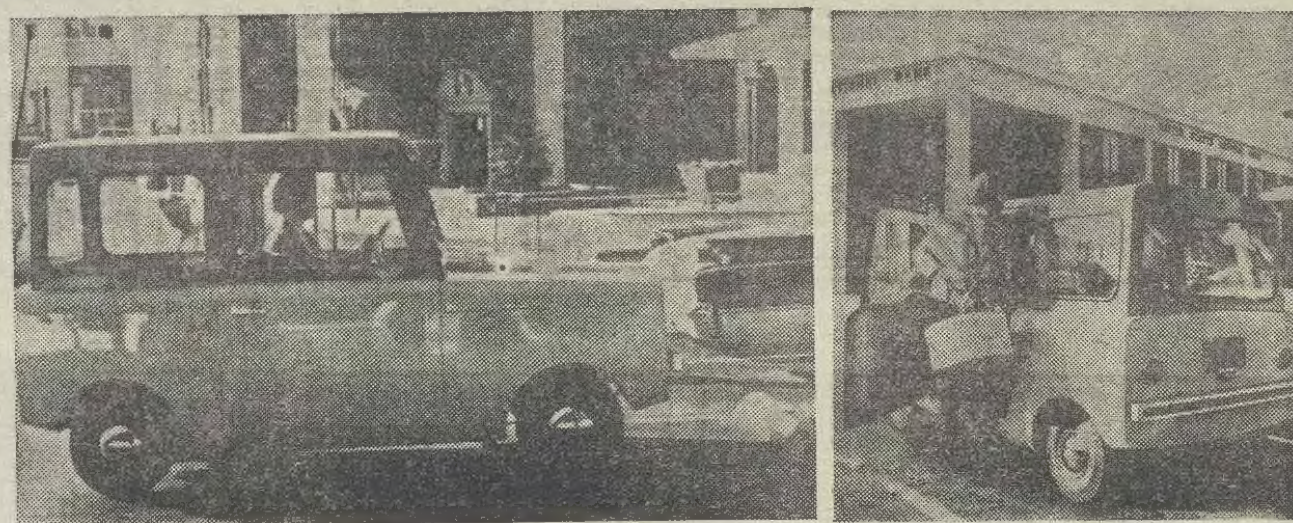
AGENTES ARMADOS NA SWISSAIR

ZURIQUE, 15 — (F.P.) — Agentes armados vão tomar lugar a bordo dos aviões da Swissair, anunciou hoje de manhã o comandante da Polícia desta cidade.

O ASSALTANTE FEZ-SE PASSAR POR REFÉM

PRAGA, 15 — (R.) — Os passageiros do avião romeno desviado ontem à noite para Munique por assaltantes húngaros regressaram a esta cidade, a caminho de Bucareste relatando a forma como se deu o assalto. Segundo testemunhas

Actualidade internacional



OS PERITOS CONCORDAM que a melhor forma de acabar com a poluição atmosférica nas grandes cidades é substituir os veículos movidos por motores de explosão por outros de propulsão eléctrica. Na foto: o mais popular automóvel eléctrico dos E. U. A. Serve para pequenas viagens aos centros comerciais e está equipado com diversas baterias que lhe fornecem a energia. O carro — o «Marquette» — pode descrever um círculo num espaço de 3,60 metros

HUSSEIN: A ÚLTIMA OPORTUNIDADE DE ACORDO COM OS PALESTINIANOS

PARIS, 15 — (F.P. e R.) — «A situação não pode continuar assim. Cada dia que passa a Jordânia afunda-se um pouco mais. Temos de ter paz ou então é a guerra», disse o rei Hussein numa entrevista ao

«Figaro», salientando que esta era a última oportunidade para um acordo amigável entre a Jordânia e os «comandantes» palestinos.

Falando sobre o estado de espírito do Exército Jordano, o rei afirmou: «Eles já estão saturados e não estão habituados a ser insultados e constantemente provocados sem poderem reagir».

Reafirmando que «isto não pode continuar», Hussein acrescentou: «Está em jogo a unidade da Jordânia, a sua posição no mundo, o moral do Exército. E depois pode recar-se que a nossa incapacidade em assumir o papel que nos cabe leve a população dos territórios ocupados a entender-se directamente com os israelitas a fim de resolver os seus problemas».

O rei Hussein concluiu a entrevista denunciando os desvios de aviões, «a vergonha do mundo árabe», disse.

O REI PRETENDERIA ABDICAR

TEL-AVIV, 15 — (F.P.) — «O rei Hussein tencionaria abdicar», escreve hoje no «Jerusalem Post» o redactor especializado nas questões árabes, citando as declarações de individualidades da Cisjordânia que ontem regressaram de Amã.

Segundo as referidas informações, Hussein deu conta das suas intenções ao presidente Nasser, ao rei Faical da Arábia, e ao coronel Muammar El Kadhafi, presidente do Conselho da Revolução Líbia.

A reacção de Nasser — escreve o «Jerusalem Post» — foi pedir ao rei para não abdicar. O presidente da R.A.U. teria sugerido a Hussein a formação de um Governo mais amplo no

CONVITE À GREVE GERAL NOS TERRITÓRIOS OCUPADOS POR ISRAEL

JERUSALÉM, 15 — (F.P.) — A Frente Popular de Libertação da Palestina convidou a população da Cisjordânia e do território de Gaza a fazer a greve geral a partir de quinta-feira, em sinal de protesto contra as prisões em massa efectuadas ultimamente pelas autoridades israelitas. Manifestos nesse sentido foram encontrados em estabelecimentos, a entrada das casas no sector oriental de Jerusalém e malogradas cidades dos territórios ocupados.

REJEITADA A MEDIAÇÃO

AMA, 15 — (R.) — A Frente Popular de Libertação da Palestina anunciou ontem à noite ter fechado a porta a qualquer nova tentativa de mediação para obterem a libertação dos 54 reféns que mantêm detidos em esconderijos secretos.

O informador disse que a exigência da Frente Popular quanto à libertação dos «comandantes» árabes detidos no estrangeiro é bem clara e portanto não há mais nada a dizer

COMBATE À DOENÇA AO NÍVEL CELULAR

COLÓNIA, 15 — (F.P.) — Pela primeira vez no mundo, um vírus, inofensivo, foi inoculado em duas pequenas irmãs alemãs, atingidas por uma grave doença hereditária, na esperança de corrigir ao nível das suas células o defeito responsável pela doença, revela o último número da revista britânica «Medical News Tribune».

Esta técnica que, se resultar satisfatoriamente, pode fazer progredir a terapêutica das doenças hereditárias, foi inaugurada graças a uma colaboração internacional entre os Drs. H. G. Thiergen, do Hospital de Crianças de Colónia, e Stanley Rogers, do Oak Ridge National Laboratory, de Tennessee (USA). Duas

garotas, de 5 anos e de 18 meses, sofrem de paraplegia, de epilepsia e de um considerável atraso mental. A sua doença, uma aminoacidopatia

muito rara, é devida a um mau funcionamento metabólico das células. Com efeito, mutações hereditárias produzem-se por vezes ao nível da célula, das quais bloqueiam ou desviam as reacções bioquímicas a níveis diferentes. Nos casos dos albinos, por exemplo, produz-se bloqueio enzimático que provoca a interrupção da oxidação e da polimerização da tirosina por esse motivo, o indivíduo deixa de possuir melanina, pigmento escuro que se encontra normalmente na pele, nos cabelos e na íris, do que resulta a sua completa descoloração.

No caso destas garotas, falta uma informação genética no seu ácido desoxirribonucleico (a ADN) é a molécula-chave da célula, é ela que é necessária a produção de proteínas como a Melanina, é ela que leva a mensagem

hereditária. Este defeito ocasiona o bloqueio da produção de uma enzima, a arginase, que controla a quantidade de arginina no sangue. E as perturbações reveladas nestas crianças são justamente devidas ao excesso de arginina no sangue.

O Dr. Rogers, ao ter conhecimento do caso das duas garotas, teve a ideia de lhes inocular um vírus, o vírus de Shope, conhecido por induzir nos coelhos a síntese da arginase. Resta agora aguardar que decorra o período da incubação do vírus, aliás inofensivo, para ver se a proporção de arginina vai baixar no sangue das duas garotinhas alemãs.

Mas pode-se desde já afirmar que, com ou sem resultado satisfatório, os Drs. Thiergen e Rogers abriram uma nova via no tratamento clínico das doenças hereditárias.

RUDI DUTSCHKE NÃO PODERÁ PERMANECER EM INGLATERRA

LONDRES, 15 — (F.P.) — O estudante alemão Rudi Dutschke, conhecido por «Rudi, o Vermelho», deverá deixar a Grã-Bretanha, por o governo britânico ter recusado a renovação da sua autorização de permanência.

Rudi, que entrou no país em 1968, para receber tratamento médico depois do atentado de que foi vítima em Berlim, tinha continuado a estudar em Cambridge.

O Home Office indicou que a licença de estada de Dutschke tinha sido prolongada para lhe permitir terminar a sua convalescença, mas que, agora no interesse público, não seria autorizado a permanecer mais tempo na Grã-Bretanha.

Português condenado em França

PARIS, 15. — (R.) — O português Abílio Martins, de 27 anos, foi condenado a 10 meses de prisão e multado em dois mil francos, ontem, um tribunal de Paris, por vender falsas cartas de condução portuguesas aos seus compatriotas.

Nove trabalhadores portugueses compraram os falsos documentos, por quantias entre 500 a 850 francos, tendo sido condenados a seis meses de prisão e multados em mil francos, mas com o benefício da pena suspensa.

Dois outros portugueses foram condenados à revelia em seis meses de prisão e multados em dois mil francos.

Dr. Mário Humberto Ferreira Marques

Confortado com os Sacramentos da Santa Mãe Igreja

FALECEU

Maria Emilia Barradas Nunes Marques, Maria de Lourdes Marques Lopes Martins, seu marido Luís Filipe Lopes Baptista Martins e filhos, Rui Nunes Marques sua mulher Maria Luísa Avelar Santos Marques e filha, Maria Julia Nunes Marques dos Santos Jorge seu marido João Neves dos Santos Jorge e filhas, Ofélia Ferreira Marques, Laura Ferreira Marques e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Serviço Chamar A Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), a hora e cemitério a determinar.

A. G. MAGNO LDA, Avenida Almirante Reis, 128-A, Telef. 51586

COMEÇA HOJE NA SEDE DA ONU A 25.ª ASSEMBLEIA GERAL

A MAIOR REUNIÃO DE ESTADISTAS

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 15 — (R.) — A 25.ª Assembleia Geral das Nações Unidas, que abre hoje, poderá vir a ser a maior reunião de chefes de Estado e de Governo da história.

Calcula-se que um mínimo de 60 e provavelmente um máximo de 90 dirigentes mundiais virão a Nova York para tomar parte nas comemorações do 25.º aniversário, as quais culminam a 24 de Outubro com uma cerimónia destinada a festejar o primeiro quarto de século da Carta da O.N.U., que foi ratificada em 1945.

O presidente Nixon, o primeiro-ministro britânico Heath e o primeiro-ministro soviético Kossyguine figuram entre os principais estadistas cuja vinda é esperada e, se surgirem as condições para uma conferência de alto nível entre as quatro grandes potências, o presidente Pompidou da França não deixará de comparecer também. Caso contrário a França poderá ser representada pelo primeiro-ministro Chaban-Delemas.

O secretário-geral U Thant, numa mensagem dirigida à Assembleia ontem à noite, afirmava que «a reunião de tantas individualidades constituirá uma oportunidade única para contactos úteis e conversações ao mais alto nível».

Além de ter dirigido um convite a título particular aos quatro grandes para que se reúnam num jantar, U Thant sugeriu que discutam problemas específicos urgentes, tal como o Médio Oriente.

Alguns observadores, porém, mostram-se cépticos quanto à possibilidade de uma conferência ao mais alto nível, pois os Estados Unidos e a União Soviética não estão particularmente entusiasmados com a ideia, uma vez que não houve preparativos para conversações desse tipo.

Um projecto de reunião do Conselho de Segurança a nível ministerial para discussão dos problemas mundiais teve de ser alterado porque o ministro soviético Andrei Gromyko adiou a sua vinda.

Nos anos anteriores, Gro-



VIAGEM DE CLIENTES SIEMENS À ALEMANHA

A convite da Siemens de Portugal e com destino à Alemanha, segue viagem antecâmara um importante grupo de clientes que, naquele país, vão ter a oportunidade de visitar os principais centros fabricais e de pesquisa da Casa Siemens, como, por exemplo, a Fábrica de Material de Instalação, em Regensburg, e o Centro de Pesquisas, em Erlangen.

Ao mesmo tempo, ao longo da semana em que irá decorrer a viagem e aproveitando as muitas horas de convívio que se irão estabelecer, a Siemens organiza com especial cuidado um programa de visitas aos pontos turísticos de maior interesse das várias cidades que vão ser percorridas. Siemens, a maior empresa electrotécnica da Alemanha, continua, deste modo, a proporcionar um contacto cada vez mais íntimo e um conhecimento mais perfeito das suas possibilidades técnicas, entre os seus clientes espalhados por todo o mundo.

TELEVISORES

Desde 98\$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 98\$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA

ESQUENTADORES

Desde 98\$80 Mensais, com montagem incluída

MAQUINAS DE LAVAR ROUPA

Oferta de 24 pacotes SKIP

MAQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 33-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534534
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimento VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova de Almeida, 99 — LISBOA

AOS QUE SE DESLOCAM A INGLATERRA

A C. P. informa que tem à disposição dos turistas nacionais e estrangeiros, que se deslocam a Inglaterra e desejam levar a seu cargo, um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha.

Pouca informações e folhetos nas Seções de Informação, nas Agências de Viagens autorizadas e Empresa Geral de Transportes.

SE TEM AUTOMÓVEL

realize deslocação a Portugal, ou a transferir, ou oferecer a seguir a 40 meses, Rua D. Estefânia, nº 12, D. — Telef. 40099-3439-1. Aguardo sua visita ao telefonar.

Carreira

Coruche-Portalegre
A Empresa JOÃO CANDIDO BELO & C.ª, LDA., com sede em Vila Freixo de Azóeiras, informa os Ex.ºs Clientes que inicia em 11 do corrente uma carreira entre PORTALEGRE e CORUCHE com ligação para LISBOA, com o seguinte horário:

Partida de PORTALEGRE às 06 e 13 e chegada a LISBOA às 12:40 horas; e partida de LISBOA às 13 e 35 e chegada a PORTALEGRE às 19 e 30 horas. Esta carreira serve entre outras localidades: Crato, Alter do Chão, S.ª, Benavilla, Avis, Pavia e Mota.

INTERESSA ÀS SENHORAS SALDOS

Uniformes para empregadas domésticas
PREÇOS INCRÍVEIS
BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA
TINTURARIA GUANABARA
Rua XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — LISBOA

ÓPTIMA E GRANDE LOJA

Vende-se ou aluga-se
NA MARGINAL
Telef. 26 12 64

CAUNY
SUPER-SUBMERGÍVEL

CRONOGRAFO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ALÉM DO MAIS...

FALTAM BONS TREINADORES NO BOXE AMADOR PORTUGUÊS

Um dos grandes obstáculos ao progresso do pugilismo português reside na escasseza de treinadores competentes.

Por norma, são antigos profissionais que tentam fazer escola. E, esses, logo de início dedicam-se a ensinar os truques da nobre modalidade, relegando para se-

ção de um conceituado técnico francês ou, e que seria melhor, para obviar às dificuldades da tradução, orientado pelo brasileiro Walter Zumbano, considerado como o melhor treinador e preparador da América do Sul.

Estamos certos de que o representante da C. B. D.

dos seus pugilistas em posição de proeminência.

E' claro que as previsões do fomento gímnico-desportivo não incluem verbas para Só com bons instrutores e o pugilismo.

treinadores se pode fomentar o boxe junto da juventude escolar. Recordemos que a M. P. já teve um centro de pugilismo e alguns dos seus componentes não sofreram atrasos na sua vida intelectual por se terem dedicado à prática pugilística.

Em Portugal, que acumula com as funções de director da Varig, não deixará de amparar a iniciativa. O boxe brasileiro, a despeito da brilhante comunicação condenatória do pugilismo feita por um professor de ginástica português, num dos Jogos Luso-Brasileiros, atravessa um período de grande expansão, com mu-

lhos da classe de pugilismo os actuais eng.º Artur Tronil, drs. João Lacerda, José António Mena Garcia, este

administrador da Sociedade Estoril, e A. Cortesão. Ensinado como deve ser o pugilismo é desporto excelente para a formação mental e física dos indivíduos. Nos Estados Unidos é utilizado como arma contra a delinquência infantil. A própria polícia mantém abertos os bairros mais pobres, ginásios onde treinadores, pagos pelos cofres do Estado, ensinam boxe e atreem para o desporto muitos rapazes.

HOJE À NOITE

FUTEBOL — Sortido do Torneio de Abertura da Associação de Futebol de Coimbra, na sede desta associação, às 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio Internacional do Dramático de Cascais: Velha Guarda Paço de Arcos-Benfica, às 21 e 15; Parede-Cascais, às 22 horas; e Paço de Arcos-Vilanova, às 23, no ringue do Cascais.

Hóquei em Patins

PRINCIPIOU EM CASCAIS O TORNEIO INTERNACIONAL

Organizado pelo Dramático de Cascais, principiou o Torneio Internacional de Hóquei em Patins — manifestação desportiva que atraiu àquela vila numeroso público. Após o desfile de todos os participantes, disputou-se um encontro entre as «velhas guardas» do Cascais e do Paço de Arcos. O encontro terminou com a expressiva vitória dos locais por 8-1.

BENFICA — Ramalheite; Casimiro (1), Garrancho, J. Vicente (2), Rodrigues (1), Nogueira e Soares.

PAÇO DE ARCOS — Ferreira; José Rosa, Vieira, Abreu, Rosa Soares (2) e Rafael.

A jornada encerrou com o encontro Cascais-Mieres que terminou com a vitória dos portugueses por 6-3.

As turmas formaram: **CASCAIS** — Quim; Abílio (1), Duarte (2), Barros (1), Cunha (2), Sombrelheiro e Cos.

Depois efectuaram-se os dois encontros referentes ao Torneio que, além da presença do clube organizador, tem a participação das equipas do Benfica, do Paço de Arcos e dos espanhóis do Mieres.

Primeiro, defrontaram-se

AGOSTINHO ELOGIADO



PARIS — A imprensa francesa dá o maior relevo ao terceiro lugar alcançado pelo ciclista português Joaquim Agostinho na prova do Fuy de Dome — uma das «clássicas» do calendário europeu destinada aos melhores «drepadores» mundiais.

O redactor desportivo do «Figaro», comparando a actuação de Agostinho com a de Poulidor, concluiu que o campeão português esteve mais perto do nível de Delisle e de Merckx do que Poulidor do nível de Agostinho.

HÓQUEI EM CAMPO

REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO

Com o propósito de resolver o problema da sucessão directiva da Associação de Hóquei em Campo de Lisboa, efectuou-se, ontem, uma reunião na sede daquele organismo.

A sessão, que em princípio fora convocada para funcionar como assembleia geral, transformou-se em reunião da direcção com os delegados dos clubes, em virtude da ausência do presidente da mesa e por não haver quem legalmente o substituisse.

Assim, os delegados do Benfica, Belenenses, Futebol Benfica, Hóquei Clube de

Portugal, Lisbon Club e do regressado Linda-a-Velha, que se encontravam presentes, acabaram por indicar para presidente da assembleia geral, da direcção, do conselho fiscal e do conselho técnico, respectivamente, os representantes do Atlético, Benfica, Belenenses e Futebol Benfica, ficando também marcada para o próximo dia 22 do corrente nova reunião, para que sejam indicados os nomes dos novos presidentes.

Em ESTREMOZ o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Rinaldo Luna e Irmão.

VAMOS FALAR DE «SISTEMAS»...

Dado que o interesse de todo o «totobolista» é conseguir 13 resultados certos, parece compreensível que se pergunte qual o interesse dos sistemas «condicionados ao 12».

Quando dizemos sistema «condicionado ao 12» estamos a referir-nos a um sistema que joga 100 por cento para a obtenção de 12 resultados certos e tem boas possibilidades para a conquista do desejado 13.

Portanto, e contrariamente ao que muitos pensam, estes sistemas não jogam só para o 2.º prémio.

O seu custo é, por outro lado, bastante aliciente, pois é muito inferior ao preço do sistema integral equivalente.

Em todos os sistemas de «condicionamento ao 12» as probabilidades de obtenção de 13 resultados certos variam, normalmente, entre os 11,11 e os 28 por cento conforme o sistema aplicado. Há casos em que estas percentagens são ultrapassadas.

Vejamus um exemplo:

7 TRIPLAS=243 APOSTAS=486\$00
(Um sistema integral de 7 triplas custaria 4374\$00)

Num sistema deste tipo, as quatro primeiras triplas são «condicionadas ao 12» e as três restantes são integrais.

O desenvolvimento apresenta-se em 9 boletins de 27 apostas e está pronto a ser copiado por quem o deseja aplicar.

Depois de escolher 6 jogos de palpite (que serão iguais em todos os boletins) aplicar-se-á o sistema apresentado nos restantes 7 jogos.

1	x	2	1	x	2	1	x	2
1	x	2	2	1	x	2	1	x
1	x	2	2	1	x	x	2	1
1	1	1	x	x	x	2	2	2
1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2
1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2
1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2

A concluir poderemos dizer que a aplicação de sistemas «condicionados ao 12» está hoje generalizada dadas as enormes possibilidades que apresenta e pela grande redução de preço em relação aos sistemas integrais.

CADA VEZ MAIS TOTOBOLISTAS

O valor dos prémios do concurso de antontem foi o maior de sempre, no que respecta ao primeiro domingo dos dez anos do Totobola. Isto não pode atribuir-se apenas ao aumento do custo das apostas, pois aconteceu que esse aumento, bem longe de fazer re-

duzir o número de concorrentes, foi acompanhado de uma significativa subida do número de concorrentes: mais 60 mil apostas que no 1.º concurso da época passada.

Quanto aos resultados dos jogos, não houve muitas «sur-

Foram numerosos os TOTALISTAS que preencheram os seus bilhetes para o 1.º concurso mas não os puderam entregar. Simplesmente porque não estavam ainda informados sobre os novos horários de encerramento das agências: agora 24 horas mais cedo que na última época.

1x2 totoBOLA

2.º CONCURSO (PRÓXIMO DOMINGO)

JORNADA EXCEPCIONAL NA 1.ª DIVISÃO

Para os adeptos do futebol, a jornada do próximo domingo do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão tem grande interesse, pois envolve jogos fundamentais, como são o Sporting-Benfica, o F. C. Porto-Guimarães e o Académica-V. Setúbal. Para os totalistas o grande estímulo está na dúvida, e se há muitas dúvidas sobre os resultados desses três jogos, elas também não faltam nos dez restantes...

Entretanto, aqui se fornecem alguns elementos que podem constituir uma ajuda.

I DIVISÃO

1. Varzim-Farense — Os algarvios, no seu primeiro jogo na 1.ª Divisão, ganharam (em Faro) ao F. C. Porto, por 1-0. O Varzim não começou tão bem: derrota em Setúbal por 0-3.
2. Académica-Setúbal — No campeonato do ano passado, os setubalenses ganharam em
3. Cuf-Leixões — Vitória da Cuf, por 1-0 no campeonato de 1969-70. Derrota da Cuf por 0-1 anteontem, para início do novo campeonato, no Estádio Nacional, com o Benfica. O Leixões, já se disse, empatou com a Académica.
4. Sporting-Benfica — Na época passada, 1-0 para o Sporting, que este ano começou bem: 3-0 no campo do Barreirense. O Benfica foi mais modesto: 1-0 à Cuf.
5. Boavista-Barreirense — Em 1968-70, 3-2 para a Boavista. Anteontem, ambos perderam: o Boavista em Santo Tirso (0-1) e o Barreirense no seu campo, com o Sporting.
6. Guimarães-Tirsense — O Tirsense entrou na 1.ª divisão com a já referida vitória sobre o Boavista, enquanto o V. Guimarães, no Restelo, não resistiu à equipa de Melrim, perdendo por 1-3.
7. Porto-Belenenses — Empate sem golos no campeonato anterior. Já referidos os resultados da jornada de abertura deste ano. O Belenenses começou bem, o Porto muito mal...
8. Vizela-Braga — Os bragueses desceram da 1.ª divisão. Estrearam-se no campeonato da 2.ª divisão com uma vitória difícil, no seu campo; 2-1 sobre o Penafiel. Ao mesmo tempo, o Vizela conseguiu um belo empate no terreno do Salgueiros (1-1).
9. Sanjoanense-Salgueiros — Na época passada: vitória da Sanjoanense por 2-0. Este ano ambos começaram mal: o Salgueiros com um empate em «casas», a Sanjoanense com uma derrota (1-3) no campo do «ex-3.ª» divisão, D. Riopole.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos concursos n.º 2 das nove épocas anteriores do Totobola verificaram-se as seguintes «chaves»:

1961/62	—x21	121	111	11xx
1962/63	—112	xx1	1x2	2xxx
1963/64	—x21	xx2	121	1xx1
1964/65	—122	122	112	11x1
1965/66	—112	12x	x2x	1x22
1966/67	—211	212	111	1211
1967/68	—111	122	xx2	x2x2
1968/69	—x21	212	211	1222
1969/70	—122	xx1	111	1111

Analisando-as, notaremos que:

- a) Nunca nos jogos n.º 2 e 3 saíram os símbolos «x»;
- b) Os jogos com maior tendência para a saída de símbolos «1» foram os n.º 7 e 10;
- c) Nos jogos n.º 5, 6, 11 e 12 escassearam os símbolos «1»;

EQUIPAS PORTUGUESAS EM JORNADA EUROPEIA OS QUE FORAM JÁ LÁ ESTÃO OS «OUTROS» JÁ CÁ SE ENCONTRAM

Cinco equipas portuguesas de futebol darão o primeiro passo entre hoje e amanhã, rumo a uma caminhada europeia que todos desejam seja longa. Das cinco, duas jogam fora (e já lá estão) e as três restantes recebem adversários (que já cá se encontram).

Um jogo para hoje; quatro para amanhã. O primeiro a actuar será o Vitória de Setúbal. Logo à noite (20 e 30), os sadinos descerão ao verde do Estado de Comilhes para defrontar os suíços de Lausanne. São já tradicionais as dificuldades encontradas pelo futebol português frente ao helvético; não obstante, o técnico José Maria Pedrito confia nas reais possibilidades do seu «onze».

A equipa sadina efectuou, em um ligeiro treino num relvado próximo ao estádio onde hoje terá lugar o jogo. Todos os jogadores se encontram em excelentes condições e o moral é elevado. Resta aguardar. Noventa minutos depois do pontapé de saída será conhecido o resultado.

O Benfica também já está em Ljubljana (Jugoslávia) e jogará amanhã com o Olimpia. Muito «rodados» em viagens, mercê da recente digressão pelo Extremo Oriente, os jogadores «encarnados» não se ressentiram da deslocação e estão perfeitamente aptos a encarar o jogo serenamente, embora conscientes do reconhecido valor do futebol jugoslavo.

Há a a. n. submeteu os seus saber até que ponto a sere-

pupilo a um treino breve na manhã de hoje — e tudo parece O. K. para o encontro de amanhã.

Entretanto, o Benfica deparou com uma popularidade surpreendente. Eusébio, Simões e outros são motivo de animada controvérsia entre os entusiastas locais e os seus nomes frequentemente inscristos em cartazes e distícos de boas vindas.

Espera-se — espera feita desejo — que o factor «casas» contribua para um êxito global das equipas lusas. Efectivamente, as turmas portuguesas possuem valor suficiente para ultrapassarem as sempre prováveis dificuldades que os adversários lhes possam opor. Resta

nidade val aliar-se á determinação.

Enfim, autêntica semana internacional para o futebol português — embora, convinhemos, estes jogos, de características sempre espe-

ciais, não venham na melhor altura. O início da época não é efectivamente, o momento ideal... mas há que aguardar. As esperanças são muitas — e as possibilidades também.

Hoje: Lausanne-Vit. de Setúbal (20.30 h.)
Amanhã: Olimpia-Benfica (18 h.)
Sporting-Floriana (21.45)
Barreirense-Dinamo de Zagreb (17.45 h.)
V. Guimarães-Angoulême (17.45 h.)

BARREIRENSE — Bento; Serra, Almeida, Bandeira e Mouraças; José Carlos, Serafim, Campora e José João.
V. GUIMARÃES — Rodrigues, Costeado, Torres, Joaquim Jorge e Silva; Peres e Bernardo da Velha; Zéinho, Ademir, Mendes e Osvaldinho.

TOTOBOLA

HORAS NOVAS E PRÉMIOS MAIORES PARA A NOVA ÉPOCA

TODAS AS HORAS PARA JOGAR NO TOTOBOLA MAS, QUANTO MAIS CÉDULO, MAIS CÉDULO

EM LISBOA E NO PORTO

AOS SÁBADOS AS 12 HORAS

NA PROVÍNCIA

AS AGÊNCIAS ENCERRAM 24 HORAS MAIS CÉDULO DO QUE ANTIGAMENTE

SERVIÇOS DE ÚLTIMA HORA ATÉ ÀS 17h

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

CCN

companhia colonial de navegação

AGÊNCIA ABREU PASSAPORTES

Av. Liberdade, 160

PARTIDAS	DESTINOS
«PÁTRIA» a sair em 2 de Outubro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 22 a 26 de Setembro.
«LUGELA» a sair em 6 de Outubro	Com escala por Leixões para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega de 1 a 4 de Outubro.
«IMPÉRIO» a sair em 7 de Outubro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 28 de Setembro a 1 de Outubro.
«AMBOIM» a sair em 12 de Outubro	Com escala por Leixões para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 8 a 11 de Outubro.
«D. HENRIQUE» a sair em 16 de Outubro às 12 horas	Com escala por Funchal para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 11 a 14 de Outubro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 21 de Setembro 24 de Outubro e 26 de Novembro às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

A visita presidencial às instalações de Amorim & Irmão Lda.

(Continuação da 2.ª página)

licitações que lhes chegam de encomendas para quase todos os países do Mundo, decidiram abrir escritórios de promoção comercial em vários países podendo assim acompanhar a par e passo a sua cada vez mais crescente imposição internacional.

E deve ainda referir-se que para poderem satisfazer a dar plena satisfação à custa de extracurricular labor e de uma dedicação sem limites à actividade corticeira e ao desenvolvimento económico do País, os seus quatro actuals sócios — gerentes, directores, instalaram três novas linhas de produção, uma das quais já numa fase expe-

rimental, que entraram em funcionamento em 1971: uma em Amorim & Irmão, Lda., a qual elevará a capacidade de vendas desta empresa para 155 milhões de escudos por ano, e duas na Corticeira Amorim, Lda., que ficará assim com um poder de vendas da ordem dos 140 milhões de escudos anuais.

Obras sociais de invulgar dimensão para benefício dos colaboradores da Organização

Não se jogue, no entanto, que todas as atenções dos dirigentes da Organização Amorim se dirigem para a valorização das empresas que orientam, descurando outros aspectos também de grande importância na actual conjun-

tura do País. Realmente, tendo por paradigma a obra filantrópica de extraordinárias proporções que, há cerca de 20 anos, vem a ser levada a cabo pelo sr. comandante Henrique Alves de Amorim, em favor das gentes de Santa Maria de Lamas, os srs. José Ferreira Amorim, António Ferreira Amorim e Joaquim Ferreira Amorim mostram-se igualmente empenhados em proporcionar o maior bem-estar possível a todos os que com eles colaboram — e uma das suas mais significativas realizações, neste importante campo de acção, está a ser a de construir uma casa para cada colaborador.

E, assim, após a visita

às instalações de Amorim & Irmão Lda., o Chefe do Estado esteve em Meladas, Moselos, local onde está a ser erguida 56 casas para os empregados da Corticeira Amorim, Lda., cujos terrenos, num total de 26 000 m², foram graciosamente cedidos pelos actuals sócios-gerentes da Organização Amorim.

E, integrando-se na mesma linha de entrega total aos mais louváveis desígnios de solidariedade e de compreensão humana, também em Silves está já concluído um complexo habitacional destinado aos empregados da unidade industrial que a Organização tem no Algarve, devendo, ainda, salientar-se que já foi feita a petição para erguer mais 60 casas, em Santa Maria de Lamas, destinadas aos colaboradores de Amorim & Irmão Lda., e que serão construídas em terrenos também cedidos graciosamente pelos srs. gerentes deste valioso e pouco vulgar complexo industrial.

Como já atrás referimos, esta linha de rumo insere-se perfeitamente na obra de inestimável valor que o sr. comandante Henrique Alves de Amorim (um dos fundadores de Amorim & Irmão, Lda.) há cerca de 50 anos, juntamente com D. Ana Pinto Alves de Amorim, D. Rosa Pinto Alves de Amorim, D. Bernardino Alves de Amorim, Américo Alves de Amorim, José Alves de Amorim, Joaquim Alves de Amorim e padre Manuel Alves de Amorim, estes quatro últimos infelizmente já falecidos, nos mais variados sectores tendo sempre em vista o bem social, tendo vindo a desenvolver, em Santa Maria de Lamas, a favor das gentes que se podem orgulhar de possuírem obras sociais de inestimável valor, como muito poucas cidades ou vilas do País. Desde as escolas a um infantiário, passando por bairros, parque de jogos, museu, etc., até às mais simples contribuições para tudo o que vise a bem-estar das gentes da região, este homem de extracurricular bondade vive permanentemente a pensar na valorização social do seu semelhante, tendo já despendido para essas realizações de carácter filantrópico cerca de 30 milhões de escudos.

O ACIDENTE NA AVENIDA 24 DE JULHO AINDA POR IDENTIFICAR UM DOS TRÊS MORTOS

Ainda se desconhece a identidade da senhora que, esta madrugada, pereceu num brutal acidente de viação, com um táxi e um autocarro da Carris, de dois pisos, que embateram de frente, na Avenida 24 de Julho.

O condutor do carro de praça, sr. António Simões, de 57 anos, natural de Polares e residente na Rua da Paz, e o outro ocupante, sr. Fernando Moreira da Silva, de 25 anos, solteiro, guarda da P. S. P., natural de Santo Isidro (Macedo de Cavaleiros), também perderam a vida no acidente. Os cadáveres só serão sepultados depois de autopsiados, encontrando-se depositados no Instituto de Medicina Legal.

A visita à Metrópole dos jornalistas do Ultramar

Os jornalistas do Ultramar e das Ilhas Adjacentes que a convite da TAP estão em visita de alguns dias ao Continente, estiveram esta manhã na sede da companhia, na Conde Redondo, onde foram recebidos pelo eng.º Vaz Pinto. Este acompanhou-os na visita às instalações, que percorreram interessadamente. Aqueles jornalistas foram depois à conferência de imprensa que se efectuou no Hotel Ritz, e a que nos referimos noutra local, sendo-lhes à tarde oferecido, no mesmo hotel, um coquetel para o qual foram convidadas 600 pessoas.

Entretanto, estes profissionais de imprensa já ontem visitaram as instalações da TAP no Aeroporto de Lisboa, após os eng.ºs Viana Baptista e José Godinho, responsáveis da companhia, terem dado diversas explicações sobre a evolução dos serviços da companhia e sua expansão.

Ainda ontem à noite a TAP

ofereceu aos jornalistas do Ultramar e das Ilhas Adjacentes, no Casino do Estoril, um jantar a que presidiu o secretário de Estado da Informação e Turismo. Estiveram também presentes, além de outras individualidades, representantes dos jornais da metrópole, nomeadamente do nosso jornal, e outros convidados. Aos brindes usou da palavra o eng.º Vaz Pinto.

Jornalistas brasileiros em Portugal

Neste jantar participaram também os 20 jornalistas brasileiros que ontem chegaram a Portugal e aqui permanecerão alguns dias, seguindo depois para Angola.

Estes jornalistas brasileiros visitaram hoje a região de Sintra, nomeadamente os Palácios da Pena e da Vila, tendo depois almoçado no Palácio de Seteais. À tarde passearam pelo Guincho e Cascais, onde jantaram a convite da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Necrologia

Dr. Mário Humberto Ferreira Marques

Faleceu o sr. dr. Mário Humberto Ferreira Marques, de 72 anos, natural de Vilas, oficial do Exército, aposentado, casado com a sr.ª D. Maria Luísa Avelar Santos Marques, e irmão das sr.ªs D. Ofélia Ferreira Marques e D. Laura Ferreira Marques. A funeral, a cargo da Associação Amadora, Lda., da Avenida Almirante Reis, realizou-se amanhã, da igreja de São João de Deus (capela A), a hora e para comitório a determinar.

Cientista-navegadora

Cabo Verde, é por isso — Acrescenta a dr.ª Leeson — que entre os pescadores e marinheiros do Atlântico a fisália é vulgarmente conhecida por «barco de guerra português».

E nada se sabe sobre a rota das fisálias até essas águas? — Sabe-se muito pouco, como já lhe disse. As fisálias são levadas por correntes e pelos ventos, e não presentes cerca de 300 individualidades de grande projecção na vida do País, entre as quais representantes da Banca, da Federação das Caixas de Previdência, da Administração dos Portos do Douro e Leixões, da Administração do Porto, delegados do Ministério Público, dos consules da Alemanha, França, Itália, México, Japão, etc.

O Funchal será, de futuro, o ponto de partida de longas viagens que, depois de Anne Davidson ter atravessado o Atlântico em 1952, poucas mulheres têm tentado fazer sozinhoas.

RUI CAMACHO

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
As 6.15 da tarde (p. red.) e às 9.30 da noite
Um «Western» clássico
com Anthony Quinn, Henry Fonda e Richard Widmark
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Colorido
Nicol Williamson em
BALADA
PARA UM HOMEM SO
Ele fez tudo a que é mal, bem... Arruinou os amigos... Desprezou os amigos

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 34153
As 15.15, 18.15 e 21.30
A mais convencional comédia do ano
O QUE HA DE NOVO GATINHA?
com Peter Sellers, Peter O'Toole, Romy Schneider e Capucine

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555124
2.ª SEMANA
As 15 e 21 horas
O filme mais previado do Mundo
BEN-HUR
com Charlton Heston

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555124
As 15.15 e 21.30
METROCOLOR
OMAR SHARIF e ANOUR AIME em
Provar o amor dela? Acender o ciúme dele?
O RENDEZ-VOUS

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 67162
As 15.30 e 21.45
Triunfal regresso de GIANNI MORANDI na divertida comédia de agradar do publico
NAO SOU DIGNO DE TI
11.ª SEMANA neste cinema

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
Uma comédia com todos os mais maneirados dos anos 60...
CHICAGO, CHICAGO
com Melina Mercouri e Beau Bridges

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
Um filme excepcional Nicol Williamson em
BALADA
PARA UM HOMEM SO

CONDES
(Adultos) Tel. 322523
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
7.ª SEMANA
Um excepcional filme
MUNDO MULHER
Um filme de G. JACOPETTI

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA — ÚLTIMOS DIAS DO EXCEPCIONAL FILME
CORRE, HOMEM, CORRE
com Thomas Millan numa arrojada corrida de vida ou de morte
Eastmancolor

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
70 mm — Technicolor
A mais bela história de amor! A mais bela música! O mais belo filme do ano
GOODBYE MR. CHIPS

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795296
As 21 horas
O QUARTO PRIVADO
COMO SALVAR UM CASAMENTO E ARRUINAR-SE

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
UMA INGENUA MUITO ESPECIAL
com Sira Lisi, George Segal e Akim Tamirof

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 739095
As 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
para a obra-prima musical de MANUEL DE FALLA
AMOR BRUXO
com Antonio Gades e «La Polaca»
EASTMANCOLOR

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 17101
As 17 e 21.30 (M. 17 anos)
ESPIÕES DE MINI-SAIA
com Adrian Hoven e Corndel Rio

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 365837
As 21 horas
ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA
ESTRELA NEGRA

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 18560
As 21 horas
AMAR SEM AMOR
COMO MATAR SUA MULHER
(Ar condicionado)

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 320768
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O sorriso que mata... No seu próprio jogo ninguém o batia ELI WALLACH em
O AS VALLÉ MAIS
com Terence Hill e Bud Spencer

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O sorriso que mata... No seu próprio jogo ninguém o batia ELI WALLACH em
O AS VALLÉ MAIS
com Terence Hill e Bud Spencer

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EXTRAORDINÁRIO SÍXITO DA SENSACIONAL NOVI-DADE
O AMOR NO PACIFICO
Realização de Zigmunt Sulistowski
Dois anos de filmagem audaciosa em busca de novos usos de amar e casar
EASTMANCOLOR

ESTUDIO
(Adultos) Tel. 1530 1830 e 21.45
15.ª SEMANA
com Jean Louis Trunquani e Françoise Fabian
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD
Realização de Zigmunt Sulistowski
Dois anos de filmagem audaciosa em busca de novos usos de amar e casar
EASTMANCOLOR

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.30
VANESSA REDGRAVE e JAMES FOX numa das mais extraordinárias e altas comédias da presente temporada!
ISADORA
Prémio de interpretação feminina no Festival de Cannes de 1969
AR CONDICIONADO

*** outros espectáculos ***

LISBOA
VILLARET — As 21 e 45: «O Vi-são Voador» (17 anos)
MÁRIA MATOS — As 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos)
LAURA ALVES — As 21 e 45: «O Prego» (17 anos)
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Pobre Milionário» (17 anos)

CINEMAS
CINEARTE — As 5 e 21: «Miséria na China Vermelha» (12 anos)
ARCO — As 5 e 21: «Tarzan e o Grande Rio» (12 anos)
JARDIM — As 21: «O Espelho dos Espíritos» (17 anos)
PARIS — As 21: «Sam Whiskey» (17 anos)
IDEAL — As 5 e 21: «Fantomas contra o Scotland Yard» (12 anos)
MOSAVITE — As 21: «Arabela» (17 anos)
PROMOTORA — As 41: «A Fúria do Vento» (17 anos)
OLIMPIA — As 21: «O Sangue no Vento» (17 anos)
SALAO LISBOA — As 21: «Ringo Heró do Texas» (12 anos)
UNIVERSAL — As 21: «O desafio das águas» (12 anos)
SPORT L BENFICA — As 21 e 15: «Aventura do Santo» (12 anos)
BOMB VOL LOURES — As 21: «Ritmo de Loureiros» (12 anos)

Linha de Cascais
ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «A série do Mississipi» (17 anos)
OIRAS — OIRAS-CINE — As 4 e 21: «Copa Cabana» — As 21: «O Santo em ação» e «A recanção de auto» (14 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 30: «A volta do mundo em oitenta dias» (12 anos)
VALLE ORMOZO — As 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos)

PORTO
SAO JOAO — As 21 e 30: «O novo doze do meio-noite» (17 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «Miséria na China Vermelha» (12 anos)
RIVOL — As 21 e 30: «Adoles» (17 anos)
M. Chos — As 21 e 30: «Batalha» — As 4 e 30: «Fúria de vó» (7 anos)
TRAFARIA — As 21 e 30: «A volta do mundo em oitenta dias» (12 anos)
ESTUDIO — As 21 e 30: «O Circo» (6 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «O novo doze do meio-noite» (17 anos)
AGUIA DOURO — As 4 e 30: «O novo doze do meio-noite» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «Por um mundo melhor» (17 anos)
CINEARTE — As 21 e 30: «A volta do mundo em oitenta dias» (12 anos)
VALLE ORMOZO — As 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos)

Outra Banda
ALMA — INCREDIBLE — As 12 e 15: «Porto Massacre» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — As 21: «O Santo em ação» e «A recanção de auto» (14 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 30: «A volta do mundo em oitenta dias» (12 anos)
VALLE ORMOZO — As 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos)

Linha de Sintra
DAMAIA — D JOAO V — As 21 e 30: «Duas vezes traído» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «A Primavera em Roma» (12 anos)
MEM-MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Coits para os magníficos» (17 anos)

COIMBRA
AVENIDA — As 4 e 30: «O preço da herança» (17 anos)
TIVOLI — As 21 e 30: «Um casamento para sua majestade» (12 anos)
ESPLANADA DOS BOMBEIROS — As 21 e 45: «No reino das bré-las» (17 anos)

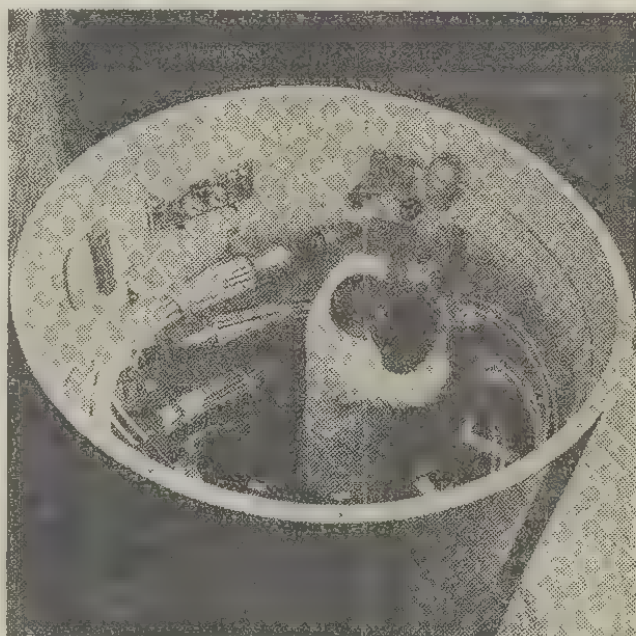
VIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIA

LISBOA
ALVALADE — Saneas, Av. do Igreja, 31-C (Tel. 776905) e Aeroporto, Av. Gago Coutinho, 01-D (Av. D. Rodrigo da Cunha) (122384) e Rio de Janeiro, Av. Est. Unidos da América (1721409)
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 16-A (144373)
ALTO PINA — Ibéria, 3 Bordo de Sobrado 235-A (Alameda) (728277)
ALCANTARA — Vileta Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660137)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. do República, 58-D-E (771661) e Estrela, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) e Nova, Av. Luís Brvar, 11-13 (144324)
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Rossio Pais, 52-A (154027)
ARREIRO — Algarve, Av. de Roma, 78-B (777478)
ARROIOS — Bostos, Rua Moura e Soares, 91-E (844550)
BAIRO DA ENCARNACAO — Ascensão, R. 27, n.º 4 (311216)
BAIXA — Silva Carvalheiro, R. dos Figueiras, 126 (326757)
BELEM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (1454)
BENFICA — Santa Cruz, Av. Pereira, 31-A (104828) e Virex, Est. de Benfca, 373-B (180548) e A. Ribeiro, Estrada da Luz, 99-A (780569)
CAMÕES — Senitas, Pl. Luís de Camões, 24 (Tel. 322798)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 31-33 (685640) e Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) e Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalheiro, 12 (662838)
CAMPO SANTANA — Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (42829)
ENTRE CAMPOS — São Miguel, R. Francisco de Moraes, 1 (171469)
ESTRELA E LAFIA — Tagus, Praceta do R. Possidório do Silva, 62-A (Tel. 669485) e Monte Capito, Rua de São Félix, 45-A (660720)
CAMPO GRANDE — Co-nita, C. Grande, 220-222 (772377) e Santa Maria, Rua do Carmo, 115-A (Tel. 178439)
CHARNICA — São Bartolomeu, Vila Paula Jorge, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. Gostão, 30-32 (Tel. 38179)
S. BENTO — Félix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 675531)
REGO — Loranjeiras, R. Filipe da Mota, 60-162 (761035)
RESTELO — Belém, Rua Trindade Vaz, 10-A (6 En-fermeira) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Suez, Rua da Junqueira, 226 (681819) e Costa, Rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 636704) e Dileno, Rua Alameda Operária, 49-A-8 (636640)
DE SANTA APOLONIA — AO BEATO — Caneleiro, C. D. G

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 85 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

DOIS MORTOS E UMA DEZENA DE FERIDOS NA ESTRADA BRAGA-GUIMARÃES

BRAGA, 15 — Dois agricultores de Mirandela, ocupantes de uma furgoneta, perderam a vida quando o seu veículo foi embater numa camioneta de passageiros da empresa João Carlos Soares & Herdeiros, no lugar da Morreira, perto desta cidade, em plena estrada Braga-Guimarães. Es-



CEM MIL CHAMADAS SIMULTANEAS — Os Correios britânicos terão ao seu dispor em 1973, entre Londres e Birmingham, um cabo coaxial que permitirá fazer 100 mil chamadas telefónicas simultâneas. Na imagem vê-se um tanque cilíndrico que serve para proceder a experiências com o novo supercabo, o qual poderá também transmitir informações codificadas para computadores e imagens de televisão.

te e outro acidente no mesmo local, decorridos poucos minutos, fizeram ainda dez feridos. O primeiro desastre matou os agricultores Hermínio dos Anjos Carvalho e José Fernando Criz, ambos de 46 anos, e feriu sem gravidade a mulher do primeiro. Pouco depois uma segunda camioneta de passageiros da mesma empresa, ao circular pelo local, desviou-se de mais e caiu para uma ribanceira, colhendo com gravidade o operário Benito Gonçalves, de 59 anos. Neste segundo acidente houve outros oito feridos (ligeiros).



Um presente inusitado

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUZEIRO, 76-1, 2.º ANDAR
DEPOSITÁRIO NO PORTO: ELIO A.

1 Kg. EM BARRAS DE OURO
1.º prémio do concurso VIGORMALTE
+ 3 VALIOSOS PRÉMIOS
entregues às 10h de Outubro
Sorteio em 30 de Outubro

DESLUSTRACEM A SECO
Garantia absoluta. Igualdade em limpeza e seco com acabamentos por alfaiate. Baixará ligar a 323422
Rua da Prata, 156, 6.º (único no género).

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado nos regiões do Norte e do Centro e limpo nas do Sul; o vento era fraco e moderado nos quadrantes de Norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Elvas 28º; mínima, Penhas da Saúde, 6º.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 16º; Penhas Douradas, 17º; Coimbra, 17º; Portalegre, 14º; Lisboa, 18º; Faro, 22º e Funchal, 22º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SUL — No algarve, 19º; na água do mar, 17º.

PREVISÃO GERAL DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado no litoral para norte do cabo de Roca, pouco nublado ou limpo nas restantes regiões de território de Portugal continental; vento fraco ou moderado dos quadrantes de Norte; neblina ou nevoeiro matutinos nos vales e terras baixas; possibilidade de aguaceiros fracos nos terras altas do Norte.

Amorino
Nascer às 7 e 18
Ocaso às 19 e 45



MARÉS:
PRELA-MAR: Hoje — 3 e 56 (4,2 m); 16 e 12 (4,5 m).
Dia 16 — 4 e 37 (4,3 m); 17 e 54 (4,6 m).
Dia 17 — 5 e 17 (4,4 m); 17 e 38 (4,5 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 9 e 40 (0,7 m); 22 e 10 (0,6 m).
Dia 16 — 10 e 20 (0,6 m); 22 e 41 (0,6 m).
Dia 17 — 11 (0,6 m); 23 e 24 (0,7 m).

XII VOLTA À MADEIRA Confirmadas as vitórias de Américo Nunes (Porsche 911S) e Luís Netto (Austin Cooper S)

FUNCHAL, 15 — (Por AVELAS COELHO, nosso enviado especial) — Com a afixação dos resultados e o baile de gala para distribuição de prémios, na noite do Hotel Savoy, terminou, na madrugada de hoje, o último acto da XII Volta à Madeira. A prova, neste fim-de-semana, monopolizou as atenções dos adeptos do automobilismo. Como havíamos referido, apenas 4 equipas (todas elas continentais) se classificaram. Américo Nunes-Fernando Fonseca (Porsche 911 S) foram vencedores absolutos, tendo ganho também o Agrupamento de Grande Turismo, Desporto e Protótipos. No Turismo Especial, o triunfo coube a Luís Netto-Jocames (Austin-Cooper S), um triunfo precioso para as aspirações do campeão nacional na categoria, no sentido da validação do seu título, em 1970. Na classificação geral, esta equipa obteve o 2.º posto, já que na carta de «controle» de Carpinheiro Albino havia sido marcado um tempo errado. Os outros cinco concorrentes que lograram atingir o Funchal, após os demolidores e extenuantes 800 quilómetros de prova, não conseguiram fazê-lo dentro do tempo regulamentar, pelo que foram eliminados. Foram: Belmiro Correia (Toyota Corolla 1200), Mendes Pereira (Ford Escort), Helton Bettencourt (BMW 2002 TI) e os dois concorrentes das Camifras, Juan José Ramirez e Pedro Cruz (ambos em Lande, Fúria HF).

AUTOMÓVEL ROUBADO

Do parque de estacionamento do Aeroporto de Lisboa, foi roubado, de sexta-feira até esta manhã, o Austin Cooper S, IC-90-83, pertencente ao nosso camarada Avelas Coelho, que se havia deslocado em serviço de reportagem à Volta à Madeira. O carro é de cor amarelo areia e tem rodas especiais (mais longas) e volante de competição. Agradece-se a quem o encontrar, o favor de o comunicar para o nosso jornal ou para o telefone 2 91 18 64.

MERCEEIROS PAGAM CONTRIBUIÇÃO A MAIS

(Continuação de 1.ª página)

classificados no grupo B, de acordo com o artigo 11.º do Código da Contribuição Industrial publicado em 1 de Julho de 1963 e que presentemente vigora. Uma vez que a maioria dos retalhistas está integrada no grupo B, o problema afecta grandemente a nossa profissão.

Concretamente, passa-se o seguinte: ao contrário do que acontece com os retalhistas dos grupos A e C, os do grupo B não são considerados, para efeito de dedução de lucros apurados, se despesas para remuneração normal do trabalho do próprio contribuinte e dos seus familiares não empregados ou assalariados.

Segundo, o Grémio, no entanto, não se trata de discriminação, mas antes de má interpretação de um artigo do Código da Contribuição Industrial sobre o qual paira um espírito de justiça que torna incompreensível tal discriminação.

Para efeito de contribuição industrial, o Código estabelece três grupos: o grupo A, com tributação incidente nos lucros efectivamente obtidos pelos contribuintes e determinados através de uma contabilidade; grupo B, com tributação sobre os lucros que presumivelmente os contribuintes obtiveram; Grupo C, com tributação baseada nos lucros que os contribuintes normalmente podiam ter obtido. Na prática, a diferença entre os três grupos consiste na existência de escrita propriamente dita para os tributados do grupo A, na simples escrituração de livros de registo de compras, vendas e serviços prestados para o dos grupos B e na dispensa de tais livros para os do grupo C.

Como afirma o Grémio no seu boletim, a referida discriminação existe de facto e assentará talvez numa interpretação demasiado literal do § único do artigo 66.º do Código. Acrescenta: «O corpo do artigo refere-se expressamente aos grupos B e C, mas o parágrafo está assim redigido: Para efeitos de fixação dos lucros tributáveis no grupo C não poderá tomar-se em conta, como remuneração normal de trabalho do contribuinte e dos seus familiares não empregados ou assalariados, importância superior a 12.000.000 anuais por cada um». Efectivamente, se interpretação literal restringe a preço aos contribuintes do grupo C. Mas essa restrição traduz-se num tratamento manifestamente desigual e injusto em relação aos do grupo B, que dentro do espírito do Código deveriam beneficiar da aplicação do mesmo princípio.

O Grémio termina por afirmar que «esta anomalia praticada em relação aos colectados pelo grupo B poderia cessar, mediante a publicação de um simples esclarecimento ou medida equivalente».

Exclusivo

MAIS DESTRUÍDOR DO QUE A BOMBA ATÓMICA ESCOLHEU BIQUE PARA CACAR ANTILOPES E FEZ-NOS DECLARAÇÕES EM EXCLUSIVO

É um velho general, sabemo-lo. Sei-o eu, repórter em conversa amistosamente interessada, e sabe-o ele, que recebeu promoções e mais promoções para chegar onde chegou.

«Vômos de noite, no escuro e nas ruínas», dizia ele, e eu pensava numa única frase ao longo de toda esta conversa com pronome de Alameda, Califórnia. «Vômos de noite e sem protecção, sem caças a guardarem-nos as costas», prosseguia ele e o repórter, que já viu muitos filmes de guerra e seu alguns livros sobre ela dizia de si para si: «chamavas-lhe malditos amarelos! Sim, devia ser isso, porque na única guerra que cheiri verdadeiramente de perto eles diziam assim e nas histórias aos quadrinhos todos os bons rapazes praguejavam contra o inimigo e na guerra onde tu andaste, general, os inimigos atacam a gritar «Banzei! portanto, tu chamavas-lhes «malditos amarelos».

Era uma conversa desigual, isso sentia o repórter desde o início, desde que pensara na tal frase que lhe apetecia dizer, e até pensou que estava em melhor forma do que o general, que não se apercebia da emboscada. Era exactamente isso. «Não estás a dar luta, general», pensava o repórter. «Conheceste este rapaz há bocado, no aeroporto, e estás a descurar os flancos, a não te aperceber dos envoltórios e daqui a bocado tens o inimigo nas tuas linhas, na meticulosa tarefa da sabotagem». Mas o general era um belo e seco general, a atacar a toda a brida, só lhe faltava o uniforme azul listrado de amarelo, e o repórter lembrou-se de Custer e resolveu atacar de outra maneira. Não há nada mais emocionante, numa cidade tranquila, do que conversar estrategicamente com um general. Mas é um general de aviões e os homens de lá de cima não têm obrigação de saber a guerra terrestre de cá de baixo, por isso vamos antes chocar de frente e deixarmos-nos de emboscadas.

«General, quantos pensa que devem ter morrido?», perguntou o repórter a lembrar-se dos belos e espectaculares «shows» de «music-hall» em Ginza, que ainda este ano virá na grande Tóquio, e em todos aqueles sorridentes japoneses que à distância de duas gerações eram somente «diabos amarelos». E aí, general, sentiste que ele tinha carregado no botão e que a primeira bomba tinha caído muito perto, talvez não no centro, mas alguns estilhaços chegaram até lá, e enquanto pensaste no que tes dizer a este rapaz sentiste que ele estava outra vez a cair em folha morta para voltar a atacar e então respondeste:

«Filho, aquilo era um objectivo. Estava nas cartas que trazíamos e em todas as outras da parede da

sala de oficiais do porta-aviões de onde tínhamos levantado e para nós Pearl Harbor ainda estava em chamas».

«isto é guerra de tabuleiro», disse o repórter, em rajada, sem carregar no botão, desta vez. «Mas o general já conhecia as figuras em detalhe, não é verdade? Já tinha agarrado em cada uma daquelas peças e revirado entre os dedos olhando bem, por menor por pormenor, certo?»

«Sim, filho», disse o belo e seco general «mas naquela noite e em todas as outras noites e noites que a guerra tem para os aviões, eu tinha de pensar que estava a dar o xeque-mate e que se matasse entre tanto alguns peões, mesmo conhecidos em detalhe, eles estavam a fazer o jogo do adversário. Todos, naquelas noites e dias de guerra éramos apenas os braços que mexiam as pedras, obedecendo a ordens de cada lado do tabuleiro».

«Boa retirada, meu general» pensou o repórter que continuava à beira de soltar a tal frase em que pensava desde o início. «A verdade é que este é um belo e seco general, nada enfiado e que na guerra era tenente-coronel e o raio é que apesar de todos os peões que matou para dar xeque ao rei eu, repórter em conversa amistosamente matreira, o admiro. Porque nessa noite deste tudo o que tínhas a dar ao jogo e ganhaste quando podias perder a única coisa importante que todos nós temos, que é esta vida, numa proporção que te era adversa. Mas espera um pouco, general, que tenho de estudar os mapas para poder continuar esta nossa guerra privada antes de eu, sentimentalmente não-militar, assinar um amistado ou um pacto de não-agressão. Um momento, general, deixa-me só ver como vão as minhas tropas, estudar o terreno e ver as possibilidades de aniquilar o inimigo, que és tu. Espera menos do que uma trégua mas deixa-me recapitular».

E na trincheira da conversa mole, lançando cortinas de fumo entre ele e o inimigo e «very lights» para a retaguarda, o repórter estudou os relatórios de todos os seus oficiais sob a forma de recortes de jornais e parágrafos apressados de livros lidos em diagonal.

Ela, repórter profissional mas de amadora experiência bélica, detrontava uma glória militar para depois, nestas linhas, deixar o retrato de um general e a narrativa de um ataque que os compêndios e manuais de West Point glorificam. Com dois copos de perneiro, ele tinha a sua frente o general James Doolittle, de 74 anos, aposentado, nascido em Alameda, Calif., e residente em Los Angeles, L. A. de Beverly Hills, também da Calif. Um pouco mais atrás estava Dorothy Doolittle, de 73 anos e com

muitas noites de ansiosas esperas nos belos, puros e húmidos olhos azuis, por baixo de um cabelo esticado e alvo como a franja de uma almofada de hotel. Eles tinham-se conhecido em 1910 e haviam-se casado em 1917 e disseram-lhe isto de mão dada e olhando-se nos olhos. Tiveram dois filhos, um dos quais morreu numa outra guerra e o sobrevivente está numa base americana de Espanha. Viaram juntos, por avião, e vão voltar a fazer como antigamente, no tempo dos «malditos amarelos», quando não havia tempo nem dinheiro nem pão nem mulheres que permitissem aos «Beatles», que nessa altura eram pequeninos, comer beber e amar o suficiente para cantar contra os «azuis malvados». Vão-se separar, uma vez mais. Ela, para ir para Espanha ver o filho, militar como o pai, e ele para ir para África matar antilopes, que é o único animal digno de ser morto por um general aposentado. O repórter imaginou a sr.ª Doolittle num alpendre de uma casa de madeira, em Alameda, Calif. Não podia ser de outra maneira, tinha de ser uma casa daquelas e a sr.ª Doolittle agitava os pézinhos, ainda sem joanetes, e dava impulsos suficientes à cadeira de balanço e lia os jornais e os comunicados da guerra enquanto aguardava cartas do tenente-coronel, seu marido, com quem passara nas montanhas e experimentara a aventura do Ford T.

As notas apressadas que a memória do repórter faziam reviver, urgentemente, eram escassas mas inevitavelmente diziam mais dele, tenente-coronel, de blusão de couro castanho a dizer piadas aos mecânicos do «Hornet» o porta-aviões fantasma, 600 milhas da costa japonesa, de onde levantaram de madrugada para o «raid».

E agora, general, «après vous».

«Quando chegámos sobre Tóquio baixámos, para fugir aos holofotes e para dificultar a tarefa das baterias antiaéreas e a trepidação era grande, havia turbulência na noite clara, aquilo a que os meteorologistas hoje chamam de C. A. T. que quer dizer «Clear Air Turbulence» e havia ainda os «pocs» que iluminavam a carlinga onde só havia a luz azulada dos painéis, mas felizmente estavam suficientemente longe de nós, que vôamos há cinco horas, no pânico permanente de nos surgir uma molhada de «Zeros». Era excitante e notável estar assim sobre Tóquio e eu, que já tinha estado em 1933 imaginava o que se fazia e onde o fazer lá em baixo, então baixei ainda mais um bocado, e carreguei no botão e foi

ARTE E CORAGEM AO SERVIÇO DOS QUE PRECISAM
GRANDE FESTIVAL TAUROMAQUICO
A favor da Sopa dos Pobres de S. João de Deus de Montemor-o-Novo

7 novilhos toiros de MANUELS DE RIO MAIOR (para cavalo) e de CABRALASCENSO (para ideaganda)
Forçados amadores de MONTE MOR

M/6 Anos

CAMPO PEQUENO
QUINTA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO, AS 22 H.

MESTRE BAPTISTA DA VEIGA CUNHA
LUIS M. DOS SANTOS ANTONETE
MANUEL DOS ANJOS FALCAO

uma sensação de alívio, agora sim, poderia acontecer o que acontecesse, podiam vir os «Zeros» que eu já tinha começado a carregar no botão e se eles viessem depressa, mais depressa carregaria eu nos botões, até despachar as malditas 10 toneladas que trazíamos agarradas a nós», dizia o general enquanto o repórter dispunha ainda as suas forças, explorando bem o terreno acidentado onde haviam acabado de entrar. «Estás tramado, general», pensou, mas cheio de vontade de o avisar. «O «raid» tinha importância vital para o mundo», acrescentou o general e o repórter pensou «isso disseram-te eles, general, quando eras tenente-coronel, mas agora que tens três estrelas não precisas de acreditar mais nisso. O que tu estavas a fazer era a matar japoneses ou a destruir-lhes aquilo que os chefes deles faziam acreditar como vital e a gasolina de que precisavam ou o caminho-de-ferro essencial.

«Os japoneses estavam certos da sua invencibilidade, o país atravessava uma época de glória, as vitórias militares sucediam-se, Pearl Harbour ainda estava fresco, os alemães, na Europa e em África, lançavam os dados e foi preciso aquilo que fizemos», disse o general.

«Tens razão, general», pensou o repórter, «vite no cinema há anos, a dizer isso, quem fazia o teu papel era o Spencer Tracy, que o levava muito a sério porque certamente nem em todos os filmes se é herói nacional, e havia ainda o Van Johnson, esse rapaz enfeitado em holandeses que fazia de bom e também uns japoneses que vocês repescavam em Los Angeles e que tiveram grande êxito nos anos 50 a fazer de oficiais cruéis e repetentes. Mas o filme chamava-se «Trinta Segundos Sobre Tóquio» e eu não acredito que em meio minuto tu fizesses tudo isso que me contas, como largar 10 toneladas de bombas, portanto o melhor é contares, pessoalmente, isso tím-tim por tím-tim, para a gente ficar a perceber».

«Demorámo-nos sobre Tóquio uns cinco minutos. Era voar de qualquer maneira, as cartas já não tinham tanta importância, carregávamos no botão a olho, e éramos cinco homens desesperados por nos vermos livres de tudo aquilo. Quando acabou, subimos, voltámos às nuvens, apontámos para o continente mas não fomos capazes de chegar às bases que nos haviam preparado na China e tivemos de saltar em pára-quedas e largarmos o aparelho. Nós conseguimos. Outros não. Houve uma meia dúzia que não chegou, o que representava dois aviões.

Eles tinham ido para Osaka, Kobe, Kioto, Yokohama e houve dez homens que foram abatidos com os seus aviões e mais dois que ficaram dentro deles quando os outros saltaram. O filme chamava-se «Trinta Segundos» porque esse era um título bem mais comercial e também porque já fora o título do livro escrito por um jornalista. Foi um êxito que me deu bom dinheiro a ganhar».

«General», disse o repórter, «os especialistas de Washington todos os anos justificam Hiroshima. Este ano eles disseram que os bombardeamentos clássicos de Tóquio fizeram mais vítimas do que a primeira bomba A. Vamos falar disto?»

«Os «objectivos» que nos davam eram puramente militares. Depósitos, fábricas de material, aquartelamentos. Mas lá em cima não tínhamos tempo para ter a certeza. Era preciso largar, e muitas vezes as pessoas vivem em má vizinhança. Tóquio era já, como hoje, um vespertino. É possível que os «raids» que inaugurei tivessem feito tudo isso. É muito possível. Mas estávamos a lutar pelo Mundo».

«Agora começo a acreditar que penses assim, messias general», disse para si próprio o repórter. «O próprio Roosevelt te deu a importância que julgas ter. Quando o Franklin D. anunciou ao Mundo que os E. U. A. tinham bombardeado Tóquio, ele nem disse que vocês tinham partido de um cinzento porta-aviões, a 600 milhas da costa japonesa. Preferiu dizer que vocês tinham voado desde Shangri La, essa imaginária região fantástica que os japoneses veneravam e que um novelista norte-americano se encarregou de localizar no Himalaia. Vocês foram promovidos a apocalípticos cavaleiros, figuras do céu que a Metro Goldwin Meyer endeusou. Por isso talvez tenhas razão, general, não é verdade, sr.» Doolittle? Os seus humildes olhos azuis, minha senhora, vêm este belo e seco general de uma maneira exclusiva, e a senhora aceita que ele a volte a deixar só, com o seu filho cheio de palmas e de distintivos, de cabelo cortado curto e mulher loura, para que ele, James Doolittle, seu senhor há 60 anos, parta para África aos tiros, matando antílopes que é a única coisa digna de ser morta por um general na situação da reforma».

«Sempre caçei em África», explicou o general. «Ia para o Quênia e passava longas temporadas a caçar e agora vou experimentar Moçambique que me disseram ser um bom sítio para matar animais selvagens».

«Claro, meu general», disse o repórter, «e agora vou fazer-te uma pergunta que me atinge desde o início: onde está a sua cavalaria, meu general?»

«Nunca fui de cavalaria. Depois da guerra estive na aviação civil, no departamento de Washington, mas nunca fui de cavalaria. Mas que raio...»

«Obrigado, meu general», disse o repórter levantando-se, muito contente por ter deixado um general sem resposta.

JOAQUIM LETRIA



Três décadas separam este homem de uma aventura que faz na História. Três décadas e os postos que medalham entre tenente-coronel e general, James Doolittle, tenente-coronel, teve «a subida honra» de comandar o primeiro bombardeamento a Tóquio e a outras cidades japonesas. Saltando em pára-quedas sobre a China, depois do «raid», para sobreviver, ele é hoje um sereno e belo general reformado que recomenda às passas: «Falemos de tudo, menos de política, de guerras e de religião», mas que adora reviver a emocionante operação que o inscreveu nos manuais e compêndios dos estrategistas contemporâneos

Há uma ponte a ligar a semana passada a esta em que vivemos: a tensão que reina nos aeroportos e nos aviões do Mundo inteiro. E assim é porque os 7 dias que

7 dias 7

mana foi outra, e muito forte, a atenção do Mundo fixou-se neste acontecimento palpitante que ainda hoje dura, com centenas de vidas em jogo. Quem perdeu com isto foi a colera - alastra - que não - alastra - que passou, mesmo com 7 casos em Israel, para um plano secundaríssimo.

Um outro acontecimento dominou a semana. Ou melhor a ressaca de outro facto - comentários, previsões, reportagens, entrevistas, ensaios - inundou os 7 dias passados: a vitória eleitoral do socialista Salvador Allende, um marxista que ameaça fazer tremer as estruturas tradicionais do seu país, o Chile, com nacionalizações e reforma agrária. Quarta-feira, dia 9, os chilenos corriam aos bancos - aqueles que ainda o podem fazer - enquanto as operações de bolsa ficavam paralizadas. A reacção dos conservadores chilenos e boatos postos a correr em Santiago chegaram a provocar pânico a este nível, mas a situação normalizou-se, a pouco e pouco.

Por outro lado, ao longo da semana, o Governo do presidente Eduardo Frei, democrata - cristão, não tomou quaisquer disposições para evitar quaisquer fugas de capitais para o estrangeiro nem reprimiu especulações. Segundo a Constituição chilena, e viária de Allende, todavia sem a maioria necessária para a automática subida ao

posto a entregar guerrilheiros palestinos presos no seu território em troca de reféns feitos pela guerrilha de Habbache, que desviou um «Boeing» da «Swissair». Os aviões desviados continuavam a dominar as páginas dos jornais do Mundo inteiro, constituíam cerca de

80 por cento dos noticiários radiofónicos e televisivos no planeta e os telex das agências noticiosas despejavam material suficiente para um grosso «dossier» sobre estes recentes «hijacks». Mas nas horas mortas da informação, os repórteres da Renter cobrindo o Vaticano encontraram maneira de dizer ao Mundo, dando-lhe ao mesmo tempo uma certa tranquilidade de espírito, que «a Igreja Católica vai consagrar as virgens que fazendo uma vida normal contribuem para espalhar a fé». A notícia do Vaticano, que mereceu maior espaço do que as conversações económicas que o vice-presidente do Conselho da U. R. S. S. (Kirdilive) travava em Paris, dizia ainda que as novas disposições estão contidas num documento que inclui a revisão da liturgia da consagração das freiras.

Ao encerrar-se a semana, Wall Street registava, calmamente, numa subida do valor das acções. O índice industrial Dow Jones fechou a

771,15. Os peritos declararam-se surpreendidos em face da evolução verificada.

Em Itália, um dia depois do o Governo ter manifestado a intenção de pôr em prática dentro em breve uma série de medidas para proteger Veneza das águas do Adriático, um tornado matava em 30 segundos 40 pessoas, naquela cidade.

No fundo, uma semana como muitas outras. Nada de novo no hemisfério ocidental.

MASHA MLADOVA

Por JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS

MASHA MLADOVA, rapazes, só vendo: judia (russa), mesmo boa. Vinte, vinte e um anos, sobre o alto, flexível, delgada de cintura e artelhos, e tudo o que se chama curva bem no seu lugar. Bonita, bonita que se diga não era: havia mesmo quem a achasse feia. Que isto de beleza... Um pouco sardenta, sim, como é frequente na raça. Era a expressão que a tornava irresistível: um fogo nos olhos pardos, cor de avelã, meio verde. Não que fossem grandes, rasgadas ou pestanudos quando ela se excitava ou zangava, o que era frequente, tornavam-se estêrnicos, salientes, comiam-lhe o rosto com um fulgor inferno, de brasas. (Talvez um toque de hipertiroidismo!) A boca sobre o grosso, vermelha sem pintura, desdenhosa mas secretamente sensual, que ela mordida às vezes até sangrar, custava a gente destilá-la. Um toque de buço O cabelo, uma juba densa, negra e luzente, sacudida ao vento ou na discussão, sobretudo quando ela tinha dificuldade em achar as palavras numa língua estrangeira e se enfurecia mais, e dor é o mais provocador de terraviva-me um estalo! Ainda fiquei a gostar mais dela: corava, arrebatada!

Era a andar que ela fascinava: «arrentava», cambrava, o meu género. O pulanamente falando. Um andar de cobra em pé, se tal fosse possível, parecia ela que pousava um pé diante do outro, e o seu corpo todo ondeava, coleava, parecia levantar voo a cada instante... Era música, era dança, era um repoi e uma promessa. Irradiava mistério e sensualidade. E então, duma pureza intrínseca e feroz, Esther ou Judith inabordable. Vestal com algo de Amazona e de Terme desguil a tempo ela psicose... E total Não se lhe podia dizer uma ganância que ela não corresse de riva. Um dia atrevi-me a elogiar-lhe discretamente os gastrónomos, e se não todos os coquetismos!

Ouvia falar num meeting, nem entender gatafina — em yiddish! Para mais, a voz um pouco velada, sacudida, com pausas entre os



NOVA YORK

mente, sem um erro — até onde eu posso avaliar! Tinha a capacidade de se integrar na obra, de se abandonar por completo, um médium. Quando a cabeça lhe descaía para o piano, o cabelo em cascata a esconder-lhe a cara, as mãos brandamente posadas a sustentar um acorde prolongado (usava muito o abajador), ela própria era a música. Amá-la num momento assim teria sido como ter nos braços um ser incorpóreo, imaterial, uma chama, o som, a vibração da luz! O meu desejo dela tornou-se tão imperioso que tive de fazer força para não g'rar ou chorar de desespero ou sentimento do impossível.

Naquela manhã de chuva, dormiente e tépida, encontrei-a no claustro da Escola, e indaguei a respeito da amiga com quem ela vivia: não as viras juntas por algum tempo. (Eu até chegara a suspeitar...) Estava a férias, na terra. O meu coração pulou. «Venha então almoçar comigo», supliquei. Ela aceitou. Conversamos duas horas. De noite nem dormi a pensar nela: a sua imagem fosforescia-me na insónia.

No dia seguinte fui procurá-la; faltou ao meu curso, ela ao de Química Industrial. Deitámos até ao Bogue, deserto e calado de baixo da chuvainha propiciatória de mãos dadas. A certa altura, nem a rir nem a brincar, com a boca seca, passei-lhe o braço pela cintura: ela não resistiu. Foi como se uma fálsea tivesse saltado entre nós. A ocasião faz o amor, como faz o ladrão... Fomos até minha casa, ela tocou piano, e o fim... Jesus-Senhor! Fiz um pip-de-voz ao Simão-Cracoviano.

Foram duas semanas de lua-de-mel e melodia. A casa encheu-se de um aroma impregnante de feminidade sem perfumes nem disfarces. Um dia meteu-se a ler ou reter «Guerra e Paz», ou o «Oblómov», de Gorkhara, e durante quatro ou cinco dias não falou, não comeu, não amou: viveu de pão com queijo e chá, que eu lhe servia. Desgrenhada, sem banho, sem querer levar a cara, ninguém a podia arrancar ao divã. Tudo o que ela faz é com paixão! Talvez isto o choque: no fim levantou-se, sorriu-me com o ar troista que lhe era peculiar, e disse:

— E então, mussi, passou-lhe a febre? Não quer mais nada? Eu tenho de voltar para a Química Industrial. Au revoir!

Estendeu-me dois dedos moles e foi-se embora. Como se nada se tivesse passado! Fôramos amigos, eu desesperado. Mas nada havia a fazer. Palavra de honra: não acabo (nem começo) de entender estas judias russas!

Calou-se.

— E depois?

— Depois...

Ohou-me lamentoso que se em lágrimas, e tomou: — Era bom se fosse verdade, não era? Esta minha fantasia... Foi ao vê-la outro dia, num magazine de Israel: de uniforme de campanha, com a metralhadora a tiracolo... Engenharia-química e pianista. A Masha

Exclusivo



MATAR ANTILOPES

Doolittle general reformado e caçador de antílopes, recorda os seus trabalhos e as suas proezas a JOAQUIM LETRIA, na

pág. UM/DOIS

ROMANTISMO OU NÃO

De Nova York, RODRIGUES MIGUEIS envia-nos uma história. Uma história de amor. A de Masha Mladova, a judia. A judia russa com corpo e andar de cobra que estudava Engenharia Química e era pianista. Lela a nesta página, aqui ao lado.

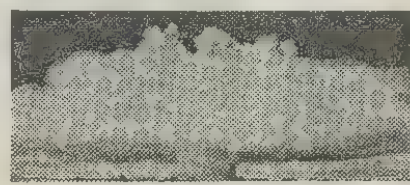
AS ALIANÇAS

Um acordo singular, celebrado entre o grupo SPRINGER e o «Neues Deutschland», teve por finalidade «desvalorizar» politicamente o Tratado russo-alemão. Pág. QUATRO



UM CANCRO

Poluir é próprio do homem, isto é, do homem do século XX. A prosperidade e a abundância têm um cancro chamado POLUIÇÃO. Pág. SEIS/SETE



O «DEVE e HAVER», na página quatro. A CIDADE DO FUTURO e A CASA NA U. R. S. S., nas páginas seis e sete. TURISMO: As grandes invasões na página 9 «PINTANDO A POLÍTICA» e «A CAMARA NUA», na página onze

DIÁRIO DE LISBOA, 15 DE SETEMBRO DE 1970

EXCLUSIVO. SUPLEMENTO SEMANAL DO Diário de Lisboa
COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST» E «LOS ANGELES TIMES».

• UM MERCADO DE 370 MILHÕES

Quando a Inglaterra se juntar à Comunidade Econômica Europeia, o Mercado Comum, renovado transformará-se numa força catalizadora de algo cada vez mais lato. Não se trata apenas de juntar os 190 milhões de habitantes dos «seis» aos 70 milhões dos quatro Estados candidatos (Inglaterra, Noruega, Dinamarca, Irlanda). A Grã-Bretanha impulsionará acordos da CEE com os seus parceiros da EFTA (Suécia, Suíça, Áustria e Portugal — num total de 30 milhões de habitantes). A Grécia e a Turquia (45 milhões de habitantes), já membros associados da CEE, esperam tornar-se membros de pleno direito na década de 80; a Espanha (30 milhões de habitantes)

Presentemente, os obstáculos à ampliação da CEE são fundamentalmente de duas ordens:

1) Tradições políticas de neutralidade nos casos da Suécia, da Suíça e da Áustria.

2) O atraso económico nos casos da Turquia, da Grécia, da Espanha e de Portugal.

• INDÚSTRIA AEROSPAIAL

OS E. U. A. VÃO À FRENTE

O «Boletim das Comunidades Europeias» publicou, num dos seus últimos números, dados recentes acerca da importância da natureza das actividades aeroespaciais no mundo; os dados demonstram que se trata de um sector mundialmente dominado pelos E.U.A.

A segunda característica deste sector reside no facto de estar sob a dependência directa dos Governos. O mercado da indústria aeroespacial da CEE foi determinado em 1967 pela repartição das vendas pelos compradores: Estados: 63,2%; sector privado: 3,3%; exportações: 34,5%. No mesmo ano, 89% das despesas de investigação e desenvolvimento foram suportadas pelos dinheiros públicos. Por outro lado, o Estado detém participações determinantes no capital das firmas de construção de materiais aeroespaciais, em

Francia e na Itália, sobretudo.

Nos próximos cinco anos, o Estado italiano concentrará no Mezzogiorno (Sul) 58 por cento dos investimentos do IRI (empresa estadual de desenvolvimento). No



mesmo período, o IRI gastará na área cerca de 5,9 bilhões de dólares, duas vezes mais do que nos dez anos anteriores. As indústrias automóvel, electrónica, aeronáutica

deve & haver

tica e, em particular, siderúrgica são a base do novo programa de desenvolvimento.

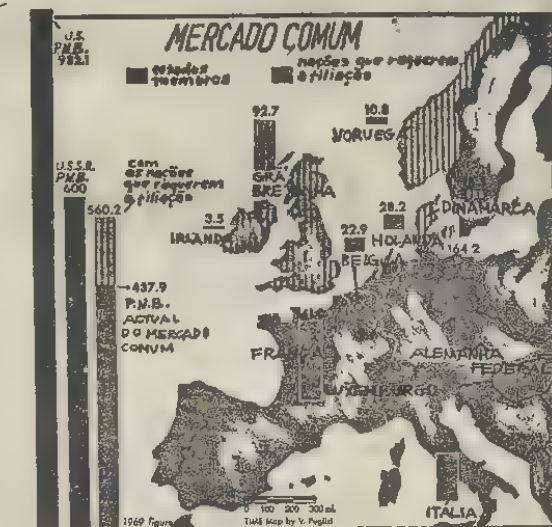
• TRABALHO FEMININO, TRABALHO A MEIO TEMPO

Em 1969, na Holanda, 25% das mulheres casadas trabalhavam fora de casa, contra 4% em 1960. Foi sobretudo o número de mulheres trabalhando em meio-tempo que aumentou: em 1960 31% das mulheres activas trabalhavam nesse

regime; hoje, são 60 a 70%.

Na Itália, tal como na Holanda, o número de mulheres que trabalham é muito baixo: formam apenas 26,6% da população activa italiana (23,3% na Holanda, 33,7% na Alemanha e 36,5% em França. Por outro lado, o nível de instrução das mulheres italianas deixa muito a desejar: entre os jovens que prosseguem os estudos para além dos 14 anos, apenas 42 a 43% são do sexo feminino.

Na Alemanha, 41% das mulheres, entre os 16 e os 69 anos trabalham, num total de 21 milhões de mulheres pertencen-



de Eborá, para lhe ceder os planos de uma máquina de construção de certas peças de relógioaria. Esses planos, afirmava Citizen, tinham já sido vendidos à Hattori, sua principal concorrente no Japão. Ora acontece que a Eborá jamais venderá esses planos, que julgava exclusivos e secretos... O representante da Hattori na Europa, Mitano Nomura, e um engenheiro suíço Victor Kardi, ex-funcionário da Eborá, estão judicialmente pronunciados como autores do furto dos planos.

• PARIS: UM NOVO AEROPORTO

Uma hora basta para um avião esperar 2000 aviões por dia e 50 milhões de passageiros por ano. O aeroporto ocupará uma área de 7000 acres, cerca de um terço da superfície de Paris.



estiver concluído, em 1985, será capaz de atender 2000 aviões por dia e 50 milhões de passageiros por ano. O aeroporto ocupará uma área de 7000 acres, cerca de um terço da superfície de Paris.

6.ª feira: «A cooperação permitiu um maior ritmo nas colheitas» (ND); «Medidas imediatas estão a ser planeadas para a eliminação dos gases venenosos dos automóveis» (Welt).

Segundo: Ambas as partes lamentam que a publicação pelo «Die Welt» do texto secreto do «Documento Gromiko», que continua também o texto acordado com o presidente Walter Ulbricht, não tenha conduzido ao desejado prejuízo das negociações de Moscovo. Acordam, assim, que, no caso de uma eventual assinatura de um tratado, o «Die Welt» publique antecipadamente o texto respectivo. O dr. Kremp esclareceu que as publicações serão feitas globalmente não só no «Die Welt», mas também no «Bild» e no «Berliner Morgenpost». Os textos conterão pequenas diferenças de redacção, de modo a que o dr. Kremp, mais tarde, numa entrevista radiodifundida, possa esclarecer convincentemente que não teria tido conhecimento da publicação em outros jornais da cadeia Sprinber.

«Neues Deutschland» e «Die Welt» estão de acordo em que estas publicações servem o fim comum a ambos, de fazer aparecer o presente Governo federal como pouco sério e, não digno de confiança em negociações internacionais. Assinado: dr. Kremp Singer.

27 SETEMBRO: um violento duelo de artilharia mata 72 egípcios. A 24 de Outubro, após a destruição do «destroyer» israelita «Eilat» por duas vedetas lança-mísseis egípcios, a artilharia síria atacou o complexo industrial do porto do Suez.

Assinado: dr. Kremp Singer.

AS ORGANIZAÇÕES DA RESISTÊNCIA PALESTINIANA

POR ORDEM DE IMPORTANCIA

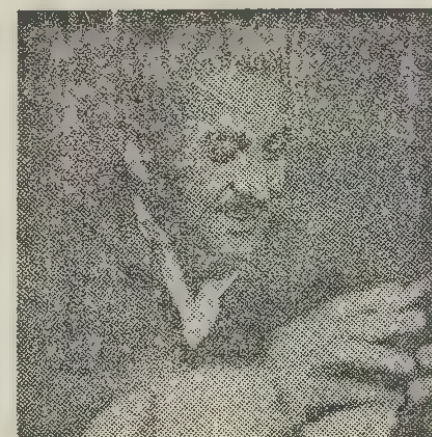
AL FATAH (A RECONQUISTA), cujo ramal, armado, Al Assifa (A Tempestade) nasceu em 1956 em Gaza ocupada. A luta armada da organização foi desencadeada em 1 de Janeiro de 1965 contra a barreira de El Battout. O seu comité central é constituído por militantes de tendências diversas: antigos baassistas, antigos comunistas, antigos nacionalistas árabes e mesmo antigos membros dos Irmãos Muçulmanos.

Yasser Arafat, presidente da Organização de Libertação da Al Fatah, é o seu porta voz, mas é dirigida por um comité central clandestino.

— E. L. P. (EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO DA PALESTINA). Vestígios do Exército da O. L. P. (antiga forma, anterior à guerra dos seis dias) (criado em 1966. Bateu-se em 1967 em Gaza. O seu comando (Forças Populares) são activos no Yolan. Dirigida pelo coronel Abdelazak Yahya após o «golpe de Estado» que destituiu o coronel Wajj El Nadani.

— SAIKA, dirigida por um baassista de esquerda, Youssef Al Bourgi, criada na Síria. Opera em coordenação com Al Fatah a partir do monte Harmon e em direcção da Galileia. Graças ao Exército sírio dispõe de armamento pesado.

— F. P. L. P. (FRENTE POPULAR DE LIBERTAÇÃO DA PALESTINA). Teve origem no Movimento Nacionalista Árabe (M. N. A. Harakat Al Kaumiyye) antigo movimento de tendências direitistas, o M. N. A. integrava sobretudo intelectuais ligados à universidade americana de Beirute. Popular entre os palestinos a partir de 1958 nos emigrados do petróleo. A partir de 1959, os nacionalistas árabes exploraram



GEORGES HABACHE o bisturi pela bomba

as divergências entre o Baass e Nasser e definiram-se como nasserianos. O movimento cindiu-se pela primeira vez em 1956 (nasserianos e anti-nasserianos) e depois, novamente, no decorrer da guerra dos seis dias. Nesse momento, George Habache fundou a F. P. L. P., em oposição a Al Fatah. A Frente recusa-se a fazer parte do CLAP (comandante militar comum da resistência) e está, acima de tudo, empenhada em acções no exterior da Palestina ocupada.

— F. P. D. L. P. (FRENTE POPULAR DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO DA PALESTINA). Nasceu dum cisão do movimento de Habache. Dirigida por um jovem universitário marxista de origem cristã: Nayef Awatneh. Faz parte do CLAP e tem um representante no comité executivo da O. L. P. (Bilal Al Hassan), mas define-se como panárabe e não como estritamente

palestino, dispõe de pouco armamento e dedica-se de preferência a trabalho político entre os refugiados.

— FRENTE DE LIBERTAÇÃO ÁRABE — Organização criada pelo Baass iraquiano. Não conta quase com palestinos.

— COMITÉ PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA — dirigido por um transtuga de Al Fatah, Iohem Sartoni, uma entre as dezenas de organizações folclóricas criadas para dividir a resistência palestina.

— AL FATAH ISLAMICA — Dirigida pelo mufti Aadj Amin Al Hussein. Financiada pela Arábia Saudita. Encarregada de estabelecer a confusão entre libertação nacional e guerra santa.

— FRENTE DA UNIÃO DOS REVOLUCIONÁRIOS ÁRABES — Nasceu de uma cisão no P. C. jordano. Tendência maísta.

NOS TERRITÓRIOS OCUPADOS

— FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE GAZA — Formada pela antiga O. L. P. e rejuvenescida por Al Fatah, com quem age em coordenação. Elementos muito jovens.

— PARTIDO DA REFORMA — Organização de notáveis de Djenin, Naplusa e Tulcarem.

ORGANISMOS CENTRAIS DA RESISTÊNCIA

— O. L. P. (ORGANIZAÇÃO DE LIBERTAÇÃO DA PALESTINA). Criada em 1964 pelos chefes de Estado árabe (para servir de entidade palestina. Tem um Parlamento (o Conselho Nacional Palestino) e um Governo (o comité executivo). Dirigida por Choukeiry até à guerra dos seis dias, revelou-se uma organização burocrática e ineficaz. Após o conflito, Al Fatah passou a dominar a O. L. P.

— C. L. A. P. — (COMITÉ DE COORDENAÇÃO MILITAR DOS COMANDOS) — dirigido por um membro de Al Fatah, tem participação de Al Assifa, E. L. P., F. P. D.



YASSER ARAFAT reconquista moderada

L. P. e Saika. Boicotado pelo movimento de Habache.

ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO DA RESISTÊNCIA

RADIO: Voz de Al Assifa — Emissão em árabe e em hebreu.

Voz da Palestina — Emissão em árabe e em hebreu difundidas do Cairo. Silenciada pelo Governo egípcio após o cessar-fogo.

IMPRESSA: Al Assifa — Boletim quotidiano editado em Amã pelo Gabinete de Imprensa de Al Fatah.

Palestina — Revista editada em árabe por Al Fatah.

Fatch — Revista editada em Beirute em árabe e em inglês.

Al Hourya, órgão da F. P. D. L. P., editado em Beirute.

Al Hadel (O Objectivo), órgão da F. P. L. P. de Habache.

UMA ALIANÇA SINGULAR

SURPREENDEU-SE o «Monde» que o seu homónimo alemão «Die Welt» (o principal órgão da cadeia de Axel Springer) fosse o único dos grandes jornais alemães a, na edição de 7 de Agosto, dar prioridade à poluição atmosférica sobre a informação relativa ao acordo de Moscovo, nesse dia rubricado por Scheel e por Gromiko. O semanário «Der Spiegel» publicou um documento importantíssimo, que explica as causas próximas desse mutismo do «Welt» (que os outros jornais de Springer secundaram). Trata-se de um acordo assinado pelo chefe da Redacção do «Welt», dr. Herbert Kremp, e pelo chefe da redacção do «Neues Deutschland» (órgão do SED — partido comunista da República Democrática Alemã), Rudi Singer, obtido pelo jornalista Otto Köhler.

Segundo o «Spiegel», a autenticidade do documento «não oferece qualquer dúvida», tanto mais que o acordo, assinado em 25 de Julho, foi por ambas as partes rigorosamente respeitado — o que pode comprovar-se pela leitura do «Die Welt» e do «Neues Deutschland». Após a assinatura do tratado russo-alemão por Brandt e

por Kossyguine, o «Die Welt» publicaria a íntima — como o acordo com o órgão do P. C. alemão, oriental previa — o texto respectivo, antes das sítas partes contratantes o divulgarem. Exemplar aliança esta, celebrada e respeitada por um Estado socialista e por um «truste» ocidental, cujo revanchismo é proverbial.

TEXTO DO ACORDO ENTRE O «DIE WELT» E O «NEUES DEUTSCHLAND»

Independente e de todas as profundas divergências ideológicas, estão de acordo ambas as partes em que não pode servir os respectivos interesses o facto de se estabelecerem relações amistosas entre a República Federal da Alemanha e a União Soviética. A fim de o impedir, obrigam-se ambas as partes a fazer tudo o que estiver na sua mão. «Neues Deutschland» congratula-se com a análise realista da situação feita pelo «Die Welt» quando escreve, em 23 de Julho: «25 anos depois da capitulação incondicional do exército alemão, um Governo alemão está pronto a capitular também politicamente perante uma das potências vencedoras.»



BRANDT E KOSSYGUINE cartas na mesa

Também o «Neues Deutschland» sempre defendeu a convicção de que os vários Governos de Bonn continuavam a política hitleriana, e que o Governo Brandt/Scheel interrompeu esta continuidade, ameaçando assim objectivamente tornar supérflua a posição da D. D. R. como insubstituível bastião da paz contra o imperialismo alemão.

Primeiro: Ambas as partes afirmam a intenção de

não salientar desnecessariamente as negociações entre a R. F. A. e a União Soviética. Acordam, assim, inserir os seguintes títulos principais durante a semana das negociações:

2.ª feira: «15 por cento dos cereais colhidos e armazenados» (ND); «Os soviéticos insistem em exigir o completo reconhecimento da D. D. R.» (Welt).

3.ª feira: «O Acordo de Potsdam faz parte do direito dos povos» (ND); «Gin-

co alemães refugiam-se na Alemanha Federal» (Welt).

4.ª feira: «A comuna de Cottbus recebe os seus jovens visitantes» (ND); «As rendas de casa devem no futuro acompanhar a evolução dos rendimentos» (Welt).

5.ª feira: «Soldados de engenharia exprimem o seu amor e lealdade para com a D. D. R.» (ND); «Bonn fortalecerá a protecção dos arrendatários contra os especuladores» (Welt).

Assinado: dr. Kremp Singer.

MÉDIO-ORIENTE TRÉGUA A TRÉGUA

1967

5-10 JUNHO: guerra dos seis dias. No termo de uma campanha contra a RAU, a Jordânia e a Síria, as forças israelitas ocupam o Sinai, a Cisjordânia e os montes de Golan. O cessar-fogo sem condições, pedido por um voto unânime do Conselho de Segurança da ONU em 6 de Junho é aceite a 7 pela Jordânia, a 8 pela RAU e a 9 pela Síria.

22 NOVENO: o Conselho de Segurança adopta uma resolução definindo os termos de um regulamento do conflito. No dia seguinte, o sr. Thani designa Gunnar Jarring, embaixador da Suécia em Moscovo, como enviado especial ao Médio-Oriente, encarregado de aplicar a resolução da ONU.

1968

26 FEVEREIRO: Abba Eban propõe negociações com os Estados árabes sob a égide de Jarring. No dia 8 de Março, a RAU rejeita a proposta.

21 MARÇO: ataque israelita de represálias contra a localidade de Krarame, na Jordânia. Os palestinos, que opõem resistência, abtem a primeira grande vitória. No dia 24 o rei Hussein declara que não pode nem quer opor-se à acção dos comandos palestinos.

11 MAIO: a RAU anuncia não colocar já como condição prévia das negociações a evacuação dos territórios ocupados.

8 SETEMBRO: após um novo confronto nas margens do Canal, a RAU anuncia a decisão de passar a proceder a «operações de defesa preventiva».

10 OUTUBRO: o Cairo propõe o estabelecimento de um calendário para a aplicação da resolução de 22 de Novembro «de uma maneira global».

25 ABRIL: respondendo a U Thant e ao Departamento de Estado, inquirido perante o recrudescimento dos incidentes no Canal de Suez, a RAU afirma já não existir linha de cessar-fogo árabe, e que «fará tudo o que puder para impedir que a via de água se transforme numa fronteira permanente».

6 SETEMBRO: Jerusalém confirma oficialmente o início da entrega dos Phantom americanos encomendados no Outono de 1968.

15 OUTUBRO: Mahmoud Riad, ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, exclui qualquer negociação tendo por base a fórmula de Rodhes.

1 DEZEMBRO: após quatro meses de interrupção, os Quatro Grandes retomam os contactos de Nova York sobre o Médio Oriente.

9 DEZEMBRO: Rogers revela o conteúdo de novas propostas americanas tendentes a um regulamento do conflito israelo-egípcio e israelo-jordano. No dia 22, essas propostas seriam rejeitadas categoricamente por Jerusalém. O Cairo, por seu lado, julga-as insuficientes e favoráveis a Israel.

22 JANEIRO: a ilha de Chadian é assaltada e ocupada durante 36 horas por forças aerotransportadas israelitas. No dia 23 o presidente Nasser dirige-se secretamente a Moscovo, solicitando intensificação do auxílio militar.

3 FEVEREIRO: numa mensagem dirigida aos E. U. A., à Grã-Bretanha e à França, Kossyguine sugere que a URSS poderia intensificar a ajuda militar aos Estados árabes.

20 MARÇO: o «New York Times» anuncia que a URSS iniciou a entrega de mísseis terra-ar 5 am-3 ao Egito.

21 MARÇO: o presidente Nixon torna pública a decisão dos E. U. A. de não entregarem «de momento» os Phantoms e novos Skyhawk a Israel.

13 ABRIL: último «raid» em profundidade da aviação israelita contra objectivos militares situados a uma trinta de quilómetros do complexo industrial de Helonan.

29 ABRIL: o Governo israelita publica um comunicado em que afirma que pilotos soviéticos voam em missões operacionais a partir de bases russas situadas em territórios egípcios. Nixon ordena uma «reavaliação completa» da situação e do equilíbrio de forças no Médio Oriente.

7 AGOSTO: cessar-fogo no Médio Oriente.

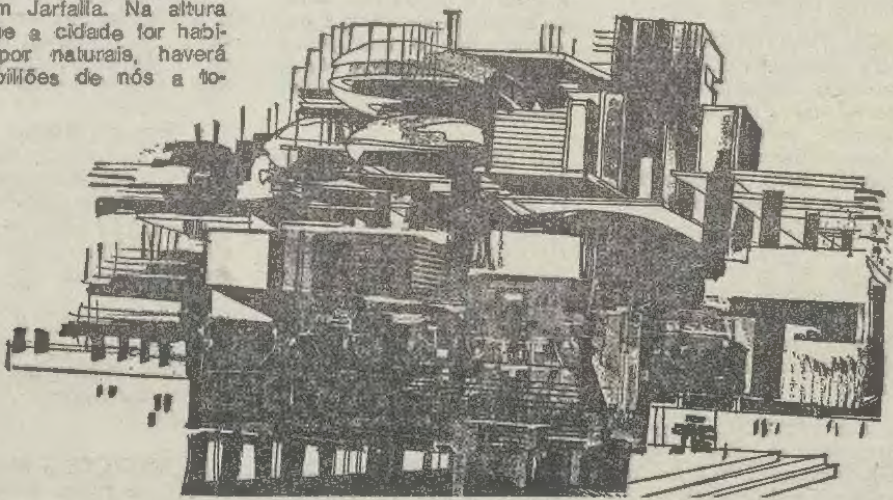
AS CIDADES DO FUTURO

A primeira cidade do futuro será construída na Suécia. Chamar-se-á Jarfalla, terá cerca de 100 mil habitantes e poderá ser alcançada por comboios suburbanos ou por auto-estrada, a partir de Estocolmo, que fica a 18 quilômetros. Não serão autorizados veículos a gasolina. Mini-autocarros elétricos capazes de atingir uma velocidade de 45 quilômetros-hora passarão a 130 metros de todas as casas, transportando livremente passageiros e bagagem. Plataformas rolantes equivalentes a escadas horizontais conduzirão as pessoas nas suas voltas para compras no centro da cidade. Aqueduto subterrâneo fornecerá a água potável. O lixo será recolhido por recipientes instalados em cada residência e transportado através de túneis de ar comprimido para incineradores 50 quilômetros fora de cidade.

O aquecimento e a água serão fornecidos por um único conjunto termo-nuclear e as temperaturas serão reguladas por termostatos individuais.

O ar será puro, a água deliciosa, as ruas impecáveis e os únicos sons serão os da música difundida e das crianças a brincar. Tudo isto estará pronto dentro de seis anos e custará uma enorme fortuna.

Para nosso mal, não podemos ser suecos nem todos os suecos poderão viver em Jarfalla. Na altura em que a cidade for habitada por naturais, haverá sete milhões de nós a to-



mar a volta do planeta, daqui a uns trinta anos e, a vida estará organizada de uma maneira completamente diferente. Os futurólogos fazem um considerável número de previsões contritantes.

Entre estes está Nigel Calder, antigo editor do «New Science», em Inglaterra.

«Aqueles de nós — afirma o cientista —, que ainda estejam vivos poderão ser encontrados em cidades que irão desde aglomerações de 50 mil habitantes completamente cobertas de vidro até enormes metrópoles de 50 milhões, dominando uma área de aproximadamente mil milhões de metros quadrados, a superfície da Europa Ocidental.

Mas a maioria da raça humana estará fixa no mar, em cidades flutuantes que serão ancoradas bem fundo, nas águas, de modo que as perturbações provocadas à superfície pelos ventos e pelas ondas — enjão, fundamentalmente — sejam negligenciáveis.

Estas cidades terão a forma de «bancos de gelo» uma vez que o gelo não tem possibilidade de afundamento e é relativamente barato no que diz respeito à manutenção (embora haja quem receie uma falha de energia, Calder garante que não precisamos de nos preocupar com esse factor). As cidades de gelo serão protegidas contra o vento por processos geodéticos, perfumada e decorada por processos audiovisuais e um sistema de ar condicionado garantirá uma Primavera amena de 12 meses, enquanto a alimentação será garantida por comida do mar e jardins crescerão em terra importada ou em tanques de água do mar cultivada.

Uns quatro ou cinco milhões de pessoas enfrentarão a fome, e somente alguns de nós se poderão permitir ao luxo de fruta e vegetais reais (digamos, uma melancia ou uns espinafres). A descoberta do cientista segundo a qual é possível extrair proteínas do petróleo será aplicada em larga escala de modo

a, através destas proteínas, extremamente baratas, se alimentarem animais que, por sua vez, nos alimentam. Três principais linhas de produção para a criação de proteína animal operarão, então, lado a lado. Numa, gado, porcos e ovelhas produzirão respectivamente carne e ovos. Em outra o leite será continuamente formado por glândulas produtoras, destinado ao consumo e aos lactânios. Numa terceira linha, precisando de bovinos serão distendidos em longos tubos e cortados sistematicamente em pedaços do tamanho de bifes normais. Um complexo de menores proporções produzirão, por seu turno, uma selecção de alimentos preparados —

tremamente bem pago cujo único trabalho é substituir um animal, aos primeiros sintomas de insanidade, por outro fisicamente idêntico, num máximo de cinco minutos antes que tudo enlouqueça.

Se preferirmos explorar outros métodos de produção de alimentos para o futuro, nós (o genérico mundial nós) podemos pensar em investir 30 bilhões de dólares por ano, ao longo dos 10 mais próximos, para aproveitar todas as gramas dos alimentos que provêm das terras correntemente aproveitadas e reclamar todos os acres de terra que possam ser reclamáveis. E contra isto... alguém sente o gosto a petróleo no bife?

a terra o habitat

Por CLAIRE STERLING

sopas, enchidos, pão, cerveja, etc. para distribuição regional ou nacional. Vitaminas e farinhas de fornecedores nacionais serão acrescentadas quando isso for requerido. Sumo de laranja e de limão será produzido de culturas através de materiais fibrosos. Os muito ricos poderão comprar fruta natural e vegetais nos mercados-jardins; os muito pobres poderão sobreviver com combinações de plantas e alimentos sintéticos reforçadas com vitaminas, comparáveis, talvez, às refeições hoje servidas a bordo dos aviões, mas enriquecidas com vitaminas.

Calder não aprofunda o lado dos efeitos psicológicos de tudo isto.

Se esses efeitos não são previsíveis, nós podemos no entanto ter uma ideia do que pode acontecer aos animais no que diz respeito à nutrição pelo último método de desenvolvimento de pecos manejados por cintos e alimentados por rações estritamente estudadas e desenhadas para uma engorda a baixo custo. Os veterinários, entretanto, dizem notar uma tendência, nos porcos, para a loucura: por isso, os sistemas automáticos e linhas automáticas de engorda e oração exigem a assistência de um funcionário ex-



VENENO não é só cogumelo

POLUIÇÃO

O CANCRO DA ABUNDÂNCIA

APANHAR ar torna-se a pouco e pouco uma fonte de morte. Tomar banho de mar também. Ela como uma civilização destrói o seu passado campestre e rural e, destruindo-se, cava a sua própria destruição. Durante décadas e décadas, os aviões e os comboios cortaram a face da terra, os automóveis passaram de um luxo a uma necessidade, as indústrias e os industriais produziram, venderam, conquistaram mercados e países. Só que a circulação, a produção, a conquista, não são actividades neutras. Também o não são, evidentemente, as experiências atómicas, a construção desordenada de bairros e de cidades, de vias de transporte, de penetração e de influência. Poluição, eis uma palavra mágica que a década de 70 nos reserva.

Nos tempos das nossas avós vitorianas, Londres era uma cidade típica: havia a Torre, a Ponte, a City, os banqueiros, os lordes, os industriais, a rainha, o príncipe consorte... e o «smog». O «smog» era um misto de nevoeiro e de fumo das fábricas da capital do Império Britânico, da mais industrializada das cidades do Planeta. De repente, porém, as municipalidades e os governos começaram a aperceber-se que o «smog» não era exclusivo de Londres. Se o

nevoeiro não era transportado, a urbanização levavam consigo esse mítico fumo de fábricas e de indústrias a todas as nações desenvolvidas. Roterdão e Hamburgo, Paris e Milão, Nova York, Filadélfia e Baltimore e também algumas capitais económicas do Terceiro Mundo estão sujeitas àquilo que a terminologia oficial norte-americana designa eufemisticamente por «elementos incidentes atmosféricos». Nos países mais industrializados, o fenómeno atinge proporções que começam a inquietar os poderes públicos — a revista americana «Life» publicava recentemente uma capa em que os cidadãos «yankees» apareciam envagando máscaras...

A poluição é, segundo os dicionários, o acto ou efeito de poluir, i. e., de sujar manchar, corromper, destruir. Quando um petroleiro alija a sua carga no Mediterrâneo ou no Báltico provoca incêndios de animais e de plantas marítimas e suja («polui») as costas. Quando uma fábrica lança dejectos industriais tóxicos num rio do interior vai exterminando lentamente a fauna e flora de toda uma região. Quando os esgotos de uma cidade confluem para uma praia, para uma zona de turismo e recreio ou repouso e a saúde dos veranean-

tes estão irremediavelmente comprometidos.

A poluição é fonte de morte e fonte cara. Destrói animais, desvaloriza propriedades, desencoraja o desenvolvimento económico. Estudos ecológicos recentes (a ecologia é o estudo do meio ambiente das espécies animais e vegetais) estabelecem listas alarmantes de elementos poluidores e convidam os poderes públicos — nomeadamente os países altamente industrializados — a tomarem medidas drásticas de protecção da natureza e do homem.

A indústria automóvel é responsável por cerca de 60 a 80 por cento da poluição total do ar, afecta a vida dos habitantes dos meios urbanos, das árvores, dos edifícios e dos monumentos.

As indústrias do cimento, siderúrgica e electrometálicas sujam o ar, recobrem os dados e regiões de uma camada de pó e bruma, provocam a morte de florestas.

As indústrias petrolíferas lançam anualmente nos mares mais de um milhão de toneladas de mazout e de alcatrão.

Os próprios poderes públicos são directamente responsáveis pelo lançamento dos esgotos urbanos nos rios e nos mares.

As companhias de aviação (e as entidades responsáveis pela localização dos aeroportos) contribuem, por seu turno, com um elemento poeireiro de primeira qualidade e de que aliás não têm o monopólio: o ruído.

A consideração e o combate aos fenómenos poluidores torna-se progressivamente uma questão de vida ou de morte para a espécie humana. O homem terá — se quiser subsistir — que «sacudir os vermes que o poluem», como propunha o Garrett das «Viagens na minha terra». Para já, obrigas indústrias a evitar a destruição do meio ambiente, seria onerar de 2 a 20 por cento o custo das instalações respectivas. A luta contra a poluição não é pois uma questão meramente técnica, nem mesmo estritamente económica.

Enquanto não fôrmos máscaras a todos os seus súbditos, o Governo de Washington está empenhado numa campanha contra a poluição, dirigida pela National Air Pollution Control, que dispõe de um orçamento anual de 100 milhões de dólares, o que é menos do que o custo da rampa de lançamento de um foguetão atómico.

Para impedir que a América se transforme numa zona de devastação, os próprios peritos governamentais

calculam, porém, que seria necessário dispendir 100 bilhões de dólares nos próximos cinco anos, 30 dos quais seriam gastos na luta contra a poluição das vias e de águas.

Como 60 a 80 por cento da poluição atmosférica é comumente atribuída aos automóveis, a administração Nixon centra os seus esforços em medidas tendentes a obrigar os fabricantes de automóveis a construírem filtros para os seus modelos.

Mais radicais, os organizadores de uma recente «survival fair» em San José (Califórnia), compraram um carro novo e queimaram-no publicamente. Se a moda pegasse, o custo da poluição não é pois uma questão meramente técnica, nem mesmo estritamente económica.

Armadados de um conceito mais lato de poluição, outros «angry young men» americanos destruíram as instalações de Santa Bárbara (Califórnia) do Bank of America — um banco com sede em Nova York e filiais em todos os Estados americanos, em Saigão e em Banguecoque. O «Mad», revista nova-ioriana dotada de um humor sarcástico, ilustra o tema «poluição do ar» com a imagem dos telhados urbanos repletos de antenas de televisão.

Um relatório apresentado ao Governo francês em Maio últi-

mo estabelece «um programa para uma política do meio ambiente». Trata-se, segundo o «Nouvel Observateur», de uma análise cheia de bom-senso das causas de degradação do meio natural e dos diversos métodos que cada cidade honesta e cada bom pai de família deve adoptar para remediar semelhante catástrofe. O homem do século XX deve adquirir uma «consciência ecológica», isto é, uma delicadeza face aos bens que sem se apercebermos nos pertencem.

E quanto aos governos? O relatório apresenta magníficos projectos que deixariam boquiaberto qualquer amante de ciência-ficção. De acordo com um deles, a França ficará um dia reduzida às costas, ficando o centro do hexágono reservado aos parques e a meia dúzia de auto-estradas. Segundo outro, a agricultura do futuro dispensará a terra e será feita à base do petróleo e da fotossíntese-electricidade.

E entretanto? — interrogam-se os «observadores». Entretanto, a poluição, ou melhor a sua ideologia, permitirá unificar uma nação — espera a «Time». Simbolicamente, o «New York Times» prevê por seu turno que a ecologia e a luta contra as poluições substituirão o Vietnam como principal pretexto para as lutas «contestatárias».

A CASA NA U.R.S.S.

UM novo apartamento é a chave para a boa vida na União Soviética.

Eis significa um fim para a vida comunal — quatro ou cinco famílias num apartamento, partilhando a cozinha, o banheiro e os lavabos — no meio de condições esqueléticas em edifícios decadentes que dificilmente são compatíveis com os objectivos do comunismo.

Significa, o apartamento, um visível tangível aumento no nível de vida — um aumento maior do que as consideráveis melhorias na comida, roupa, carros e outros bens de consumo.

De todas as promessas feitas pelo estado soviético e o Partido Comunista, nova habitação é, portanto, o único que as pessoas tomam mais seriamente e que as autoridades tentam arduamente cumprir.

Na generalidade, pelas estatísticas dos burocratas soviéticos, o objectivo é perfeitamente alcançável e sob rigorosa proporção O Estado construiu 2.250.000 novos apartamentos e outras unidades habitacionais em 1969. A área total foi só 84,7 por cento da taxa planeada mas a percentagem era ainda 9,3 apartamentos por mil habitantes. A Europa Ocidental constrói apenas 8 por cento.

Só em Moscovo, entre 100 mil e 120 mil novos apartamentos cresceram para o céu este ano, integrados no plano quinquenal que agora termina (17 por mil habitantes). Um visitante pode ver gigantescas gruas em quase todos os pontos da periferia da cidade, construindo novos subúrbios de altos prédios de apartamentos. Moscovo constrói agora não menos de nove andares por prédios não mais de 25.

Excepto nas áreas rurais e nos velhos arredores de algumas cidades, casas de duas famílias conseguem subsistir, ou constroem-se novas, desse tipo.

Mesmo os novos apartamentos são pequenos de

acordo com o gosto ocidental. O mínimo espaço para a nova habitação é nove metros quadrados por pessoa. A média em Moscovo é agora 9,3 metros quadrados de espaço para viver per capita. Isto significa que o cidadão que consiga um novo apartamento terá sorte em ter dois quartos para uma família de quatro pessoas com 120 metros quadrados de «living» mais cozinha, casa de banho e «hall».

Na União Soviética um «trabalhador criativo» tem um apartamento maior. Um membro da União dos compositores, ou escritores ou artistas tem direito a um extra de 70 metros quadrados de espaço vital. Directores de fábricas, membros do «comité» central e outros indivíduos de alta posição podem conseguir apenas mais trinta e poucos metros quadrados, de acordo com as informações de Igor Vassilievitch Pushkarev, chefe do departamento de Moscovo que regista e distribui as casas. Muitos moscovitas julgam que os grandes países têm realmente grande espaço.

O objectivo de Moscovo é, de facto, dar a cada pessoa mais do que 450 metros quadrados, a partir de 1980.

Os turistas encontram agora Moscovo como uma cidade em construção, mas as cidades bonitas vivem séculos a fazer-se», diz Simon Matveevitch Matveev, director do Instituto de Pesquisas do Plano da Cidade de Moscovo.

Se um moscovita tem queixas a fazer contra a sua casa, ele pode consolá-la, por outro lado com o facto de pagar uma renda baixa. Um apartamento custa entre 120 e 200 rublos (quatro e sete contos) por metro quadrado mas a sua renda é de 13,2 kopecks por metro quadrado, por mês, portanto, 6 a 8 rublos por mês para uma família de quatro.

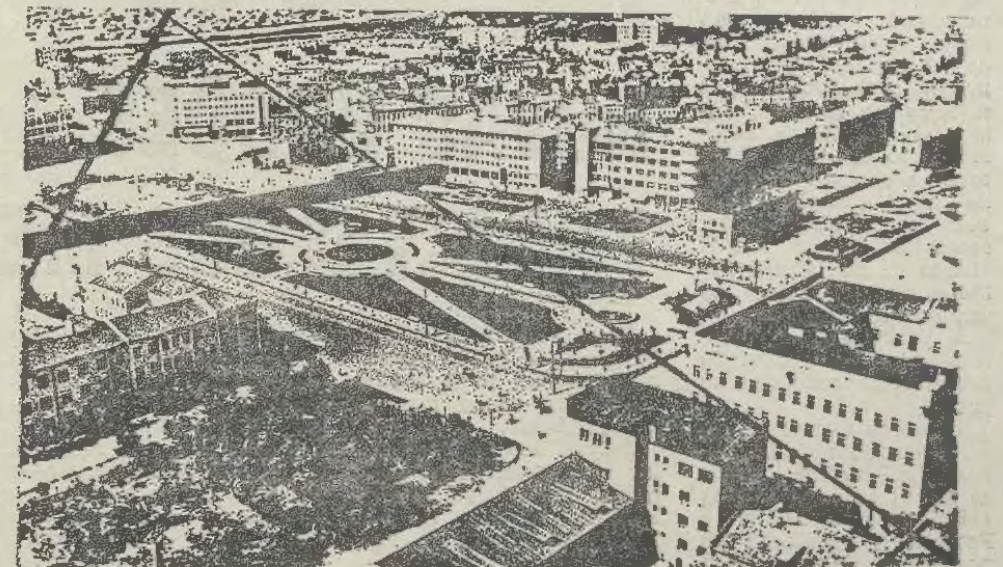
Inteligentemente, leva uma

média de cinco a sete anos a conseguir um apartamento desde que o moscovita tenha pedido uma nova habitação, disse o informador do Instituto.

Cerca de 25 por cento das pessoas de Moscovo vivem ainda em apartamentos comunitários — este número andava por volta de 60 por cento em 1965 e entre 70 e 99 por cento, em 1956. Cerca de 10 por cento dos moscovitas vivem em casas que não dispõem de casas de banho ou que não dispõem de conforto moderno, disse ainda o informador. Na bicha para um novo apartamento, os doentes ou pior alojados têm preferência. Outros podem comprar apartamentos através de cooperativas.

Aproximadamente 20 por cento dos novos edifícios de Moscovo são de cooperativas. Um sócio de uma cooperativa paga cerca de 40 por cento do valor a baixo custo e paga o resto através de empréstimo de um Banco do Estado, pagando este empréstimo ao longo de 10 ou 15 anos.

As autoridades soviéticas estão a incrementar o número de cooperativas de construção todos os anos, parcialmente para reter economias privadas que podem, de outra forma, iniciar um processo inflacionário. Há também uma variedade de empresas privadas a trabalharem no esquema do Estado, a troca de apartamentos é possível e autorizada através de escritórios locais em cada cidade. As autoridades combatem firmemente, no entanto especuladores quando os apanha e há possibilidades de alguma especulação quando alguma pessoa cede o seu apartamento a outro recebendo dinheiro em troca e alegando ao Estado qualquer outra razão, tal como maior proximidade do emprego, etc., para sair. No entanto, apesar das medidas repressivas eles não têm sido capazes de deter esta actividade semi-legal.



APARTAMENTO, CONSTRÓI-SE vista parcial de Leningrado

desporto comunicações

De momento um único país europeu está à vontade no ramo da indústria automóvel: a França. Um país que se bem: a Alemanha. Um terceiro tenta recuperar penos os atrasos: a Itália. Um quarto continua metido numa camisa de onze para a Inglaterra.

Os países felizes não têm história. Actualmente é verdade para a França automóvel.

Os quatro grandes construtores franceses realizam excelentes negócios nos mercados estrangeiros. Os seus tentáculos ramificam-se frutuosamente. Estão ocupados (sobretudo a Renault) em conquistar um lugar ao sol na Alemanha, na Grã-Bretanha e na Itália.

A desvalorização do franco francês, congregada com a revalorização do marco alemão, desempenhou em pleno o seu papel, e a indústria automóvel, através das suas exportações maciças, foi a pedra base da recuperação da balança de pagamentos do Estado francês.

Se a procura externa é grande, a interna estabilizou na mediania. Mas os construtores franceses não se preocupam com a falta, dado que, por um lado, as exportações são amplamente compensatórias e, por outro, esperam que o Governo abraque antes do fim do ano as restrições do crédito decretadas após a desvalorização. Para a França, não há portanto problemas a menos que surja uma súbita catástrofe. Mas pouca gente acredita num Outono «quentes». Quando muito assistirá a uma «retracção» um pouco agitada...

Na Alemanha a situação é difícil de definir. Depois da revalorização de Setembro último, a Economia assinalou apenas uma ligeira travagem. Após ter «digerido» a alta dos preços no estrangeiro e ter medido o perigo da invasão do seu mercado interno, a Economia alemã, com um dinamismo impressionante, reencontrou numa fase de expansão acelerada. Mas a situação mantém-se globalmente equívoca. A inflação instalou-se e acaba de ser estabelecido um plano severo. Para alguns impõe-se uma nova revalorização mas os «grandes patrões» pretendem combater as sequelas de recessão, então? Na indústria automóvel todos os construtores acusaram o golpe da revalorização mas, seis meses mais tarde, comprimindo os lucros (tanto os da fábrica como os do importador), as vendas recomçavam.

A Volkswagen atravessou este mau período muito melhor do que se previa.

Melhorou mesmo as posições nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Para os outros construtores (Mercedes, B M W e Porsche) a revalorização permitiu respirar um pouco porque, de qualquer forma, a sua capacidade de satisfação das encomendas estava esgotada. A Opel foi certa-

EURO CAR EUROPA AUTOMÓVEL

Por PHILIPPE TOUSSAINT

mente o grupo que mais se ressentiu, no estrangeiro, mas, em contrapartida, realizou números surpreendentes no mercado interno enquanto a Ford, graças às suas unidades de produção de Genk, na Bélgica, evitou admiravelmente os desgastes. Que irá passar-se agora?

Na indústria automóvel a recessão surgirá porque em toda a Europa, a viatura alemã continua muito apreciada. Além disso, todos os construtores alemães (com excepção da Mercedes, da B M W e da Porsche) apresentaram neste Outono novidades e inovações, destinadas a atrair os clientes. Uma nova revalorização seria um golpe muito duro. Mas a indústria automóvel alemã preocupa-se também com o futuro mais distante. De momento o Deutsche Bundesbank incita à prudência.

mas uma questão surge: será prudente investir a longo prazo num mercado ainda incerto e numa fase em que a situação local está mal definida? O entusiasmo actual desemboca no desconhecimento, e a primeira consequência é um travão aos investimentos da indústria automóvel alemã.

Se Giovanni Agnelli pudesse aconselhar os construtores alemães a propósito de investimentos nos países do Leste, recomendar-lhes-ia seguramente moderação e prudência.

No plano financeiro, a instalação da fábrica de Togliattigrad foi talvez um bom negócio para a Fiat, mas ninguém pode

dução anual é excessivamente elevada e Turin não quer, sobretudo, ter a responsabilidade de construir o conjunto fabril. A Fiat está disposta, quando muito, a colaborar neste plano. Esta mesma resposta foi dada pela British Leyland, pela Mercedes e pela Nissan, depois da recusa da Ford. Com a Fiat, a URSS jogava a sua última cartada mas, mais até do que o construtor turinense o Governo italiano não deseja de momento, investir novamente na Rússia. A recusa de Agnelli compreende

juntar as 160 000 já perdidas no Outono de 1969.

Finalmente, houve acordo com os sindicatos. A Fiat reclama por intermédio desses acordos, um trabalho intenso nos próximos meses para tentar recuperar o atraso da produção. Em contrapartida, a Fiat compromete-se a estabelecer, a partir de Janeiro de 1972 semanas de 40 horas de trabalho, a conceder certos bonus de acordo com a produção, e a pagar um décimo quarto mês de salários (a lei em Itália impõe o décimo terceiro mês). Estas «fantasias» sociais custaram caro à Fiat: 1) Ficou paralisada em plena expansão, precisamente no momento do lançamento no estrangeiro da sua terrível arma — o 128 — e outros modelos similares. 2) Perdeu inúmeras vendas por não poder satisfazer os pedidos. Em Itália, o prazo de entrega do 128 passou para 7 meses. Calcula-se que as listas de espera somem cerca de 400 000 pedidos. 3) Em 1970, os seis melhores meses de vendas já passaram e o atraso da Fiat dificilmente será recuperado. 4) A Fiat está a perder o seu baluarte principal. Isto é, a sua parte esmagadora no mercado italiano. Muitos clientes estão cansados de esperar por um Fiat e voltaram-se para a produção estrangeira. A Opel, a Ford, a Sinca, a NSU e a Renault realizam excelentes vendas em Itália. A percentagem de mercado abrangida pelos veículos estrangeiros ultrapassou os 25 %. Em 1969, o número era de cerca de 20 %. A Fiat não tem agora senão 60 % do mercado italiano contra os 73 % do ano passado. Quanto ao futuro? É baseado inteiramente em novos investimentos. Em breve a Itália aumentará consideravelmente os seus meios de produção.

Em 1971 a fábrica Alfa será capaz de produzir 300 000 veículos (digamos de passagem que a Alfa acusou também o golpe a seguir às greves com uma perda de 23 %). A Fiat vai construir duas novas fábricas no Sul, uma em Cassino e outra em Terni, cada uma capaz de produzir anualmente 250 000 veículos.

É um meio da Fiat para descongestionar o centro explosivo de Turin. Em princípio estas fábricas estarão concluídas em fins de 1972. O recente aumento de participação na Citroën acarreta também o desejo de aumentar a capacidade de produção. Tudo isto em conjunto parece dar à Fiat uma

máquina capaz de produzir 2 800 000 unidades por ano. É muito bonito mas com a condição de que a Itália seja economicamente estável e que os extremistas esqueçam o seu velho sonho: nacionalizar a Fiat.

Para os ingleses é o desconcerto geral. A agitação social tornou-se permanente. A multiplicação dos sindicatos conduziu a uma falta de coordenação nas reivindicações, o que desencadeia situações sabermas. As viaturas estão terminadas mas falta o couro ou o puxador das portas porque o departamento respectivo decidiu subitamente uma paragem no trabalho. Nestas condições a baixa de produção é espectacular (em Abril foram produzidas 136 000 unidades contra 178 032 em Abril de 1969).

Como por outro lado os salários aumentam a um ritmo louco o processo inflacionista não pode ser detido.

Os construtores britânicos tiveram já que aumentar os preços em Julho e serão sem dúvida obrigados a aumentá-los ainda mais, porque no mês de Agosto todas as fábricas estiveram fechadas para férias.

A produção é baixa e procura também.

Neste caso os construtores apressam-se a acusar o Governo e as suas restrições ao crédito. Se esta razão é em parte válida não é essencial. É preciso sobretudo pôr em causa o valor da produção britânica. De momento, a Renault, a Fiat, e a Volkswagen fazem uma invasão terrível no mercado britânico, ainda que as importações tenham sido travadas durante algum tempo pela greve dos estivadores. No decurso dos seis primeiros meses, a VW vendeu tantas viaturas como durante todo o ano de 1969. Isto representa um aumento de 70 %. Em Junho a percentagem dos automóveis estrangeiros no mercado atingia já os 16 %.

Mas a «Financial Times» não se preocupa: esta percentagem poderia atingir os 20 ou 25 % no fim do ano!

Qual a terapêutica? Fala-se de nova desvalorização. Isto seria, como em 1969, um remédio momentâneo. De facto, o estado de espírito dos ingleses deve mudar e, sobretudo, é tempo de limitar o direito de greve e de unificar os sindicatos.

Dos quatro grandes da Europa Ocidental a Inglaterra é a mais doente. É grave porque não é só uma doença física mas também política.



O TELEFONE está tão integrado no nosso quotidiano como o automóvel. Desde há anos que as grandes firmas automobilísticas fabricam carros a partir dos quais se pode telefonar para todo o mundo. Num futuro próximo, o autotelefone será tão vulgar como o auto-rádio. Na Alemanha Federal (neste, como noutros campos, pioneira na Europa) 10 000 automobilistas dispõem de telefone no seu carro particular.

AUTO-TELEFONE A SIMBIOSE UTILITÁRIA

O autotelefone é utilizado sobretudo com fins comerciais. Os seus proprietários são sobretudo, industriais, agentes de câmbio e da bolsa, agentes imobiliários, advogados, arquitectos, médicos e jornalistas.

A pouco e pouco, torna-se porém comum a utilização do autotelefone por todos quantos dispõem dos minutos contados e que, enquanto viajam a caminho dos locais de trabalho, podem tratar da vida particular: falar aos amigos, encomendar um livro ou um fato, pedir ao banco um extracto de conta corrente.

O turista pode telefonar para os hotéis da cidade próxima sem ter que sair do carro (sem ter, sequer que parar) e a família pode contactá-lo a qualquer momento sem ter que pedir ajuda às estações de rádio e aos seus apelos aleatórios.

ros europeus e americanos estejam equipados com telefone — como aliás já o está a rede de comboios dos países industrializados.

Todas as conversações, com o autotelefone — chamadas e respostas — são feitas através de uma rede de centrais de radiotelefone. Cada posto radiotelefone abrange uma zona determinada, e a sua amplitude, tal como o número respectivo, figuram num mapa fornecido aos automobilistas. Quando o automobilista que mantém uma conversa telefónica abandona uma dessas zonas para entrar na seguinte, tem que pôr termo à chamada, dado que a conexão é central da zona imediata não é autotelefone ronda actualística.

O preço médio do aumento dos 50 contos; na R. F. A., os serviços postais cobram, pela sua utilização, uma taxa mensal de 65 marcos (455 escudos).

AS GRANDES INVASÕES

1970 foi um bom ano para o Turismo Internacional. Os números publicados pela organização de cooperação e de desenvolvimento económicos indicam que a retomada da expansão que se podia notar em 1969 pelos relatórios de 1968 e 1967 foi alcançada de modo ainda mais pesado no decurso dos primeiros meses de 1970. Em França, o número de dormidas de turistas estrangeiros aumentou (de Janeiro a Abril) de 7 por cento. Paris beneficiou — e naquelas proporções — deste «boom» turístico?

Os primeiros resultados fazem aparecer — em relação a 1969, um acréscimo de 23 por cento de turistas americanos, 20 por cento de ingleses, 15 por cento de canadianos, 15 por cento de escandinavos, 10 por cento de japoneses, que são muito minoritários, estiveram em França numa proporção muito maior do que no ano precedente, numa escala que se pode avaliar num aumento da ordem de 40 por cento. Espera-se que passem por Paris até ao fim do ano a volta de 60 mil.

Se estes números podem aparecer como a consequência normal do movimento turístico internacional que se nota para este ano, o Comissariado francês do Turismo salienta que um grande esforço foi feito no domínio da publicidade. Assim, em Inglaterra a França encontra-se à cabeça, um pouco à frente da Espanha, na campanha publicitária.

Paris e os seus arredores registam 57 por cento das dormidas em França pelos turistas estrangeiros. Daqui conclui-se, portanto, que a cidade não é mais do que um ponto de passagem; os estrangeiros acham-na mal provida para receber como deve ser, além de entenderem que apresenta uma vida extremamente cara. O mal não será tanto do equipamento hoteleiro, mas sim muito mais da concepção de alojamento e de alimentação. Cita-se muitas vezes este exemplo: em Itália pode-se encomendar um prato de massas para duas pessoas; em França e mais particularmente em Paris, isso não é possível. Mas os donos dos restaurantes italianos vivem do Turismo

enquanto que os seus homólogos franceses não o consideram como um mero acidente. A famosa frase «e a seguir...» não é bem compreendida pela maior parte dos turistas habituados a serem dirigidos menos brutalmente... Espectáculo de som e luz nos inválidos, um espectáculo no Jardim das Tulherias. Sabe Paris receber e distrair os seus visitantes? Não parece Paris tornar-se uma cidade de arte, como Roma. É em Londres que está o divertimento, a animação. Resta o comércio.

«Paris é ainda o pólo de atracção para o conjunto dos turistas americanos». Numa obra recente consagrada aos turistas estrangeiros em França, Jean Ginier traça as caracterís-

ticas das populações que visitam França: «Apesar da vida cara, os serviços públicos pouco amáveis, um metropolitano prático mas sujo, táxis de preços fantásticos, os americanos vêm numa peregrinação de 30 por cento do total na capital. Eles vêm principalmente no Verão e frequentam quer o bairro Champs-Élysées-Etoile (representam 90 por cento da clientela dos hotéis de quatro estrelas) seja a Opéra, o Palais Royal ou a margem esquerda. Junta-se a estes uma clientela jovem e modesta, proveniente de uma classe económica. De qualquer modo — salienta o autor — qualquer que seja o extracto destes turistas, as suas actividades são as mesmas: perfumes, «bibelots», «boites», costureiros.

Para os turistas alemães, Paris conserva o encanto e o prestígio dos prazeres da capital. A publicidade das revistas turísticas é consagrada em grande parte às «boites», aos night clubs e, muito raramente, a este ou aquele restaurante. Um terço dos alemães são clientes da hotelaria parisiense. Vêm todos em grupos, em excursões económicas, ou individualmente.

Paris vê passar regularmente dois terços dos turistas britânicos que viajam em França. A repartição socio-profissional estabelece uma diferenciação perfeitamente definida: turistas indefinidos, raros; quadros médios, comerciantes e funcionários, um quarto; quadros superiores e profissões liberais, perto de 45 por cento; finalmente, emigrantes, reformados que se contentam com viagens e «tours» organizados pelas agências.



LA VIE EN ROSE

SÃO quarenta, neste restaurante da Rua Norvins, em Montmartre. Poucos homens. O guia, também alemão, deixou-os lá por volta das 7 e meia. Tinha o fim evidente de os pôr a jantar e a relaxar-se, a praça livre de turistas menos agrupados.

LA VIE EN ROSE: é o ataque do pianista pávido, recolhido atrás da sua caixa negra de teclas brancas. A seu lado, um animador. Truculento e bilingue. O seu problema é simples mas delicado: começa o jogo a ir e quer fazer cantar quem janta. «Todos agora», grita ele. Dispõe-se as mesas de maneira que se vejam uma aos outros o menos possível. É uma enfiada de malva, verde, azul, rosa, cabelos prateados, ou simplesmente grisalhos. Público de velhas damas cai-

das numa viagem organizada. Público a quem se prometeu todas as distrações: Montmartre.

TUDO GIRA: depois do velho plano, o acordo, depois de «Sous Les Ponts de Paris», «Le Chat Noir», depois das velhas canções francesas, as velhas canções do corpo de guarda. Serviço rápido e sem atenções. Impossível, neste ambiente fazer reclamações. O guia ri-se, os criados não param. O guia pisca o olho ao pessoal e ri-se. Tem a vantagem de conhecer as casas.

Faz-se tarde, é preciso acabar. Antes de partir é preciso contar. Ver se estão todos os que ali foram depositados hora e meia antes. O fotógrafo traz as colecções. Tudo esteve muito alegre. Risos a cores. Uma espécie de Sátyrico de Montmartre.

NOVAS NOÇÕES PARA VELHOS MERCADOS

Depois do acordo de Moscovo, os construtores alemães vêm abrir-se perante eles novos mercados no Leste.

A Ford acaba de instalar uma fábrica de camiões em Belgrado; a Mercedes investiu 11 milhões de dólares na fábrica jugoslava Fap-Famos para produzir 10 000 camiões por ano. Os restantes construtores germânicos gostariam de seguir o mesmo caminho

imaginar o número de aborrecimentos que Turin encontrou na sua colaboração com os russos. Quando de uma recente viagem a Moscovo, Agnelli deu novamente provas da sua boa vontade a Kossyguine, mas recusou gentilmente o plano de construção de uma fábrica de camiões capaz de produzir 150 000 unidades por ano. A Fiat considera este projecto insensato. O valor da pro-

se melhor considerando que ele tem de momento, outros assuntos em que se ocupar. Desde Outubro último, a Itália mergulhou nos distúrbios sociais e nas greves selvagens.

No primeiro semestre de 1970 isso representou, para a Fiat, na perda de 2 800 000 horas de trabalho e numa produção desfalca de 98 000 unidades.

A este número há que

PARIS

marketing cultural

QUZENTOS e cinquenta mil títulos por ano e 2500 000 dólares, eis o «chiffre d'affaires» da edição americana. Um «best-seller» como O Vale das Bonecas de Jacqueline Susan, atingiu em as suas 43 edições (a maioria de bolso), uma tiragem de 7 200 000 exemplares.

As editoras americanas estão a ser sacudidas por uma vaga de compras e de vendas duma amplitude sem precedentes. Em meia dúzia de anos, todas as grandes firmas de vocação literária, (com excepção de incógnita), foram absorvidas por empresas industriais que nada têm do literário... capital monopolista invade a edição.

A Xerox (máquinas de reprodução) e a RCA (Rádio e Televisão) adquiriram respectivamente, a Bowker e a Random House, pilares da literatura norte-americana. Grupos financeiros como a National General Corporation asseguraram-se do controle de editoras como a Bantam, o maior produtor de livros de bolso do Mundo. Órgãos da imprensa como a Times Mirror Inc., proprietária do «Los Angeles Times» compram e agrupam, em cadeia, elementos tão dispersos como a Abrams, especializada em livros de arte e a New American Library, conhecida pelas suas edições populares.

O primeiro factor responsável por esta modificação da estrutura do mercado é, em dúvida, a explosão cultural norte-americana, evidente sobretudo no campo do Ensino. Os livros de estudo representam sempre, de facto, para os editores, a maior fonte de receita considerável. O desenvolvimento, a generalização, o prolongamento da escolaridade e, acima de tudo, a expansão dos estudos clássicos aos novos domínios do conhecimento, provocaram, naturalmente, um aumento da procura e da oferta. Paralelamente, verificava-se e verifica-se uma procura de livros que, sem serem propriamente escolares, têm finalidades pedagógicas — estudos críticos, históricos, bibliográficos — e de obras originais — literárias — filosóficas — aconselhadas pelos agentes do Ensino. As técnicas modernas, as revoluções científicas posteriores à guerra, estão a origem de uma corrida às escolas, a corrida às escolas está na origem de uma corrida aos livros. Os editores vieram a beneficiar deste processo de duas maneiras: vendendo aos estudantes as obras indispensáveis aos cursos e explorando sabiamente, entre as massas assim educadas, um mercado de leitores potenciais. Os novos leitores estão por outro lado na base de uma procura de tal modo elevada que seria impossível satisfazê-la se, entretanto, não se tivesse produzido um outro fenómeno: a invenção das edições de bolso.

Esta inovação, que iria inundar o mercado — são anualmente impressos cerca de 650 milhões de livros de bolso nos E. U. A. —, justificou ou exigiu investimentos consideráveis e, por outro lado, modificou radicalmente o aparelho de difusão do livro. Aos postos de venda tradicionais vieram juntar-se novos lugares de difusão: armazéns populares, tabacarias, «drugstores», etc.

Por outro lado, o sistema europeu da «venda em consignação» é considerado pouco eficaz pelos editores norte-americanos. Nos E. U. A., as distribuidoras preleem confiar num grande número de representantes que, regularmente, visitam as livrarias, aceitam e satisfazem as encomendas. Eis um sistema muito mais eficaz — satisfaz o melhor do público e há um controle das vendas — mas muito mais dispendiosas também.

O livro, tendo passado a circular num mercado de massas, deixava de ser um objecto artístico para se transformar num produto industrial. As edições correntes, tradicionais, continuavam de facto limitadas a tiragens restritas. Se o sucesso batia numa obra, as impressões exigiam investimentos progressivos mas imediatamente lucrativos. As tiragens massivas necessárias à vasta difusão das edições de bolso modificaram a situação.

Semelhante expansão exige meios financeiros apropriados. Por frutuosas que fossem as suas actividades, as editoras tradicionais não estavam à altura de fazer face às crescentes necessidades de capitais exigidas pelo aumento da procura.

Empresas em pleno crescimento, cada vez mais prósperas, encontravam-se, pois, paradoxalmente, face a insolúveis dificuldades de tesouraria. Facto tanto mais grave quanto os editores, tradicionalmente pouco versados na gestão de empresas, se viam confrontados ao seu próprio gigantismo; o crescimento exigia conhecimentos de «management» incompatíveis com o estatismo que a prospeção literária tradicional pressupõe.

As sociedades financeiras que iniciaram o processo de compra de editoras estavam quase todas ligadas ao sector da electrónica e das comunicações (communications), sector que engloba todas as técnicas de difusão. Para estas empresas, uma editora constituía uma empresa rentável e era tentador investir no mundo do livro. A uma tal motivação puramente financeira acrescia, para certos industriais, a atracção pela cultura e pelos seus símbolos — e, evidentemente, pelos direitos de reprodução e de adaptação das obras originais...

O elemento decisivo foi porém de um outro tipo. Em razão do desenvolvimento das experiências de Ensino programado e das previsões optimistas, que anunciavam a utilização próxima e intensiva das «máquinas de ensinar», as firmas legadas às «communications» e à electrónica quiseram assegurar-se da matéria-prima dos programas, até então conferida aos livros.

Este concurso de circunstâncias está na origem da compra massiva das editoras por grupos industriais e financeiros. Como se efectuam na prática, essas compras? Os pontos de partida são tão variados como as fórmulas de fusão. Em certos casos, processam-se através da aquisição das acções na Bolsa. Noutras, o próprio editor procura uma aliança de que espera obter benefícios.

Na prática, há movimentos e processos contraditórios. Não é de estranhar, dado o que acima ficou dito, que a C. B. S., com a sua vasta rede de Rádio e de Televisão, se interesse por editoras como a Holt, Rinehart e Winston Inc. Mas o fenómeno é inverso quando é a grande editora Doubleday que adquire uma companhia produtora de filmes, ou quando um editor especializado em publicações científicas, como a McGraw Hill deseja apropriar-se (e apropriar-se) de um laboratório que produz conhecimentos de «management» incompatíveis com o estatismo que a prospeção literária tradicional pressupõe.

Entretanto as coisas não evoluem a contento de todos. Em primeiro lugar, do pessoal das editoras, nomeadamente dos «editores», técnicos que, na América, têm a seu cargo a escolha dos manuscritos e o seu

lançamento no mercado. Estes «managers» não se limitam porém a recrutar escritores e a comprar direitos. Aconselham o autor, defendem os seus direitos — a tal ponto que, quando um «editor» abandona uma empresa, os «seus» escritores o seguem quase sempre. Certos «editores» desempenham assim um papel de primeiro plano, na estreia de Maxwell Perkins, que rescrevia os romances de Thomas Wolfe, e sem a ajuda de quem o escritor não teria conhecido a glória.

É evidente que estes mentores têm a entrada definitiva das editoras na órbita dos grandes grupos financeiros. Que acontecerá se os novos patrões passarem a vender livros como quem vende produtos de Televisão, desprezando a busca e a procura dos talentos ignorados e interessando-se apenas pelas obras imediatamente rentáveis?

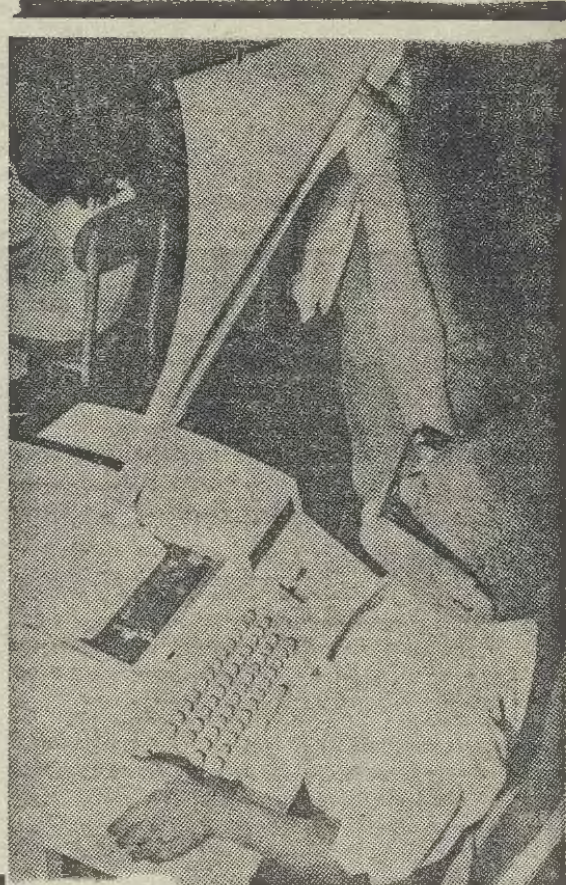
Os estados-maiores mostram-se mais optimistas: viam na aliança com os grupos financeiros a possibilidade de expandirem as suas actividades; os investidores não arriscam por enquanto aquilo que os editores desejariam, também não limitam a acção dos seus associados. Conservam estruturas e, prudentemente, mantêm-se na expectativa.

Paralelamente, a evolução das técnicas em que as empresas de «communications» tanto apostavam quando começaram a investir no mundo da edição, processa-se com lentidão. Os peritos julgam que só dentro de 25 anos será possível tirar um plano partido dos reagrupamentos. O ensino programado desenvolve-se, mas serão necessários anos e anos antes que possa ser vulgarizado. A compra de ordenadores pelas escolas é mais lenta do que a euforia inicial fazia prever.

O casamento da indústria e do livro não foi, como muitos esperavam, coroado por uma felicidade sem nuvens. A razão desempenha nesta associação um papel maior do que a efectividade ainda que, na sua origem, tenha havido amor à primeira vista.

A medida que os anos vão passando, a batalha contra o analfabetismo vai acumulando vitórias. Não tanto, infelizmente, quanto é de desejar. Mas em cada subdesenvolvida há um potencial desejo de aprender tudo, principalmente a ler. Dentro de anos, eles serão novos milhões de consumidores de palavra escrita na primeira vista.

A INDÚSTRIA E O LIVRO



UM MERCADO



CADA VEZ



MAIS VASTO

A medida que os anos vão passando, a batalha contra o analfabetismo vai acumulando vitórias. Não tanto, infelizmente, quanto é de desejar. Mas em cada subdesenvolvida há um potencial desejo de aprender tudo, principalmente a ler. Dentro de anos, eles serão novos milhões de consumidores de palavra escrita na primeira vista.

PINTANDO A POLÍTICA

Por WOLFGANG RAINIER

SE durante o tempo em que fuma um cigarro o director de uma associação de Belas-Artes pensasse qual seria o tema mais actual para uma exposição, ele seria obrigado a responder: «Arte e Política».

O tema é tão actual e coaduna-se tão bem como o mecanismo de espera, que chegamos a perguntar a nós próprios se os promotores da exposição que teve esse mesmo nome, ora em exibição na Associação de Belas Artes de Baden, em Karlsruhe, não se iam dar conta de que não se trata de uma transposição de um estado actual de coisas, que tem mais em comum com a Mona Lisa do que com a quadriga de Kassel? Não nos enganamos a esse respeito: a consciência alemã é alimentada por fontes bem diversas das estéticas. Nem mesmo o mais popular realismo da «gilt-propp», em alemão, aguenta uma confrontação com a sugestão da realidade feita pelos meios de comunicação de massa. Neste sentido, a informação nada mais é do que um tópico.

Alguns artistas reconheceram esse facto, desistindo consequentemente de fazer arte. Por isso pintam porquinhos em preto, vermelho e amarelo, ostentando suásticas, ou instalam processos contra a autoridade (tal como H. P. Alvermann) ou então limitam-se a agitação verbal, como o faz o Guerrilla Art Action Group, que se recusou a uma participação artística na exposição, a fim de não participar da perversão «da arte pelo negócio». O berlinense E. P. Bremer também enviou a exposição os seus conhecidos objectos — como por exemplo os «Padrões das Coras Nacionais» — com a consciência resignada de quem sabe que a arte já não tem a sua eficiência política no «nosso atrasado sistema capitalista».

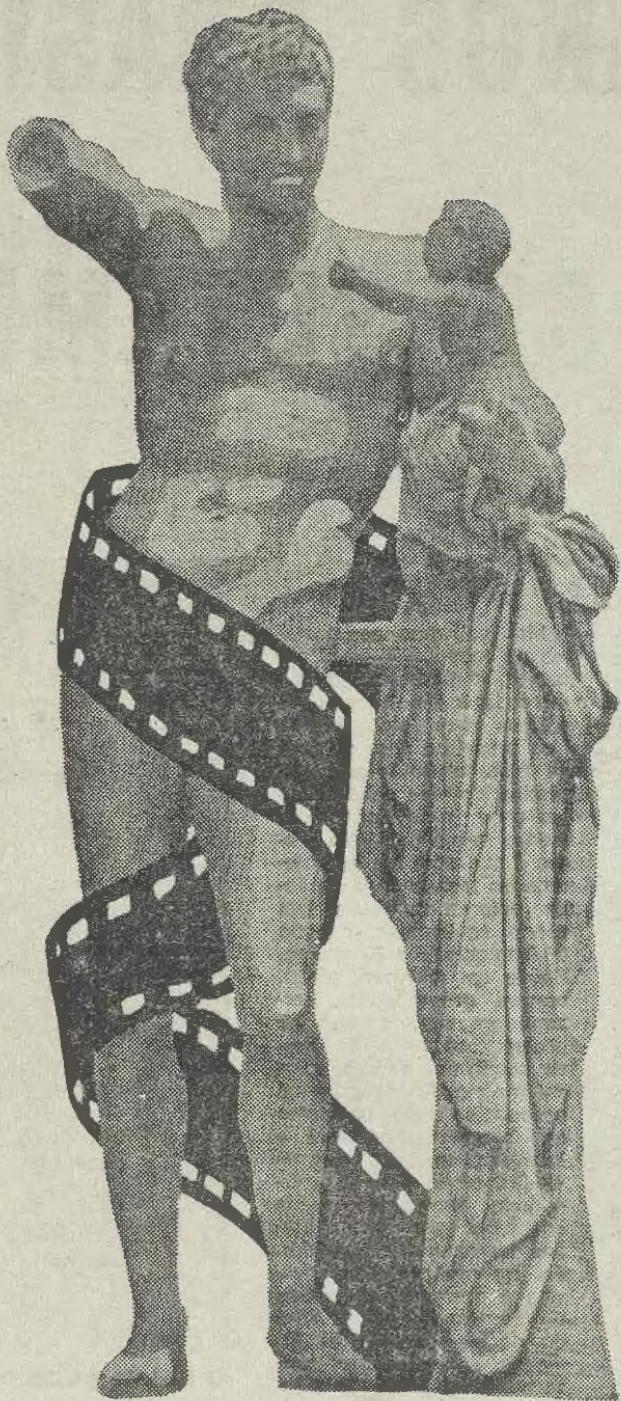
Resta-nos só, e novamente, a contemplação do vasto espectro de uma arte que, seja como for, tenha relações com a política, registando a graduação variável do compromisso político que vai desde a declaração política directa e não-artística até às concepções gráficas-entimáticas dirigidas ao bom gosto. Para aqueles que não pertencem à «élite intelectual» a própria passagem pelo estreito canal que leva à associação e à chegada junto a quadros que se abstiveram de mãos do homem comum, graças às alturas inatingíveis de seus preços, não se verá facilitada pela ajuda

convencional de uma formação cultural popular ou proveniente de estímulos sindicais.

E o que se espera do crítico de elite? Que não seria enganoso tentar convencer aqueles que não pertencem à elite de que, no caso, se trata de coisa bem diversa de quadros de que não se trata da transposição de um estado actual de coisas, que tem mais em comum com a Mona Lisa do que com a quadriga de Kassel? Não nos enganamos a esse respeito: a consciência alemã é alimentada por fontes bem diversas das estéticas. Nem mesmo o mais popular realismo da «gilt-propp», em alemão, aguenta uma confrontação com a sugestão da realidade feita pelos meios de comunicação de massa. Neste sentido, a informação nada mais é do que um tópico.

Alguns artistas reconheceram esse facto, desistindo consequentemente de fazer arte. Por isso pintam porquinhos em preto, vermelho e amarelo, ostentando suásticas, ou instalam processos contra a autoridade (tal como H. P. Alvermann) ou então limitam-se a agitação verbal, como o faz o Guerrilla Art Action Group, que se recusou a uma participação artística na exposição, a fim de não participar da perversão «da arte pelo negócio». O berlinense E. P. Bremer também enviou a exposição os seus conhecidos objectos — como por exemplo os «Padrões das Coras Nacionais» — com a consciência resignada de quem sabe que a arte já não tem a sua eficiência política no «nosso atrasado sistema capitalista».

Resta-nos só, e novamente, a contemplação do vasto espectro de uma arte que, seja como for, tenha relações com a política, registando a graduação variável do compromisso político que vai desde a declaração política directa e não-artística até às concepções gráficas-entimáticas dirigidas ao bom gosto. Para aqueles que não pertencem à «élite intelectual» a própria passagem pelo estreito canal que leva à associação e à chegada junto a quadros que se abstiveram de mãos do homem comum, graças às alturas inatingíveis de seus preços, não se verá facilitada pela ajuda



A CÂMARA NUA

Por HARRY BERNSTEIN

O Guild dos actores americanos está a criar grupos de estudo para examinar um aspecto que cada vez mais envolve a representação profissional: a nudez.

«Devido à crescente utilização do sexo e da nudez nos filmes» — disse um informador — «os comités de estudo foram designados para determinar que acção pode ser necessária para proteger os sócios envolvidos em semelhantes situações».

Que situações? O Guild criou algumas: A habilidade de um produtor que contrata uma actriz sem lhe dizer que ela tem de rodar cenas de nus senão depois de ela ter começado a trabalhar na fita.

Raparigas buscando uma oportunidade são obrigadas a despirem-se perante o produtor em entrevistas de admissão para papéis mul-

tas vezes já preenchidos. Casos em que fotos de uma cena de nudez tirada durante a filmagem é distribuída ou vendida perante o compreensível embaraço de uma actriz ou actor que nem sequer foram consultados.

O informador disse ainda que tinha havido um crescente número de queixas de sócios pedindo protecção e assistência nestes casos. O Guild, que representa 20 mil membros, concluiu que um código de conduta é necessário para limitar cenas de sexo e de nudez. A direcção do Guild de realizadores, por outro lado, contratou investigadores para «olharem pela situação». Uma comissão de estudo de quatro membros investiga queixas de Hollywood e outra composta por 12 pessoas analisa o maior número de relatórios e participações de Nova York.

«Se a criação de um acto de sinceridade humana engloba por si só uma revelação da intimidade», afirma ele.

Uma medida que os «comités» encaram é a de encerrar os estúdios a visitantes durante a filmagem de cenas de nudez, reduzindo presumivelmente o embaraço de actrizes e actores que actualmente trabalham ainda nessas condições. E não tem grande efeito na medida em que os filmes serão apresentados ao público geral.

Embora o nu no cinema esteja sujeito aos condicionamentos do comércio, os produtores americanos o utilizam, por enquanto, como o elemento promocional, accedendo ao gosto do público, a Escandinávia e a Alemanha, na Europa, desencadearam furiosamente o assalto ao mercado com verdadeiros filmes pornográficos que durante meses, em certos casos anos, mantêm em exibição nos grandes capitais do Mundo. De tal modo isso tem pesado na «balança de pagamentos» do cinema que Roma e Hollywood entraram, apesar de alguns círculos moralistas e moralizadores terem contra-atacado com críticas violentas ao run por onde o cinema está envolverado.

O nu não é já explorado hoje no estrito gosto masculino de mostrar belos «pin-ups» passeando na casa de minúsculos avatares.

Mas o nu tem despertado outro tipo de reacções, designadamente a dos actores e actrizes que não estão dispostos a basear numa modalidade a sua carreira.

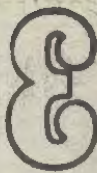
«Renunciaria a tudo o que nos cobre» não é, para Grotowsky, o mesmo que vender o corpo do público. Este homem de teatro discutiu amplamente em Nova York aquilo que se pode resumir numa só frase: «valor ou obscenidade da nudez no Teatro».

«O desnudamento em Teatro» — salienta Grotowsky — «deve ser entendido como sinónimo de abandonar tudo o que nos defende, renunciar a tudo o que recobra, ou seja: o contraponto de esconder».

E acrescenta aquela encenadora, capaz de pôr, perante o público, uma companhia inteira em pélo: «Literalmente, o desnudamento significa mais do que estar nu, no sentido corporal. O fenómeno da desnudamento quer-se total».

Grotowsky disse ainda, no decurso do debate, que apenas pode sentir que, num fenómeno que funciona como obscenidade e acontece assim porque o espectador é sugestionado por uma coisa dita drástica que age por si só e é comercialmente rentável.

«Se a criação de um acto de sinceridade humana engloba por si só uma revelação da intimidade», afirma ele.



148 ANOS BRASILEIROS DE SETE DE SETEMBRO

Por CHIANCA DE GARCIA

ESTA semana o Brasil está festejando com justa e animada exuberância o dia da sua independência. Grito que foi dado, como sabem, pelo que logo depois seria o 1.º Imperador do Brasil, para mais tarde se transformar, na História de Portugal, em S. M. D. Pedro IV — e que aí está, em bronze, no Rossio lisboeta, praça de tantas lembranças da minha juventude.

Toda a América, é claro, acabou independentizando-se. A do Norte virou superpotência. E o Brasil, estruturalmente ligado à língua portuguesa, é hoje uma nação que pode festejar o seu Sete-de-Setembro com um slogan feliz lançado de improviso pelo próprio Presidente da República quando da recente conquista da Copa do Mundo nos campos de futebol do México: — Ninguém segura este país!

ANO APÓS ANO

A semana da Pátria, assim chamada, tem sido comemorada com brilho, encerrando-se amanhã, sete-de-Setembro, com o maciço desfile das Forças Armadas. Bandeiras. Cartazes coloridos, e muita alegria, até esportiva, porque, logo mais, explodirá um novo *Fla-Flu* que, marcado, aliás, no calendário, para data posterior, foi antecipado para que o Presidente da República (no momento, no Rio de Janeiro) pudesse assistir ao jogo, ele que é, em futebol, um torcedor doente do Flamengo. Lá estará, como de costume, tendo colado ao ouvido um solidário transistor, coisa que a massa esportiva acha bacana. É bom. O Presidente, apesar de o ser de todos os brasileiros, costuma de se mostrar humanamente livre nos seus gostos e paixões. Azar o dele. Eu no entanto sou mais fluminense. A colônia portuguesa, porém, vai torcer com o Presidente. Isto porque vencendo o *Fla* o Vasco da Gama continuará feliz como líder do campeonato carioca (eu não sou vascaíno).

Mas voltamos aos festejos da Independência. Desta vez, já o disse, são numerosos e coloridos. Nem sempre tem sido assim. Nos primeiros anos do Brasil livre, ainda foram quebradas algumas cabeças de lusitanos mais patrioticamente teimosos. Veio Pedro 2.º, e com ele as soteriedades tomaram um caráter palaciano. Quase iam sendo esquecidas, quando foi implantada a República. Houve um alvoroço inicial, porque, nesse tempo, Portugal era monarquia, e os portugueses ricos do Brasil sonhavam com a volta do Império. Pouco a pouco nasceu o triste nativismo que provocou zangagens e insatisfações. Mas os sete-de-Setembro iam continuando firmes. E assim aconteceu até Getúlio Vargas tomar conta do poder. Foi ele que criou de novo, viva e exaltante, a mística do Sete-de-Setembro. Além do destile das Forças Armadas, as festividades passaram a ter por base a juventude das escolas. Iniciou-se a era das bandeirinhas verde-e-amarelo nas mãos da gurizada desfilando e cantando o hino da Bandeira. Getúlio discursava bonito. No Governo do marechal Dutra, não lembro bem, mas o Sete-de-Setembro não deve ter escutado as suas palavras. Ele era, e ainda é, homem de poucas e difíceis palavras.

Juscelino não se preocupou demasiado com a data. Só pensava na oração de Brasília. Depois veio Janio Quadros. Passamos por cima. Jango Goulart sonhou absurdamente com um governo esquerdista, e foi o fim. Veio então 1964, e o primeiro Presidente, marechal Castelo Branco, destacou-se pela sobriedade. Considerava que ser impopular, e distante, de tudo e de todos, era a obrigação de quem tinha de governar numa missão de austeridade. O rigor era o seu lema.

Deu lugar a outro marechal: Costa e Silva. Este, de algum modo, queria ser o oneto de Castelo Branco. Mas o destino colocou-o



«O BRASIL CONFIA»

entre dois fogos. Via o Brasil dividido mas não encontrou chave que fizesse abrir as portas por detrás das quais se encontravam uns e outros. Seus sete-de-Setembro foram esquivos, dúbios, indecisos.

Agora, em 1970, aqui está o Sete-de-Setembro talvez mais animado desde o tempo de Getúlio. O Presidente Médici deu-lhe um ritmo de euforia. Rodeou-se de gente nova, e ousada. Lançou a ideia audaz da Transamazônica. E apresenta amanhã, aprovada pelas câmaras (a toque-de-caixa) um PLANO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL em que se possibilita a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas. Nisto, confesso, em termos de Brasil, a ideia generosa tem certos laivos de utopia. Mas o Presidente tornou-se acessível ao povo. Fala francamente da miséria e da injustiça que vai encontrando no seu caminho. Sente o desnível entre ricos e pobres. E é isto, acima de tudo, o que, de algum modo, dá a este sete-de-Setembro de 1970

— uma esperança nova — o Brasil confia.

6 de Setembro

PORTUGAL DESCOBRE UM ADVOGADO (do diabo, aliás)

A experiência é uma realidade válida. Tenho por mim que o pior analfabeto não é o que não sabe nem ler nem escrever, mas aquele que não sabe pensar em termos de liberdade primária.

O que vale hoje, nesta carta, para vocês, portugueses, escrita neste Rio de Janeiro, em plena semana da Pátria, é a novidade, de que surgiu por aqui de repente, um fulano, pedindo em altos brados, num jornalzinho paulista, ao Presidente da República, ao governo, ao congresso, às Forças Armadas e à Justiça para que seja proibida no Brasil a divulgação de anedotas e piadas de portugueses.

Estão comoreendendo? Ele quer considerar a anedota como subversão, como crime, como infâmia, sei lá, digna de penas que podem ir aos trabalhos forçados para toda a vida.

E isto porquê? Porque um sujeito num grupo de amigos, ou um oladista nas páginas de uma revista de humor, ou no teatro, ou na televisão — contou a propósito, ou a despropósito, uma velha anedota de Manuel e Joaquim.

Ora o mundo lá está cheio de proibições. Em nome da moralidade, do divismo, da defesa nacional, e de mil coisas mais. E não é que vem agora o

tal fulano da gazetinha de São Paulo querer proibir, por lei, a noventa anedota de portugueses?

RESPOSTA A LETRA

Ora a verdade é que existe em toda a parte e sob iguais, ou outros aspectos, a mesma anedota que por aqui se chama de português. Vou mais longe. Nos meus tempos de Lisboa, eu e os meus companheiros de tertúlia, no café Martinho, só contávamos anedotas de brasileiro, que, por certo, conti-

ce, aqui, em São Paulo. O México ri dos portugueses. E assim em todo o mundo. Acresce que o brasileiro gosta de anedota de traço grosso. A anedota fina, e sofisticada, tipo humor-negro, tem pouca aceitação. Uma coisa justifica as outras: entendem? Camilo Castelo Branco ria do português *abrasileirado*. Eça de Queiroz que gostava de brasileiros e escrevia nos seus jornais, não deixou de lhes aplicar algumas acerbas ironias. E ele, no Brasil, é pelo menos tão estimulado quanto em Portugal.

nuam a ser contadas em risonha liberdade. E com todos os portugueses amando e estimando o Brasil e brasileiros, com sua música, seus poemas, seu futebol, e sua alegre simpatia. É ou não é?

E tem mais. Ouso dizer mesmo que a anedota de português marca colonizadamente a presença do português no Brasil, visto que, em outras coisas, somos quotidianamente pouco lembrados: nas artes, nas letras, no valor, no trabalho, no carácter.

Não conheço nenhum português que se ofenda, ou ache desagradável, quando escuta uma dessas anedotas. Na pior das hipóteses rípostamos sorrindo com uma daquelas que por certo ainda andam de boca em boca, aí, em Portugal, e de que falei acima.

E isto porque, acima de tudo, trata-se de um caso de *sabedoria universal* no hábito de ridicularizar os vizinhos, ou como no nosso caso, o *companheiro único de idioma*.

Os ingleses riem da avareza dos escoceses. Em mil anedotas. Lá vai uma, por ser curta:

Em certa cidade da Escócia um inglês deixa inadvertidamente cair um niquel no chão. A desordem que se seguiu causou três mortes.

Então, sempre em todo o mundo, nós, os seres humanos, de todas as raças, insistimos no jeito de nos ridicularizarmos e avacalharmos mutuamente. Não se pode evitar, porque é da nossa condição. E assim será através dos séculos. Agora tem uma coisa. Aqueles que não gostam, no Brasil, de ouvir anedota de português que se contentem em lembrar, indagando na boa sabedoria francesa:

— Dis-moi de que tu ris, je te dirai qui tu es...

LIVROS, SEMPRE UMA ALEGRIA

Estas *Cartas do Brasil* tento doseá-las da melhor maneira para que não se transformem em *CARTAS PORTUGUESAS*, pois, por prazer, teria o gosto de só divagar conversando, como mero leitor, sobre os livros que recebo. Minha maneira de falar deles é o meu modo de lembrar Portugal. Os livros são de hoje, as minhas memórias de ontem. Talvez no próximo domínio tenha oportunidade de divagar sobre os volumes recebidos esta semana. Olhem só: aqui ficam os *Itálicos*, e os nomes dos autores, *Londres sem Tamisa*, de Carlos Pinheiro; *Uma lona e estranha pausa*, de Antônio Augusto Sales; *Motivo vivo*, de Madalena Santos; três volumes de Antônio Pinho, e uma novela expansionista de Jaime Graefino, intitulada *O Fosso*. Será como Deus quiser.

C. de G.

Exclusivo / DL

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» / 15 DE SETEMBRO DE 1970 / N.º 1